

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CORA CORALINA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA
LITERATURA E INTERCULTURALIDADE**

LEÊNNY TEIXEIRA DE ARAÚJO

**TOPONÍMIA E LITERATURA: OS LUGARES VILABOENSES NA POÉTICA DE
CORA CORALINA**

Goiás - GO
2024

LEÊNNY TEIXEIRA DE ARAÚJO

**TOPONÍMIA E LITERATURA: OS LUGARES VILABOENSES NA POÉTICA DE
CORA CORALINA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação-POSLLI, Mestrado em Língua Literatura e Interculturalidade – da Universidade Estadual de Goiás- Campus Cora Coralina como requisito parcial de créditos para obtenção do título de Mestre em estudos da Língua.

Linha de pesquisa 1: Estudos da Língua e Interculturalidade.

Orientadora: Profª. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Goiás - GO
2024



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo Leenny Teixeira de Araújo
E-mail: leenny.araujo@aluno.ueg.br

Dados do trabalho

Título: Toponímia e Literatura: Os lugares vilaboenses na poética de Cora Coralina.

Tipo:

☐ Tese ☒ Dissertação

Curso/Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua Literatura e Interculturalidade (POSLLI) da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina- Cidade de Goiás-GO

Concorda com a liberação documento

☒ SIM ☐ NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Cidade de Goiás 30 de maio de 2024.



Documento assinado digitalmente
LEENNY TEIXEIRA DE ARAUJO
Data: 04/06/2024 22:40:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Documento assinado digitalmente
KENIA MARA DE FREITAS SIQUEIRA
Data: 06/06/2024 10:04:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura autor(a)

Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

A663t Araújo, Leênny Teixeira de.

Toponímia e literatura : os lugares vilaboenses na poética de Cora Coralina [manuscrito] / Leênny Teixeira de Araújo. – Goiás, GO, 2024.

136 f. ; il.

Orientadora: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira.

Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2024.

1. Literatura brasileira. 1.1. Toponomástica. 1.2. Topônimos. 1.3. Cora Coralina. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81'373.21+82.09

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

Universidade
Estadual de GoiásESTADO DE GOIÁS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - GOIÁS

ATA DE EXAME DE DEFESA 15/2024

Aos vinte e quatro dias do mês de Abril de dois mil e vinte e quatro às quinze horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Leanny Teixeira de Araújo, intitulado **"TOPONÍMIA E LITERATURA: OS LUGARES VILBOENSES NA POÉTICA DE CORA CORALINA"**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira – Presidente – (POSLI/UEG), Dr. Cleber Cezar da Silva (PPG-ENEB), Dra. Carla Conti de Freitas (POSLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (X) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se

houver):

Cumpridas as formalidades de pauta, às ____16h45____ a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, ____24____ de ____Abril____ de 2024.

Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira (POSLI/UEG)

Prof. Dr. Cleber Cezar da Silva (PPG-ENEB)

Profa. Dra. Carla Conti de Freitas (POSLI/UEG)



Documento assinado eletronicamente por **CARLA CONTI DE FREITAS, Coordenador (a)**, em 29/04/2024, às 09:57, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **Kênia Mara de Freitas Siqueira, Usuário Externo**, em 29/04/2024, às 12:02, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **Cleber Cezar da Silva, Usuário Externo**, em 29/04/2024, às 13:06, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site http://sei.go.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=1 informando o código verificador 57763215 e o código CRC 4AE66FB6.

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - GOIÁS
AVENIDA DR. DEUSDETH FERREIRA DE MOURA S/N, S/C - Bairro CENTRO - GOIÁS - GO - CEP 76600-000 - (62)3936-2160.



Referência: Processo nº 202400020004297



SEI 57763215

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela vida e oportunidades infinitas de aprendizagens.

Aos meus filhos Lucas Matheus e Luiza Vitória, minha razão de viver.

Ao meu esposo Jaime Gomes, pelo companheirismo e compreensão.

Aos meus pais Domingos Teixeira e Ordelícia Moreira, pela educação e incentivo.

Aos meus Irmãos e sobrinhos, que na caminhada da vida tem me ensinado a amar cada dia mais.

Ao meu afilhado Allan e minha amiga Laura Parreira, pelo incentivo na inscrição do processo seletivo do curso.

Aos meus amigos, Antônio Moreira, Eugênio Marcos, Joiciele Helena, Letícia Cristina e Norma pelo estímulo e paciência em me ouvir.

Ao meu amigo e professor, Eurico Elmo Pinheiro, pelo apoio e orientações nas traduções de Língua Inglesa.

A todos os professores do programa de Mestrado POSLLI, em especial a professora Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira, minha Orientadora e um anjo que Deus colocou na minha vida.

À banca de qualificação, composta pela Professora Dra. Carla Conti de Freitas e Professor Dr. Cleber Cezar da Silva, pela disposição e interesse em ler e contribuir para texto da minha dissertação.

Aos companheiros de curso, em especial meus amigos: Ana Maria Pereira Santos, Innis Pozzobon Mews e Jhon Cesar Moraes, que ao longo desses meses tem dividido comigo as angústias e os prazeres dessa experiência que é o mestrado. “Amizades construídas em Goiás que irão nos acompanhar pela vida”.

A minha querida Profa. Dra. Marly Augusta de Magalhães, por me incentivar a seguir os caminhos da Toponímia.

Enfim, a todos aqueles que de forma direta ou indireta, contribuíram com essa etapa que está sendo concluída.

*O que vale na vida não é o ponto de partida
e sim a caminhada. Caminhando e semeando,
no fim, terás o que colher. (Cora Coralina).*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os nomes dos lugares presentes na obra de Cora Coralina (prosa ou poesia), pois reconhece que, vinculados aos topônimos, subjazem as percepções do denominador acerca do lugar nomeado, com indícios dos marcos históricos e das características físicas, culturais do lugar nomeado. Essa perspectiva orienta os estudos toponímicos no sentido de investigar os nomes próprios de lugar para verificar as motivações que permeiam a escolha de um nome para um lugar. Aventa-se assim, a hipótese de que tais topônimos (presentes na poética Coralineana) são como pontos no mapa pelo qual os personagens se locomovem e se orientam face ao desenrolar da narrativa ou dos versos. Dessa maneira, espera-se contribuir para os estudos toponímicos, no que se refere à relação entre estudos onomásticos e a literatura goiana, para demonstrar como os nomes de lugares se entrelaçam à composição dos personagens, possibilitando inclusive, o resgate de elementos da cultura e de fatos históricos que permeiam a nomeação dos lugares vilaboenses, considera-se assim, o caráter humanístico e interdisciplinar do qual se reveste a escolha de um nome para designar um lugar físico ou cultural. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva e documental, que se vincula à Toponomástica, um ramo da Onomástica, mais diretamente, aos estudos empreendidos por Ananias e Zamariano (2014a) (2014b); Andrade (2015); Biderman (1981) (1986) (1987) (1998a) (1998b) (2001); Cabrera (2002); Carvalhinhos (2009); Castro (2018) (2020); Dick (1975) (1990a) (1992); Isquardo (1996) (1997) (2012); Moreira (2010); Seide (2013) (2020); Silva (2017); Silva (2016) (2020); Siqueira (2012) (2014) (2015) (2017) (2018) (2020) (2022) (2023a) (2023b); Trapero (1994) (1999), entre outros, a fim de diferenciar método e categorizações mais indicadas para estudo dos topônimos. Para constituição do *corpus*, recorre-se a procedimentos específicos do percurso onomasiológico na literatura de Cora Coralina (2014a) (2014b), cujos elementos são catalogados e considerados como léxico patrimonial.

Palavras-chaves: Toponomástica. Literatura. Topônimos. Cora Coralina.

ABSTRACT

This research aims to analyze the names of places present in the work of Cora Coralina (prose or poetry), because it recognizes that, linked to the toponyms, underlie the perceptions of the denominator about the named place, with indications of the historical landmarks and the physical characteristics, cultures of the named place. This perspective guides toponymic studies in the sense of investigating proper names of place names to verify the motivations that permeate the choice of a name for a place. Thus, it is hypothesized that such toponyms (present in Coraline's poetics) are like points on the map through which the characters move and orient themselves in the face of the unfolding of the narrative or the verses. In this way, it is expected to contribute to toponymic studies, regarding the relationship between onomastic studies and Goiás literature to demonstrate how the names of places are intertwined with the composition of the characters, also making it possible to rescue elements of culture and historical facts that permeate the naming of vilaboense places, thus considering the humanistic and interdisciplinary character of which the choice of a name to designate a physical or cultural place. As for the methodology it is a qualitative descriptive and documentary research, which is linked to Toponomastics, a branch of Onomastics, more directly to the studies undertaken by Ananias and Zamariano (2014a) (2014b); Andrade (2015); Biderman (1981) (1986) (1987) (1998a) (1998b) (2001); Cabrera (2002); Carvalinhos (2009); Castro (2018) (2020); Dick (1975) (1990) (1992); Isquerdo (1996) (1997) (2012); Moreira (2010); Seide (2013) (2020); Silva (2017); Silva (2016) (2020); Siqueira (2012) (2014) (2015) (2017) (2018) (2020) (2022) (2023a) (2023b); Trapero (1994) (1999), among others, in order to differentiate the method and categorizations most suitable for the study of toponyms. For the constitution of the corpus, specific procedures of the onomasiological path in the literature of Coralina (2014a) (2014b) are used, whose elements are cataloged and considered as patrimonial lexicon.

Keywords: Toponymy. Literature. Toponyms. Cora Coralina.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APLA	ACADEMIA PIRESINA DE LETRAS E ARTE
ATAOB	ATLAS TOPONÍMICO DA AMAZONIA OCIDENTAL BRASILEIRA
ATB	ATLAS TOPONÍMICO BRASILEIRO
ATEMA	ATLAS TOPONÍMICO DO ESTADO DO MARANHÃO
ATEMIG	ATLAS TOPONÍMICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
ATEPAR	ATLAS TOPONÍMICO DO ESTADO DO PARANÁ
ATESP	ATLAS TOPONÍMICO DO ESTADO DE SÃO PAULO
ATITO	ATLAS TOPONÍMICO DE ORIGEM INDÍGENA DO TOCANTINS
ATOBAB	ATLAS TOPONÍMICO DA BAHIA
ATT	ATLAS TOPONÍMICO DO TOCANTINS
L	LÍNGUA
MA	MAPA AMBIENTAL
P	POPULAÇÃO
POSLLI	PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
T	TERRITÓRIO
UEG	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UFG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UEL	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
UEMA	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
UFAC	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
UFMG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
UFMS	UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
UFT	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
UNEB	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
USP	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Rua da Abadia.....	65
Figura 02 - Rua do Carmo	66
Figura 03 - Beco da Boa Morte	67
Figura 04 – Ponte do Carmo.....	70
Figura 05 – Chafariz da Boa Morte	68
Figura 06 – Ordem de São Domingos	70
Figura 07 – Igreja de N. S. da Boa Morte	69
Figura 08 – Igreja de N. S. da Abadia	70
Figura 09 - Igreja de Santa Bárbara.....	71
Figura 10 - Igreja de N. S. do Carmo	72
Figura 11 - Igreja de N. S. do Rosário	72
Figura 12 - Igreja de São Francisco de Paula	73
Figura 13 - Matriz de Sant’Ana.....	74
Figura 14 - Colégio de Sant’Ana.....	74
Figura 15 - Fazenda Paraíso	75
Figura 16 - Cruz do Anhanguera	76
Figura 17 - Beco Antônio Gomes.....	77
Figura 18 - Beco do Sócrates	77
Figura 19 - Centro de Kardec	77
Figura 20 - Escola da Mestra Silvina	78
Figura 21 - Morro do Zé Mole	80
Figura 22 - Rua Joaquim Bastos.....	80
Figura 23 - Rua Joaquim Rodrigues.....	81
Figura 24 - Praça Pinheiro Machado	82
Figura 25 - Beco do Seminário.....	83
Figura 26 - Largo do Chafariz	84
Figura 27 - Beco do Calabrote	85
Figura 28 - Bequinho da Escola	85
Figura 29 - Rua do Sabão	86
Figura 30 - Rua do Ritintin.....	87
Figura 31 - Museu de Arte Sacra.....	88
Figura 32 - Clube Literário Goiano	89

Figura 33 - Ponte Nova do Mercado	90
Figura 34 - Casa de Mulheres.....	90
Figura 35 - Casa de Câmara e Cadeia Pública	91
Figura 36 - Hotel Municipal.....	92
Figura 37 - Goiás	93
Figura 38 - Goyaz.....	94
Figura 39 - Goiás Velho.....	95
Figura 40 - Cathedral de Goiás.....	95
Figura 41 - Poço da Carioca	96
Figura 42 - Beco do Cotovelo	97
Figura 43 - Chupa Osso.....	98
Figura 44 - Chafariz de Cauda.....	99
Figura 45 - Palácio do Conde dos Arcos	100
Figura 46 - Rua Monsenhor Azevedo.....	101
Figura 47 - Poço do Bispo	102
Figura 48 - Rua Nova	103
Figura 49 - Rua 13 de Maio.....	104
Figura 50 - Igreja de N. S. Aparecida de Areias	105
Figura 51 - Casa Velha da Ponte.....	105
Figura 52 - Beco da Vila Rica	107
Figura 53 - Villa Boa de Goyaz.....	107
Figura 54 - Museu das Bandeiras	109
Figura 55 - Pinguelona dos Destemidos.....	104
Figura 56 - Beco das Taquaras	105
Figura 57 - Beco do Mingu	107
Figura 58 - Milharal	108
Figura 59 - Mata	116
Figura 60 - Ponte da Lapa	116
Figura 61 - Beco do Ouro Fino.....	117
Figura 62 - Beco do Cisco.....	118
Figura 63 - Rio Vermelho	122
Figura 64 - Serra Dourada	123
Figura 65 - Rua Direita.....	120
Figura 66 - Beco Cachoeira Grande	124

Figura 67 - Rua do Fogo.....	125
Figura 68 - Poço da Mandobeira	127
Figura 69 - Largo do Retemtem	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Topônimos Presentes na Obra Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais.....	53
Quadro 02: Topônimos identificados na obra Villa Boa de Goyaz.....	55
Quadro 03: Taxionomias de Natureza Física.....	60
Quadro 04: Taxionomias de Natureza Antropocultural.....	60

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 -Planta de Vila Boa capital da capitania geral de Goiás.....	58
Mapa 02 -Mapa da cidade de Goiás.....	64

LISTA DE FICHAS

Ficha 01 - Rua da Abadia.....	65
Ficha 02 - Rua do Carmo	66
Ficha 03 - Beco da Boa Morte	67
Ficha 04 - Ponte do carmo	70
Ficha 05 - Chafariz da Boa Morte	68
Ficha 06 - Ordem de São Domingos.....	70
Ficha 07 - Igreja de N. S. da Boa Morte	70
Ficha 08 - Igreja de N. S. da Abadia	70
Ficha 09 - Igreja de Santa Bárbara.....	71
Ficha 10 - Igreja de N. S. do Carmo	72
Ficha 11 - Igreja de N. S. do Rosário	73
Ficha 12 - Igreja de São Francisco de Paula	73
Ficha 13 - Matriz de Sant'Ana.....	74
Ficha 14 - Colégio de Sant'Ana.....	75
Ficha 15 - Fazenda Paraíso	75
Ficha 16 - Cruz do Anhanguera	76
Ficha 17 - Beco Antônio Gomes.....	77
Ficha 18 - Beco do Sócrates.....	78
Ficha 19 - Centro de Kardec	77
Ficha 20 - Escola da Mestra Silvina	78
Ficha 21 - Morro do Zé Mole	80
Ficha 22 - Rua Joaquim Bastos.....	81
Ficha 23 - Rua Joaquim Rodrigues	81
Ficha 24 - Praça Pinheiro Machado	82
Ficha 25 - Beco do Seminário.....	83
Ficha 26 - Largo do Chafariz	84
Ficha 27 - Beco do Calabrote.....	85
Ficha 28 - Bequinho da Escola	86
Ficha 29 - Rua do sabão.....	86
Ficha 30 - Rua do Ritintin.....	87
Ficha 31 - Museu de Arte sacra	88
Ficha 32 - Clube Literário Goiano	89

Ficha 33 - Ponte Nova do Mercado	90
Ficha 34 - Casa de Mulheres.....	91
Ficha 35 - Casa de Câmara e Cadeia Pública	91
Ficha 36 - Hotel municipal	92
Ficha 37 - Goiás	93
Ficha 38 - Goyaz.....	94
Ficha 39 - Goiás Velho.....	95
Ficha 40 - Cathedral de Goiás.....	96
Ficha 41 - Poço da Carioca	97
Ficha 42 - Beco do Cotovelo	98
Ficha 43 - Chupa Osso.....	Erro! Indicador não definido.
Ficha 44 - Chafariz de Cauda	99
Ficha 45 - Palácio do Conde dos Arcos	100
Ficha 46 - Rua Monsenhor Azevedo.....	101
Ficha 47 - Poço do Bispo	102
Ficha 48 - Rua Nova	103
Ficha 49 - Rua 13 de Maio.....	104
Ficha 50 - Igreja de N. S. Aparecida de areias.....	105
Ficha 51 - Casa Velha da Ponte.....	106
Ficha 52 - Beco da Vila Rica	107
Ficha 53 - Villa Boa de Goyaz.....	108
Ficha 54 - Museu das Bandeiras	109
Ficha 55 - Pinguelona dos Destemidos.....	104
Ficha 56 - Beco das Taquaras	105
Ficha 57 - Beco do Mingu	107
Ficha 58 - Milharal	108
Ficha 59 - Mata	116
Ficha 60 - Ponte da Lapa	116
Ficha 61 - Beco do Ouro Fino.....	116
Ficha 62 - Barro Preto.....	116
Ficha 63 - Beco do Cisco	117
Ficha 64 - Rio Vermelho	118
Ficha 65 - Serra Dourada	119
Ficha 66 – Rua Direita	120

Ficha 67 - Beco Cachoeira Grande	125
Ficha 68 - Rua do Fogo.....	127
Ficha 69 - Poço da Mandobeira	128
Ficha 70 - Largo do Retemtem.....	124

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Natureza das Taxionomias.....	62
Gráfico 02 - Taxionomias de Natureza Antropocultural.....	63
Gráfico 03 - Taxionomias de Natureza Física.....	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
1. O NOME COMO PERPETUAÇÃO DA CULTURA DE UM POVO.....	27
1.1 O ato de nomear	27
1.2 Léxico e Cultura	30
1.3 Toponímia: Conceitos e Aplicações	33
1.4 O Léxico Toponímico.....	38
1.5 Léxico Literário	40
1.6 O Topônimo e os lugares literários na poética Coralineana	42
2. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	48
2.1 Os caminhos da Pesquisa	48
2.2 Os métodos	50
2.3 Procedimentos de constituição do <i>corpus</i>	51
2.4 Sobre as obras estudadas	54
3. ANÁLISE DOS TOPÔNIMOS CORALINEANOS	60
3.1 A velha Goiás de Cora Coralina	60
3.2 Taxionomias coletadas nas obras consultadas.	65
3.3 Análises dos topônimos de Origem Antropocultural.....	67
3.3.1 Hierotopônimos (<i>Hagiotopônimos e Mitotopônimos</i>)	67
3.3.2 Antropotopônimos.....	80
3.3.3 Ergotopônimos.....	86
3.3.4 Sociotopônimos.....	92
3.3.5 Etnotopônimos	96
3.3.6 Somatopônimos.....	100
3.3.7 Axiotopônimos	104
3.3.8 Cronotopônimos	107
3.3.9 Dirrematopônimos	108
3.3.10 Poliotopônimos	110

<i>3.3.11 Historiotopônimos</i>	<i>112</i>
<i>3.3.12 Animotopônimos</i>	<i>113</i>
3.4 Análise dos Topônimos de Natureza Física.....	114
<i>3.4.1 Fitotopônimos</i>	<i>115</i>
<i>3.4.2 Litotopônimos</i>	<i>118</i>
<i>3.4.3 Cromotopônimos.....</i>	<i>121</i>
<i>3.4.4 Cardinotopônimos</i>	<i>123</i>
<i>3.4.5 Hidrotopônimos</i>	<i>124</i>
<i>3.4.6 Igneotopônimo</i>	<i>125</i>
3.5 Topônimos de Natureza não identificada	127
 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	 130
 REFERÊNCIAS	 132

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo dos nomes próprios de lugar adveio da hipótese de que deve haver fatores físicos e culturais envolvidos no processo de escolha desses nomes e de que, certamente, não há topônimos imotivados (arbitrariamente instituídos) e que esses processos de nomeação, podem ser vistos, segundo Siqueira (2020), como catalisadores de diversos aspectos cuja origem remonta à relação língua/mundo. Convém assim, discutir tais aspectos a fim de elucidá-los para que se possa então pensar na relação ou reformulação de uma proposta metodológica para o estudo da toponímia goiana que a conceba em suas interfaces, com a literatura, por exemplo.

De acordo com Siqueira (2020, p. 158), a literatura apresenta inúmeras narrativas, seja verso ou prosa, em que os nomes de lugar, erigem-se como elementos catalisadores não somente dos sentimentos dos moradores em relação à afetividade que envolvem os locativos de uma maneira geral, pois para estes, os topônimos significam o próprio lugar. São muitas vezes, “incorporados à alma do povo” e ainda, vinculam-se a sentimentos do falante em relação à língua em que interagem.

Diante de tais afirmações, pode-se pensar, como hipóteses de pesquisa, que a literatura Coralineana é um registro da cultura vivida pela sociedade vilaboense, pois as obras de Cora Coralina, tem uma representatividade ímpar para a Cidade de Goiás, no que tange à preservação da goianidade.

Nesse sentido, associar o estudo da Toponímia aos espaços escolhidos por Cora Coralina, para falar de sua terra, de sua gente, de suas memórias, provavelmente, pode elucidar uma série de fatores que estão na base da nomeação dos lugares e dos recursos linguísticos utilizados para designar.

Assim, o presente estudo tem como objetivo, analisar os nomes dos lugares presentes na obra de Cora Coralina (prosa ou poesia), pois reconhece que, vinculados aos topônimos, subjazem as percepções do denominador acerca do lugar nomeado, com indícios dos marcos históricos e das características físicas, culturais do lugar.

Para o desenrolar da pesquisa são desenvolvidos os seguintes objetivos específicos: I) realização do levantamento bibliográfico das obras de Cora Coralina para identificação dos topônimos a serem analisados; II) buscar aporte teórico para realização da análise linguística dos designativos identificados; III) pesquisar em mapas locais as referências nominativas presente nas obras para assim, identificar a motivação da autora em citar tais topônimos; IV) elucidar a relação língua, ambiente e cultura presente na literatura Coralineana.

Para discutir sobre Toponímia inicialmente vale ressaltar que os estudos toponímicos (ou toponomásticos) no Brasil são impulsionados pela professora da USP, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, que na segunda metade do século XX, elaborou uma taxionomia para análise dos topônimos brasileiros, na qual são considerados os elementos mórficos do nome e relação semântica que estabelecem. Dessa maneira, é possível não só atribuir uma classe (taxe) para o topônimo, mas também reconhecer traços referentes ao que deu mote para a escolha do nome.

Em Goiás, os estudos toponomásticos têm acolhida, sobretudo, nos trabalhos que a professora Kênia Mara de Freitas Siqueira vem desenvolvendo em programas de pós-graduação *Strictu Sensu* (esses estudos são citados no capítulo I).

Cora Coralina escolheu a Cidade de Goiás para compor sua poética, os becos, as ruas, os rios, enfim, os lugares vilaboenses são como símbolo da história dela e dos goianos também. Vale ressaltar ainda que é possível identificar no contexto dos seus registros os aspectos da região de cerrado que compõem o estado de Goiás, e outros espaços que fizeram parte da trajetória dessa mulher que descreveu na sua poesia, o modo de vida, as memórias goianas de outros tempos e as culturas locais.

Inicialmente, convém reiterar o conceito de topônimos conforme Cabrera (2002), Dick (1990), Siqueira (2015), Trapero (1999): “Um topônimo é um nome próprio de lugar, isto é, um nome em função toponímica”. Os lugares nomeados podem ser de natureza físico geográfica ou de natureza cultural. O ato de nomear acompanha o desenvolvimento da humanidade, desde tempos imemoriais o ser humano atribui nome aos objetos do mundo. No texto bíblico, essa função coube a Adão: “E, desse modo, o homem nomeou a todos os animais: os rebanhos domésticos, as aves do céu e a todas as feras”. (Gn. 2, 20).

Para Biderman (2001), a nomeação está vinculada ao léxico e é a forma mais comum de o ser humano registrar seu conhecimento sobre a realidade, porque, no momento da nomeação dos objetos do mundo, o nomeador também efetiva a categorização desses objetos, pois os identifica (e classifica) por meio da percepção de suas semelhanças e diferenças e de suas relações e funções (simbólica com outros objetos já conhecidos).

A nomeação é a forma mais usual de impulsionar o léxico das línguas, já que, de alguma forma, o léxico é resultado da reflexão e apropriação que o indivíduo faz da sua realidade. Os nomes dos lugares não são meros marcos referenciais, eles revelam muito da história sociocultural de uma determinada sociedade. Nesse sentido, Biderman (1981), explica:

Se considerarmos a dimensão da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração para

geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias. (BIDERMAN, 1981, p. 132).

Há, nesse sentido, a necessidade de se considerar o caráter humanístico, pluridisciplinar e intercultural pelo qual se reveste a escolha de um nome para designar um lugar. É possível dizer que a língua, ou melhor, o léxico da língua, tem papel essencial nessa escolha, porque é por meio das interações, que são compartilhados, os conhecimentos, as crenças e os valores que os falantes expressam. Essas práticas são expressivamente representadas pelo léxico, de modo que os grupos nomeiam os ambientes ao seu redor, revelando a cultura e o modo de viver da sua comunidade.

Nessa perspectiva a fundamentação teórica em que se baseia esta pesquisa pauta-se nos estudos de Ananias e Zamariano (2014a) (2014b); Andrade (2015); Biderman (1981) (1986) (1987) (1998a) (1998b) (2001); Cabrera (2002); Carvalhinhos (2009); Castro (2018) (2020); Dick (1975) (1990) (1992); Isquardo (1996) (1997) (2012); Moreira (2010); Seide (2013) (2020); Silva (2017); Silva (2016) (2020); Siqueira (2012) (2014) (2015) (2017) (2018) (2020) (2022) (2023a) (2023b); Trapero (1994) (1999), entre outros, para revisar e acolher concepções e conceitos, métodos de pesquisa, propostas e realizar a análise de dados. Os dados para elaboração do *corpus* de pesquisa são coletados nas obras de Cora Coralina: **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais**, e **Villa Boa de Goyaz**.

Por meio dos estudos dos topônimos, é possível identificar as motivações que permeiam a escolha de um nome para um lugar, que determina o espaço vivido pelas personagens criadas para dar significado ao enredo descrito pela autora, possibilitando assim também um resgate de elementos da cultura e do léxico que permeiam a nomeação dos lugares vilaboenses.

Quanto ao método empregado, trata-se, de um estudo de fazer onomasiológico, mediante pesquisa de abordagem qualitativa, para os dados de levantamento bibliográfico. Os procedimentos de pesquisa consistem na leitura, revisão teórica e no consequente levantamento dos topônimos presentes nos textos de Cora Coralina para posterior categorização com base na inter-relação língua, cultura, história, literatura. Consideram-se como fontes iniciais, os textos Coralineanos, mapas históricos e outros.

Neste sentido, a proposta é compreender uma análise toponímica de acordo com os estudos toponomásticos, que visam verificar não apenas como se dá a escolha dos designativos de lugar, mas também lhes atribui uma taxa, como estabelece Dick (1990). Essa classificação se efetua por meio da identificação dos elementos físicos ou culturais a que remetem. Os

elementos podem ser um rio, um fato religioso, um evento cultural, uma data histórica, um objeto da fauna ou da flora locais.

Dessa forma, este trabalho apresenta uma proposta de pesquisa que se ancora no âmbito da Toponomástica, ramo da Onomástica, que se dedica ao estudo dos nomes próprios de lugar. E esses estudos podem abordar gênero, origens e processos de denominação em diferentes línguas.

A dissertação está estruturada da seguinte maneira: Elementos pré-textuais, mais três capítulos que organizam o desenvolvimento da pesquisa. O primeiro capítulo apresenta o levantamento de trabalhos que tratam do tema. Faz revisão dos conceitos e traça um recorte teórico em que se fundamenta as análises teóricas do objeto de pesquisa, o topônimo na literatura Coralínea. O capítulo contempla a reflexão de que o signo toponímico é, *a priori*, como um componente do léxico de uma língua. No momento da nomeação e por um percurso onomasiológico, recebe a função de nomear/referenciar. Assim, segundo Siqueira (2015), caracteriza-se o percurso gerativo da enunciação que envolve as seguintes etapas:

(i) a percepção biológica dos objetos do mundo que se transformam em substâncias estruturadas pela inter-relação língua, população e território; em seguida, (ii) tem-se a lexemização, que corresponde à produção de significados, ou melhor, deixa o nível cognitivo e se converte em signo. Na lexemização, as lexias são atualizadas no discurso proferido. O passo seguinte é (iii) a produção discursiva, isto é, ocorre a contextualização e a atualização propriamente dita, determinada por uma situação do discurso. (SIQUEIRA, 2015, p. 68).

O capítulo também oferece revisão sobre os termos específicos, o topônimo propriamente dito (Goiás, por exemplo) e os termos genéricos (becos, rua, morro, serra) que podem compor um topônimo.

No segundo capítulo, discute-se o método de pesquisa (percurso onomasiológico de cunho indutivo), apresenta-se ainda, os procedimentos de coleta de dados, as fontes, os documentos, os textos escolhidos.

Este capítulo tem também o objetivo de apresentar breves comentários acerca da obra de Cora Coralina e sua relevância para Goiás (cidade e estado). Em relação ao aporte literário, necessário se faz destacar que as questões literárias (de teoria literária) se restringem à visão mais limitada, *narrow*, e não na visão mais ampla, *broad*, já que o que se visa é o foco nos aspectos linguístico onomásticos, especialmente aqueles que estão relacionados à significação/referência dos topônimos; a estrutura morfossintática que apresentam, uma breve descrição etimológica. Posto em outras palavras, as questões de literalidade dos textos não são exaustivamente exploradas porque não configuram o escopo deste capítulo.

O terceiro capítulo, contemplará a descrição e a análise dos dados de acordo com conceitos e concepções que coadunam com o fazer onomasiológico. A obra em que há mais referência aos lugares vilaboenses é **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais**, que contém contos e poemas que aludem às seguintes microtoponímias: ruas, becos, igrejas, rio e o próprio nome da Cidade de Goiás, mas, no livro **Villa Boa de Goyaz**, já se utiliza o nome da Cidade de Goiás em quatro variantes de escrita: Villa Boa de Goyaz, Goyaz, Goiás e Goiás Velho. Estes são descritos conforme análise morfossintática, semântica e etimológica.

A prática de nomear as coisas é específica do ser humano, que vê nessa necessidade o objetivo de se apropriar ou fazer referência àquilo que é nomeado. Isto posto, fica evidente dizer que o léxico é resultado de toda a atividade comunicativa vivenciada por um determinado grupo ou comunidade e está diretamente relacionado com o ato de nomear e classificar os espaços e os seres que o ocupam. Essas denominações são registros vivos da história vivida por determinadas sociedades.

Assim, a contribuição dessa pesquisa está pautada na relevância da toponímia para organização social e cultural de um povo. Para tanto, analisar os topônimos que aparecem na literatura Coralínea é uma maneira de resgatar e identificar a importância dessa nomeação na cultura vilaboense

I O NOME COMO PERPETUAÇÃO DA CULTURA DE UM POVO

*O nome sempre suscitou
uma questão ontológica, quer dizer,
uma questão de existência.*
Moreira (2010)

Desse modo, o capítulo busca fazer um levantamento acerca do ato de nomear, analisando os caminhos percorridos pelo ser humano e os recursos utilizados para desenvolver tal atividade. As seções do capítulo abordam também sobre o conceito de “léxico”, teorias concernentes aos estudos lexicais e as inter-relações com a cultura. Para discutir acerca dos nomes de lugares como componentes do léxico da língua e das relações que isso acarreta termos linguísticos, culturais, históricos e literários. Relaciona os estudos dos topônimos com o texto literário, quando este traz referências aos lugares físicos ou culturais. Isso motivou, de certa maneira, o interesse pelos estudos dos topônimos na poética Coralineana.

1.1 O ato de nomear

O nome é o registro usado para catalogar seres, objetos e espaços no decorrer da existência, de acordo com a sua necessidade. Desse modo, o ser humano nomeia tudo aquilo que o cerca, para registrar no tempo, sua história, suas descobertas e interações com o mundo em geral. Para Biderman (1987, p. 81), “ao dar nome aos objetos, o homem os classifica simultaneamente”. Assim, “a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo”.

Para Andrade e Nunes (2015, p. 164), “Os povos designam no ato de nomear, uma espécie legítima de registro da identificação dos lugares e das pessoas, [...] revelando a sua cosmovisão e o *modus vivendi* de seu grupo”. Nessa perspectiva, o nome é o que distingue cada ser ou objeto, ao batizar algo, o homem dá significado para aquilo que é nomeado. Biderman (1998, p. 88) descreve que “a atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extralinguísticos é específica da espécie humana”.

Isquerdo (1997, p. 45), determina que “o nome de um lugar se apresenta sempre como a materialização da forma como o elemento denominador ‘vê’ e ‘sente’ a realidade no momento da nomeação”. Desse modo, o homem faz uso da língua, mais especificamente do léxico, para nomear o que está a sua volta.

A prática de atribuir nomes aos espaços, está diretamente relacionada com a linguagem e com a interação entre os falantes de uma comunidade. Ananias e Zamariano (2014, p. 321), afirmam que “não existe possibilidade de criar, de pensar, nem de existir a não ser por meio da linguagem”. Nessa vertente as autoras coadunam com a ideia de que a língua é o “modo de interpretar o mundo”. Assim, deve-se considerar que o ato de nomear está relacionado com a cultura de um povo e com o léxico utilizado por ele. Nesse sentido, Moreira, (2010), descreve:

A nomeação é apenas uma das funções da linguagem que tem um papel muito importante, pois os significados dos nomes organizam e classificam as formas de perceber a realidade, além de estarem ligados diretamente com a cultura ou comunidade. Um nome não é uma palavra aleatória ou qualquer. [...] quando pensamos em nome e no que ele significa logo nos vem à cabeça alguma designação. [...] Nomear é considerado como pressupor a existência de algo. (MOREIRA, 2010, p. 291).

Desse modo, nomear é dar sentido à existência, pois não há como descrever algo sem nome. O ato da nomeação cria uma identidade e uma significação para o que vem a existir, como afirma, Dick (1990, p. 32), “a efetiva capacidade do ser humano para a linguagem permite-lhe, conseqüentemente, traduzir em ‘formas significativas’ ou em ‘palavras’, os mais variados aspectos de sua cultura, integralizando-os em um todo orgânico”.

Segundo Silva e Siqueira (2016, p. 57), “Um topônimo é um nome, pertence ao léxico de uma língua, é linguagem”. Assim, desempenha um papel fundamental na representação e na organização do conhecimento, permitindo categorizar, classificar e compreender o mundo ao seu redor. De acordo com Araújo e Siqueira (2023, p. 132), “A motivação que subjaz à escolha dos nomes muitas vezes repousa em sensações diversas que o nomeador provavelmente sentiu ao descortinar o lugar então desconhecido e sem nome”.

Os nomes dos lugares (topônimos) não são meramente rótulos indicativos de lugares, são palavras que carregam uma carga semântica e emocional que influencia nossa interpretação do espaço. A nomeação atribuída a lugares reflete características geográficas, histórica e cultural que traduzem as motivações para essa denominação. Como afirma Siqueira (2012):

O caráter motivador das designações toponímicas oferece possibilidades de incursão pelos domínios da língua, obviamente, da cultura, da história e da geografia, pois todas essas áreas encontram-se intrinsecamente relacionadas com a atividade de nomeação dos lugares. (SIQUEIRA, 2012, p. 50).

Esses aspectos, são essenciais no processo nominativo, pois, desempenham um papel fundamental na preservação e perpetuação da memória de um povo. Silva; Siqueira (2016), defendem que há fatores que interligam a motivação do nomeador com elementos do lugar a ser nomeado:

Ao tentar elucidar a motivação subjacente ao nome que designa um determinado lugar, deslinda-se, de certa forma, uma teia de relações que interliga fatores de diversas

ordens o que pode trazer à tona elementos da cultura, da história, da geografia, da sociedade, isto é do lugar nomeado. (SILVA; SIQUEIRA, 2012, p. 57).

Diante de tais afirmações, pode-se pensar, como hipóteses de pesquisa, que a literatura Coralineana é um registro da cultura vivida pela sociedade vilaboense, pois as obras de Cora Coralina, tem uma representatividade singular para a Cidade de Goiás. Nas obras, **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais**, e **Villa Boa de Goyaz**, Cora Coralina descreve em forma de contos, poemas e poesias, a história da cidade entrelaçada a sua própria trajetória. No poema Rio vermelho a autora faz alusão a essa intimidade.

Goiás tem um rio que a recorta, dividindo a cidade em duas partes iguais. É um antigo e lendário rio de ouro e minerações passadas cujas ribas agrestes o bandeirante plantou o marco da primeira descoberta. Nasci nas margens desse doce rio e o seu murmúrio ininterrupto embalou o berço da minha infância, fecundou e perfumou a flor da minha adolescência, acalentando com amavio estranho os sonhos da minha fantasia (CORALINA, 2014, p. 101).

A descrição dos espaços na literatura Coralineana remete aos estudos toponímicos em Goiás (cidade), pois, referente aos nomes citados, é possível identificar a motivação que leva a autora a citar tais topônimos. Andrade e Nunes (2015, p. 170), descreve que os “nomes de lugares expressam, diretamente, a relação entre o homem e o espaço geográfico, estabelecendo vínculos de afeto entre os indivíduos e o lugar, designando um elo de domínio e afetividade”.

Ananias e Zamariano (2014), faz referência sobre a nomeação na literatura em geral da seguinte maneira:

Ao servir-se de sua capacidade linguística para nomear os lugares o homem estabelece algumas relações: primeiro consigo próprio, ao demonstrar conhecer a realidade circundante e utilizar seu conhecimento para designar um local; e depois com seus interlocutores, pois através do topônimo por ele usado, transmite com mais exatidão, o real significado que lhe atribuiu (ANANIAS E ZAMARIANO 2014, p. 334).

Desse modo, ao nomear os lugares reais ou fictícios no texto literário, o autor apresenta o espaço como forma, de estabelecer uma sintonia entre o leitor e a obra. O lugar descrito pelo eu lírico é identificado pelo nome que lhe é atribuído. Para Carvalhinhos (2009, p. 83), “O nome de um lugar é uma representação individualizadora do espaço utilizado pelo homem (desde tempos imemoriais) a fim de identificar, particularizar e referenciar elementos espaciais”. Assim, o nome é a representação da época de sua formação, ou seja, da vontade do seu denominador. Seguindo essa vertente, Andrade e Nunes (2015, p. 182), contribuem com a ideia de que “materializado e corporificado, o nome é um produto e o reflexo social e cultural da cosmovisão de um grupo”.

Nesse contexto, as obras: **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais**, e **Villa Boa de Goyaz**, de Cora Coralina, foram escolhidas como referências para constituição do corpus dessa pesquisa, por apresentar uma relação estreita com a formação toponímica da Cidade de

Goiás. Esse espaço preservado ao longo do tempo, retrata a cultura e a história dessa gente, e é apresentada numa coletânea de textos que transcreve as memórias temporais da autora e da cidade. Desse modo, os relatos apresentados na poética Coralineana, são experiências vividas pela autora, portanto trata-se de registros reais da infância, adolescência, vida adulta e velhice dessa mulher que nomeou até mesmo a sua casa, buscando eternizar sua história e sua escrita.

1.2 Léxico e Cultura

O léxico de uma língua é o recurso usado na comunicação dos seus falantes, em suas interações, pois é por meio da linguagem, principalmente, que o ser humano busca e faz conhecimento. Assim, ao fazer uso do léxico para nomear, o homem se apropria do seu espaço, registra sua cultura e sua história. Biderman (1987, p.81), descreve a geração do léxico da seguinte maneira: “Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. [...] A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos: as palavras”.

Cabe ressaltar que o léxico de todas as línguas, é dinâmico e aberto, isto é, está sempre em formação. Barbosa (2009, p. 31) destaca que “O léxico possui um papel importante para emissão e para compreensão de significados, pois está diretamente ligado ao aspecto cognitivos, sociais e culturais de uma língua”. Isto posto, pensar na comunicação é pensar nas palavras que constituem a mensagem do enunciado. Essa autora, ainda estabelece:

As palavras são uma forma privilegiada de acesso a uma cultura, uma vez que elas são portadoras de concepções ou linguísticos divisões de mundo. [...] Há palavras mais carregadas de referências culturais que outras. [...] O léxico pode ser tomado como uma das formas de se estabelecer uma associação entre os binômios Língua e cultura (BARBOSA, 2008/2009, p. 31-32).

Desse modo, é possível dizer que léxico e cultura estão estreitamente imbricados numa via de mão dupla, a cultura influencia e é influenciada pelo léxico, pois reflete e espelha os comportamentos de dada comunidade mediante vocabulário que designa os objetos culturais ou físicos do lugar. Biderman (1998), relata a importância desses processos na comunicação de um povo:

De fato, o vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é afinal de contas, o objeto da comunicação linguística. A informação veiculada pela mensagem faz-se sobretudo por meio do léxico, das palavras lexicais que integram o enunciado (BIDERMAN, 1998, p. 179).

Simões (2022, n. p.), apresenta que “no cotidiano, os falantes de uma língua, utilizam apenas parte do léxico, um subconjunto, e esse subconjunto é o que conhecemos por vocabulário”, ou seja, as palavras em uso na comunicação de uma determinada sociedade, que

compartilham da mesma cultura. Nesse sentido, pode-se dizer que, quando é incorporado por uma comunidade, o vocabulário se torna patrimônio linguístico dessa sociedade.

Essas palavras, utilizadas na comunicação dos falantes, são vocábulos herdados de gerações passadas, ou palavras criadas de acordo com a necessidade de comunicação dessa comunidade. Biderman (1987, p. 83), identifica “o léxico como patrimônio vocabular de uma comunidade linguística que tem uma história”.

Isquerdo e Fernandes (2021, p. 446), define “a Lexicologia, como a disciplina da Linguística que se ocupa do estudo científico do léxico, e tem como sua maior finalidade descrever e analisar a estruturação e a funcionalidade do léxico”. Nesse sentido, a Lexicologia relaciona-se com a Semântica, à medida que considera em seu objeto de estudo os diferentes significados da palavra, termo esse de uso geral.

Para Ananias e Zamariano, “o léxico se configura como sendo a somatória de experiências vividas por um grupo sócio-linguístico-cultural. Assim ao se apropriar da linguagem, o homem, [...] pode criar e recriar o léxico”. As autoras ainda estabelecem que:

Ao estudar o léxico de uma língua, pode-se também aprender a realidade do grupo que a utiliza: sua cultura, sua história, seu modo de vida, sua visão de mundo. E utilizando-se do léxico, o ser humano sempre atribuiu nome a tudo que o cerca – as coisas, aos animais, às pessoas, ao espaço físico em que vive (ANANIAS; ZAMARIANO, 2014, p. 323).

De acordo com Sapir (1969, p. 20), “os padrões culturais de uma civilização estão indicados na língua usada pelos falantes que formam esse grupo”. Tal discussão, abarca também as ideias de Silva (2017, p. 232), “Por meio do léxico pertencente a uma língua é que a cultura propriamente dita é disseminada”. Ou seja, no uso das palavras os falantes transmitem e propagam sua cultura.

Para Sarmiento (2004, p. 05), “as noções de uso da linguagem, comunicação e prática social não podem ser entendidas como fatores isolados. Esses fatores estão intimamente ligados à noção de Cultura”. Desse modo, o léxico é um fator essencial no uso da linguagem, sendo parte fundamental da formação cultural de um povo. Biderman (1996, p. 44), lembra que “a herança cultural é passada às novas gerações através da linguagem. A língua é o veículo por excelência da transmissão da cultura”.

Isquerdo (1997, p. 28), apresenta “a tese de que o léxico, por registrar as diferentes fases da vida de uma comunidade, pode funcionar como palavras-testemunhas de uma deriva de valores, de crenças e de expectativas de um grupo sócio-linguístico-cultural”.

Na poesia Coralineana, o vocabulário se apresenta, de certa forma, como palavras-testemunhas de um tempo da história de “Goyaz”.

Nesse sentido, Simões (2022, n. p.), descreve o conceito do léxico de uma forma bem evidente. “O léxico é uma espécie de acervo de palavras de uma língua, configurando-se, portanto, como um dos responsáveis por abrigar e representar o patrimônio cultural de um povo. Dito de outro modo: repertório de palavras existentes numa determinada língua”.

Dessa maneira, pode-se dizer que, ao estudar o léxico de uma língua, é possível enxergar a realidade do povo que a utiliza, e ao fazer uso do léxico o ser humano atribui nome a tudo que ele conhece, estreitando sua relação com o ambiente e com o mundo que o cerca. Para Sapir (1969, p. 45), “Não é difícil encontrar exemplos de línguas cujo léxico traz assim o sinete do ambiente físico em que se acham situados os seus falantes”.

Nesse sentido, quando se procura explicar fatores linguísticos relacionados ao ambiente, pode-se recorrer às propostas de Couto (2007), que defende os fundamentos da “Ecolinguística como disciplina que estuda as relações entre língua e meio ambiente”. Tal ideia também abarca os estudos de Castro (2017, p. 157), que destaca: “Sob a perspectiva da Ecolinguística, a denominação é uma atividade biopsicossocial de todos os povos do mundo que faz parte do processo interativo”. Nessa ótica vale também citar um trecho da escrita dessa autora:

Numa cosmovisão Ecolinguística, o homem, assim como os animais, as plantas e outros seres, por destinação natural, encontram-se ligados ao uso da terra, pertencem a terra. Em uma visão por demais progressista e mercadológica é a terra que pertence ao homem, e esta concepção reflete-se no processo denominador e na toponímia (CASTRO, 2017, p. 157).

Segundo Araújo; Siqueira (2023), apenas para exemplificar, brevemente, como se dão as relações entre língua e ambiente:

Os topônimos parecem funcionar como um elo, por sua função referencial, que atua para organizar o sistema mental em relação ao território, criando um estado de sintropia, organiza os espaços que são diferenciados ou identificados pelo nome que têm, Rio Vermelho recorta a cidade, sensorialmente divide o lendário e o real. (ARAÚJO; SIQUEIRA, 2023, p. 136).

O elo referencial atua no sentido de organizar as inter-relações que se estabelecem entre o ser humano e seu mundo físico e cultural. Nesse propósito, pode-se dizer que a relação do homem (denominador) com o meio em que ele vive, é um aspecto que está envolvido na motivação e, obviamente, na escolha de um determinado topônimo. Dick (1990), versa a seguinte proposta:

É, pois, na realidade circundante, ou no chamado universo ambiental em que o homem se organiza, individual e comunitariamente, que se encontram as influências positivas ou negativas de sua própria experiência cultural, no mais amplo sentido. E é nessa mesma cadeia de possibilidades que os topônimos se estruturam e se distribuem em estratos de diversas naturezas. (DICK, 1990, p. 61).

No entanto, ao pesquisar o léxico de uma comunidade, é possível identificar as motivações na denominação dos lugares, que com o passar do tempo, transfiguram a época da nomeação.

1.3 Toponímia: Conceitos e Aplicações

De origem grega, a palavra Toponímia vem da junção de duas outras palavras: *Topos* – “lugar” e *Onoma* – “nome”. Desse modo, pode-se conceituar “Toponímia” como o estudo dos nomes próprios de lugares, ou seja, os nomes usados para designar, cidades, povoados, rios, montanhas, espaços públicos ou administrativos, entre outros. O nome de lugares, objeto de estudo dessa disciplina científica, pode ter diferentes origens e significados, e ao longo da história tem despertado a atenção de estudiosos, que se apoiam nessa linha, para investigar as motivações que permeiam a identidade dos topônimos (nomes de lugares), que estruturam uma região ou comunidade, porém esses estudos só tiveram reconhecimento a partir do século XIX como afirma Isquerdo (1997).

Muito embora a ação de nomear seja uma prática de existência remota, a preocupação com o estudo dessa categoria de nomes data de poucos séculos. A Toponímia _ estudo linguístico e histórico da origem dos nomes _ como corpo disciplinar sistematizado surgiu na Europa (França) com os estudos pioneiros de Auguste Longnon, por volta de 1878. Dentre os clássicos que se dedicaram aos estudos toponímicos faz-se necessário registrar o trabalho do linguista francês Albert Dauzat. Esse estudioso, além de salientar dificuldades com as quais se defronta o pesquisador que se propõe à tarefa de elucidar a questão da origem dos nomes de lugares, manifesta a preocupação com a classificação dos nomes de lugares por séries lógicas ou por categorias históricas, em se tratando do estabelecimento de um método para o estudo da Toponímia (ISQUERDO 1997, p. 30).

Ananias e Zamariano (2014, p.192), relatam que os estudos toponímicos no Brasil tiveram início com “a obra de Theodoro Sampaio – **O Tupi na geographia nacional** (1914)”. As autoras destacam também as contribuições do “geólogo Everaldo Bakheuser, (**Toponímia suas regras - sua evolução**, 1950)”, e do General “Armando Levy Cardoso com a obra **Toponímia Brasília** (1961)”. No entanto, na visão das autoras, foi o professor Dr. Carlos Drumond, quem “impulsionou os estudos toponímicos no Brasil”, com a publicação do livro, “**Contribuição do Bororo à Toponímia Brasília** (1965)”. A partir de então, esses estudos ganharam destaque com a professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, que ao longo dos anos, vem publicando obras de fundamental importância nessa área, como o **ATB (Atlas Toponímico do Brasil)**, que norteia a linha de pesquisa referente a Toponímia no Brasil. Sendo assim, vale destacar os dizeres de Drumond no prefácio da obra “**A motivação Toponímica e**

a **Realidade Brasileira**”, publicada em (1990), pela professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick.

Qualquer rol bibliográfico sobre Toponímia Brasileira deverá conter, obrigatoriamente, não só os trabalhos anteriores da Prof.^a Maria Vicentina, mas principalmente este, que nos mostra, em profundidade, como o homem brasileiro nomeou os seus acidentes “físicos” e “humanos”. (DICK, 1990, p. 13).

Após a realização do **ATB**, Dick elaborou o **ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo)**, que também direcionou a construção de outras pesquisas nessa linha em todo Brasil, como cita Souza e Dargel (2020).

Atualmente podemos citar: O Projeto **Atlas Toponímico do Paraná (ATEPAR)**, coordenado por Maria Antonieta Carbonari de Almeida, sediado na Universidade Estadual de Londrina (UEL); o **Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS)**, coordenado por Aparecida Negri Isquerdo, sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); o **Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG)**, coordenado por Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, sediado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); o **Projeto Atlas Toponímico do Tocantins (ATT)** e o **Projeto Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins (ATITO)**, ambos coordenados por Karylleila dos Santos Andrade, sediados na Universidade Federal do Tocantins (UFT); o **Projeto Atlas Toponímico do Estado do Maranhão (ATEMA)**, coordenado por Maria Célia Dias de Castro, sediado na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA); o **Projeto Atlas Toponímico da Bahia (ATOBAB)**, coordenado por Celina Márcia de Souza Abbade, sediado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e o **Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira (ATAOB)**, coordenado por Alexandre Melo de Sousa, sediado na Universidade Federal do Acre (UFAC) – este último, dedicado aos nomes de lugares em línguas orais e línguas de sinais do estado do Acre –, entre outros. Todos os Atlas citados seguem, como dissemos, as propostas metodológicas de Dick (1990, 1992) para a análise estrutural e semântico-motivacional do topônimo, relacionando-o aos contornos de ordem geoambiental, antropocultural, socioeconômico que revestem o nome de lugar, a partir do nomeador (o indivíduo e o grupo social) (SOUZA; DARGEL, 2020, p. 10-11).

Em Goiás, os estudos direcionados à Onomástica têm como referência a professora Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira, que nas últimas décadas, tem se debruçado em pesquisas relacionadas aos aspectos linguísticos, históricos, culturais e sociais no estado. Doutora em Letras e Linguística pela UFG- (Universidade Federal de Goiás), compõe o quadro efetivo da UEG- Universidade Estadual de Goiás, no Programa de Pós-Graduação em Língua Literatura e interculturalidade (POSLLI). Como pesquisadora na área da Toponímia Goiana, se destaca principalmente nos cursos de Pós-Graduação *Strictu Sensu*, buscando assim, elucidar as origens e motivações nominativas, principalmente dos lugares que compõem o Centro-Oeste brasileiro, suas pesquisas estão calcadas principalmente no que se refere à Toponímia dos espaços geográficos relacionados à cultura e à língua do povo goiano.

De acordo com Siqueira (2012, p. 150), “a Toponímia, é uma área de estudos linguísticos que se atém à descrição e à análise dos nomes e designativos de lugares”, dessa

forma, como campo de estudo, essa disciplina, procura compreender os fatores culturais, históricos e sociais que levam o homem a denominar seus espaços, pois os nomes geográficos, geralmente refletem a relação dos habitantes com o ambiente natural e seu patrimônio cultural. Castro (2017), descreve a Toponímia de um modo bem subjetivo.

A Toponímia como uma área dos estudos linguísticos, tem uma preocupação antiga, a de identificar um lugar, uma entidade do espaço geográfico, com um nome, para dar visibilidade linguístico-social a esse lugar e inseri-lo nas interações sociais entre os sujeitos falantes. Na perspectiva cognitivista também adotada na toponímia, nomear é um ato idealizado pela atividade mental do homem seminal para a própria interação linguística. (CASTRO, 2017, p. 157).

Dick (1990, p. 35), estabelece que “antes de tudo, a Toponímia é um imenso complexo línguo-cultural¹, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. José de Sá Nunes (1950, p. 12), no seu parecer, sobre o **“Decreto nº 1.174, de fevereiro de 1950 que fixa a maneira de escrever o topônimo Goiás”**, defende essa interdisciplinaridade dos estudos toponímicos. “A meu ver, o estudo da Toponímia, para ser completo e perfeito, deve fundar-se na História, na geografia e na Filologia”.

Seide (2020, p. 130), afirma que a “Toponímia é uma disciplina que se volta para história, a geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, à Zoologia, à Botânica, a Arqueologia, de acordo com a formação intelectual do pesquisador”. Dessa maneira, fica claro que a Toponímia, como disciplina científica, abrange um amplo aspecto no estudo da linguagem e da cognição humana. Trapero (1994, p. 54), faz uma reflexão acerca desse tema: “Pode dizer-se que a toponímia, na sua origem, é muito mais racional, muito menos arbitrária do que muitas vezes pensamos”

Isto posto, pode-se dizer que ao pesquisar sobre a toponímia de um lugar, é possível entender melhor a relação entre as pessoas e seu território, identificando as heranças culturais desse grupo na busca do fortalecimento histórico como sociedade. Siquera (2017), propõe que essa ciência interdisciplinar vai além de uma investigação etimológica.

A toponímia não se restringe ao estudo etimológico de nomes de lugares, estende-se a outros aspectos linguísticos, históricos e às circunstâncias geográficas e culturais da sua origem, porque considera que a denominação dos lugares advém de um processo-político cultural que merece uma abordagem que vá além do nome atribuído a uma localidade. (SIQUEIRA, 2017, p. 176-177).

Silva; Siqueira (2016, p. 60), conceitua a Toponímia como “uma área de estudos linguísticos que se atém à descrição e à análise dos (nomes) designativos de lugares”. Para Nunes (2015):

Os estudos toponímicos permitem a identificação dos fatos linguísticos, de ideologias e crenças presentes no ato denominativo. [...] Pois a Toponímia apresenta elementos que revelam a cosmovisão dos indivíduos, resgata a memória, etimologia, valoriza a

¹ Termo cunhado por Maria Vicentina do Amaral Dick (1990).

identidade, e assim enaltece o sentimento de pertencimento e a valorização do lugar. [...] O estudo contribui ainda para preservação de informações acerca da trajetória das comunidades que viveram e vivem em determinada região, bem como dos momentos históricos vivenciados por elas. (NUNES, 2015, p. 14-15).

Desse modo, a Toponímia presente na poética Coralineana é representada pelos topônimos registrados pela autora como forma de atribuir características da Cidade de Goiás na sua lírica. A poetiza goiana que ganhou destaque nacional incorporando na sua escrita referências da formação geográfica e cultural da sociedade vilaboense teve a intenção primeira de apresentar esse lugar para o mundo, pois a referência à Goiás (cidade) é uma característica permanente na poética Coralineana.

Nesse sentido, essa pesquisa busca analisar os topônimos presentes nas obras **Poemas dos Becos de Goiás e Estória a Mais**, e **Villa Boa de Goyaz**, de Cora Coralina. Dessa forma, esse estudo está relacionado com a microtoponímia vilaboense, pois ressalta apenas exemplos citados pela autora, ou seja, uma parte do léxico cristalizado ao longo tempo na comunicação dessa sociedade. No entanto, busca-se, assim, identificar os motivos que incitaram a escolha de tais topônimos que ao longo da história tem se apresentado como parte integrante da cultura dessa comunidade.

Vale ressaltar que essas lexias² representam a motivação de um denominador em particular, ou de um grupo de pessoas, que num dado momento da existência nomearam esses espaços, que foram incorporados e aceito no vocabulário usado por habitantes de diferentes épocas. Silva e Siqueira (2016, p. 61), apontam que “O nome de um lugar é também uma manifestação cultural, pois pelo estudo linguístico dos locativos é possível encontrar valores, crenças e outros fatores que evocam a motivação do denominador (coletivo ou não) no momento da nomeação”.

Isto posto, julga-se que essa proposta pode ser considerada como uma contribuição científica no que diz respeito ao desenvolvimento dos estudos linguísticos na área da Toponímia, e da Literatura goiana. Pois, ao seguir essa vertente, é possível abrir possibilidades para investigação dos nomes de lugares e consequentemente elucidar as reminiscências de um passado que descreve a cultura e os valores ligados à memória e à identidade da comunidade vilaboense.

Para analisar os nomes dos lugares descritos na poética Coralineana, foi preciso realizar um estudo de percurso onomasiológico nas obras pesquisadas. Desse modo é fundamental conceituar e entender sobre a ciência Onomástica, que consiste no estudo dos

² Lexias, lexema em uso.

nomes próprios. Essa é uma palavra que vem do grego antigo “*Ονομαστική*”, que significa o estudo dos nomes.

Esse termo surgiu pela primeira vez na metade do século XIX. Conceituada como um ramo da Linguística, a Onomástica está dividida em duas partes: A Toponímia e a Antroponímia. Como já foi citado anteriormente, a primeira se destina ao estudo dos topônimos (nomes) de lugares, levando em consideração sua origem, evolução, e seu significado. Os topônimos em geral denominam rios, lagos, relevos, nomes de subdivisões administrativas, entre outros. Por sua vez, a Antroponímia dedica-se ao nome próprio de pessoas, considerando, nomes, sobrenomes ou apelidos. Desse modo, a Onomástica é um recurso para pesquisa da História Política, Social e Cultural de um povo. Dick (1990), considera que Toponímia e Onomástica apresentam uma relação intrínseca entre si.

Toponímia e Onomástica acham-se, assim, em uma verdadeira “relação de inclusão”, em que aquela será sempre, desta, “uma parte de dimensões variáveis”. Logo, apenas o emprego dos signos linguísticos é que se torna especial nas ciências onomasiológicas; ou, em outras palavras, a função significativa dos mesmos é que se diferencia quando a Toponímia os transforma em seu objeto de estudo. (DICK, 1990, p. 36).

Essa pesquisa, procura estudar os nomes de lugares no texto literário, presente na poética de Cora Coralina. David e Siqueira (2014, p. 37), explicam que a Onomástica literária é um ramo da Onomástica que “investiga os nomes próprios³ empregados nas obras de ficção, sendo que seus aspectos teóricos e metodológicos se assentam tanto no aspecto linguístico quanto no aspecto poético”.

Segundo Amaral e Seide (2020), há uma relação determinante entre os nomes próprios de pessoas e de lugares, que são os objetos de estudo da Onomástica.

O estudo dos nomes próprios, para além da dimensão linguística dos signos antroponímico e toponímico, implica considerações sobre particularidades que os envolvem, como questões históricas e ideológicas, incluindo processos de renomeações (substituições, acréscimos, reduções de palavras), muito recorrentes sobretudo em nomes de lugares, além de transferências entre nomes de pessoas e de lugares, fenômeno frequente na nomeação especialmente de lugares, em que antroponímicos se deslocam para o universo dos nomes de lugares adquirindo o status de topônimos. Trata-se, pois, de uma área de investigação com forte caráter interdisciplinar, na medida em que a Onomástica, enquanto campo autônomo e solidificado de conhecimento, dialoga com a Linguística, área mais ampla a que se vincula, com a História, a Geografia, a Antropologia, a Sociologia... (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 10-11).

Uma obra literária, como a poética Coralineana, que entrecruza realidade e ficção, é considerada uma herança histórica de um povo, pois na sua escrita está registrado muito da cultura, e do desenvolvimento social dessa comunidade. Assim, realizar um estudo toponímico

³ Nomes próprios de pessoas e nomes próprios de lugar.

dos nomes (topônimos) presentes nessa poética, é fazer “um inventário onomasiológico” da literatura goiana de Cora Coralina.

Com base na cultura do povo, bem como na influência que essa cultura exerce nessa comunidade, pode ser interessante desenvolver um estudo relacionado aos nomes (topônimos), que estão presentes nas obras, **Poemas do Becos de Goiás e Estórias a Mais**, e **Villa Boa de Goyaz** de Cora Coralina, pois a Cidade de Goiás, possui uma carga cultural relevante para a história goiana.

David e Siqueira (2014, p. 38), explicam sob a perspectiva de Ionescu (2003), que há maneiras distintas referentes à motivação das nomeações numa obra literária.

Um dos aspectos mais importantes da onomástica literária é a motivação onomástica, intenção no ato de nomear os referentes e o uso de seus nomes. Para Ionescu (2003), há dois tipos de motivação dos nomes próprios no texto literário: motivação natural e motivação cultural. A primeira baseia-se na transparência dos nomes cuja etimologia é evidente; a segunda, por sua vez, dá-se por meio da canonização por sistemas culturais, como a literatura, tornando-se nomes-símbolos. Assim, a seleção dos nomes em um texto não é casual e podem expressar intertextualidade se conduzidos de um texto a outro (DAVID; SIQUEIRA, 2014, p. 38).

Nas obras, **Poemas do Becos de Goiás e Estórias a Mais**, e **Villa Boa de Goyaz**, encontra-se um acervo toponímico bem amplo, pois ao descrever o lugar a autora faz questão de mencionar os nomes dos espaços que formam a Cidade de Goiás. Desse modo, a Onomástica é uma ferramenta essencial na análise desses designativos.

1.4 O Léxico Toponímico

A Toponímia de uma região se compõe do léxico utilizado pelo povo que habita tal espaço, isto é, o nomeador utiliza vocabulário dessa língua para nomear os lugares. Assim, o léxico toponímico, na maioria das vezes, se constitui de palavras comuns (nomes), em uso numa determinada língua. Para Couto (2013, p. 279), “a língua surge na práxis diária de seus usuários para se entenderem no meio em que vivem, a fim de falarem dele entre si”.

Trapero (1999, n. p.), esclarece que “abordar o léxico toponomástico⁴ de um lugar é, de certa forma, aprender uma nova língua, interrogar um léxico cujos significantes ouvimos muitas vezes, mas cujos significados nunca ouvimos antes”. Desse modo “o léxico toponímico configura-se em cada região como um verdadeiro *corpus* dialetal, tanto em termos de acomodação dos significantes, bem como, quanto aos seus significados”.

⁴ Trapero (1999) utiliza o conceito “toponomástico”, porque estabelece uma diferença entre os termos “toponímia e toponomástica”, esta é a área da Onomástica que estuda os topônimos; enquanto aquela refere-se ao conjunto de topônimos de dado território. No entanto, a maioria dos autores não costuma fazer tal distinção.

O nome de um espaço geográfico é um signo toponímico, que tem função de estabelecer o significado do que é nomeado. Nesse sentido, os topônimos se apresentam como fósseis linguísticos registrados ao longo da história e da formação cultural de um povo. Esses registros permanecem vivos ao longo do tempo e se apresentam como testemunha da memória do seu nomeador. Dick (1990), estabelece que há um duplo aspecto para motivação toponímica que transparece em dois momentos:

Primeiro, na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico; - e, a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver pendências as mais diversas. Essas duas modalidades de aferição do fenômeno motivador dos topônimos configuram perspectivas diacrônicas e sincrônicas no estudo da Toponímia que irão, realmente, influir na formalização das taxionomias dos nomes de lugares. (DICK, 1990, p. 38-39).

O léxico toponímico de uma comunidade se constitui principalmente dos topônimos existentes neste espaço, pois o homem cria e adapta seu vocabulário de acordo com seu interesse e sua necessidade. Isquerdo e Seabra (2012, p.145), descreve que, “Em cada época as palavras se modificam, se ajustam, se acoplam, [...] de acordo com a sociedade em que esteja inserida”. Trapero (1999, n. p.), explica que o léxico reflete a época vivenciada por cada povo.

A toponímia é um léxico patrimonial nos dois sentidos em que este termo deve ser entendido: sincrónico e diacrónico. No sentido sincrónico, porque é de uso comum e pertence igualmente a todos os falantes de uma localidade, de uma região ou da área geográfica de uma língua. E no sentido diacrónico, porque tanto ou mais do que qualquer outra parte do léxico de uma língua é um léxico herdado, construído ao longo da história desse território particular, e um testemunho dos vários estratos culturais que a língua possui. [...] O léxico toponímico está exposto à evolução e à mudança em qualquer situação de fala (TRAPERO, 1999, n. p. Tradução nossa).

Ao longo da história, o homem procura deixar sua marca e sua identidade registrada para futuras gerações. Assim, nomear os espaços é uma maneira de perpetuar a existência, pois a motivação nominativa leva sempre ao nomeador.

No caso da Toponímia vilaboense, principalmente a que aparece na literatura Coralineana, pode-se dizer que é o retrato do vocabulário goiano mais regional, com fortes influências do Catolicismo e da fala cotidiana e interiorana dos habitantes que vivem em contato direto com o meio ambiente e as riquezas naturais do Cerrado.

De acordo com Ananias e Zamariano (2014, p. 334), “ao estudar a Toponímia de uma região, podemos perceber indícios que nos conduzem a confirmar que o ambiente está refletido na língua, por meio dos topônimos”. Pois ao nomear esses espaços o homem busca referência na paisagem que o cerca.

Na poética Coralineana, é possível perceber a relação entre língua (L), população (P) e território (T)⁵, apresentado no ecossistema linguístico, defendido por Couto (2007), de modo que ao falar do povo e da Cidade de Goiás, Cora cria uma interação entre os elementos que compõe essa tríade. Couto (2009), define o ecossistema da seguinte forma:

O ecossistema consta de um povo ou população (P), convivendo em determinado território (t) e falando a própria língua (L). Sem território não há população e sem população não há língua. [...] Eis o ecossistema natural da língua. No interior desse ecossistema, a população e o território, juntos, constituem o **MA natural da língua**, que são a população e o território juntos. (COUTO, 2009, p. 128).

Esse raciocínio possibilita dizer que o léxico toponímico presente na cultura vilaboense, e na literatura Coralineana, encontra-se revestido de características desse ecossistema, pois há uma inter-relação da população com o ambiente refletida na linguagem e no modo de vida dessa comunidade.

1.5 Léxico Literário

Diferente do léxico toponímico, que são as palavras usadas na comunicação de um povo, o léxico literário, se constituiu das palavras que caracterizam um texto literário, ou seja, nas palavras reproduzidas ou criadas pelo autor para ilustrar sua lírica. Oranges (2017, p. 216), especifica que “o entendimento do sentido das palavras deverá se dar apenas pelo significado que elas possuem no contexto da obra, pois é nesse contexto que elas emergem”. Assim, o poeta se vale do seu vocabulário (artístico), para realçar sua poética. Nesse tipo de texto, as palavras são usadas com intuito de sensibilizar o leitor, de maneira que o sentimento do artista seja transmitido de acordo com o contexto e o enredo apresentado.

No universo literário, o eu-lírico descreve a realidade ou deslinda um mundo fictício que é particular do seu imaginário. Oranges (2017, p. 214), detalha que, “o autor desse gênero textual almeja, a todo momento a exteriorização da vivacidade no uso da língua, imprimindo recursos que conferem credibilidade e sentimento de inovação”.

O léxico literário presente na poética Coralineana, remete à realidade da autora, em diversas épocas da sua existência. Nessa lírica, é possível identificar, um período no qual os

⁵ Conceitos ecolinguísticos: língua, território e população, “T não existe sem um nome, ou seja, T⁵ só existe pelo batismo, pelo ato de designação, ou ainda, só existe como tal pelo topônimo que o designa” (ARAÚJO; SIQUEIRA, 2023, p. 135).

$$\begin{array}{c} P \\ / \quad \backslash \\ L \text{---} T \text{ (l+n=T)} \end{array}$$

costumes vivenciados pela sociedade vilaboense, foram marcados por preconceitos e diferenças sociais, pois mesmo sendo uma mulher que se destacou na comunidade em que viveu, Cora fez questão de descrever na sua obra, as dificuldades das mulheres humildes, que mesmo excluídas eram personagens representativas na sua história. Como aparece no poema “O cântico da volta”.

Ouçõ as lavadeiras do Rio Vermelho...
Vejo, metidas n'água, as tradicionais mulheres da terra. Cafuzas, morenas, trigueiras e retintas, de idade indefinida; têm a seu cargo fazer limpa a roupa suja da cidade (sem alusão malina)
[...] Andam de engorras com a Mãe d'água. Nas durezas do ofício, se valem de são Caetano, bom santo, solícito e camarada (CORALINA, 2014, p. 108).

Outro aspecto presente no léxico da poética coralineana, está ilustrada nas referências ao Catolicismo, seus textos apresentam muito da religiosidade dos goianos, que naquela época representava, na grande maioria, a preferência pela religião católica. Essa característica está firmada na quantidade de igrejas construídas no período de formação da cidade e é descrita pela autora no conto “Sinos de Goiás”:

Como documento de tão grande fé, a cidade conta seis igrejas sob invocação diferentes. Quatro foram levantadas sob o patrocínio da Virgem: Boa Morte, Rosário, Carmo e abadia. A Matriz de Sant'Ana, hoje Catedral caída há mais de um século, vai se levantando, reconstruída pelo notável empenho de uma jovem goiana, que tomou a iniciativa feliz de conjugar esforços e articular o auxílio dos goianos dispersos, mas sempre unidos na boa vontade e cooperação de tudo que diz respeito a seu estado. O grande estímulo desse empreendimento do nosso Vigário Capitular, Senhor Dom Abel ribeiro, goiano, pela graça de Deus. A cidade tem mais: a igreja de Santa Bárbara, vigilante no seu alto morro; a de São Francisco, largamente assentada num bloco de pedras. [...] Aparecida de Areias [...] Nem podia deixar de ser assim, dentro da lógica primitiva da fé que não permitia, aos antigos, ver um morro que sobre ele não levantasse uma igreja ou simples cruzeiro. Além desses, a cidade conta cinco capelas nas suas instituições assistenciais e vocacional, e outra mais belíssima, verdadeiro templo – no colégio de Sant'Ana. Todas elas reverenciando, de forma perene, a Divina Presença (CORALINA, 2014, p. 13-14).

Ao escrever um texto literário, o autor procura identificar no contexto da sua escrita, palavras que descrevem a paisagem, ou seja, as características presentes no espaço a ser descrito, seja ele real ou fictício. Desse modo, a identificação das palavras que constituem o léxico literário de um poeta está representada no vocabulário artístico usado na sua escrita. No caso da poesia Coralineana, esse léxico traduz principalmente a linguagem dos bronzes, das mazelas sociais e da cultura vilaboense.

Seguindo o pensamento de Siqueira (2020), de que a Toponímia pode se relacionar com a Literatura, fica evidente dizer que essa fusão acontece em decorrência dos estudos lexicais, pois ao se preocupar com o modo de nomear os espaços na poesia, o pesquisador está se aventurando pelos caminhos da Toponímia, que é a disciplina científica responsável pelos nomes de espaços de um modo geral, como está apresentado no texto a seguir.

1.6 O Topônimo e os lugares literários na poética Coralineana

Os estudos linguísticos tiveram início no século XIX, com a finalidade de analisar e comparar as línguas e idiomas existentes no mundo. Com o advento dos estudos direcionados a linguagem, principalmente com o Curso de Linguística Geral de Ferdinand Saussure, publicado em 1916, essa disciplina passa a ter status de Ciência.

A Literatura, por sua vez, é uma ciência bem antiga. Considerada a ciência da Arte, tem seus primeiros registros datados de 1600 a.C. Estabelecendo uma conexão estreita com a escrita, essa ciência tem se destacado em pesquisas relacionadas com a história, a língua e a cultura da humanidade. Dessa forma, entrecruzar os estudos linguísticos com a Literatura tem sido uma estratégia eficaz, no desenvolvimento de pesquisas que buscam a interface entre Toponímia e lugares literários. Como afirma Guimarães; Siqueira (2018):

O estudo da toponímia traz possibilidades diferentes em relação às fontes de dados, ou seja, o acesso aos topônimos, bem como informações da sua origem estão disponíveis, tanto em documentos históricos, quanto em cartografias. Uma fonte de dados a ser considerada nos estudos toponímicos refere-se à literatura, que pela necessidade de definir um espaço para a narrativa, descreve um espaço real ou cria um espaço fictício. (GUIMARÃES; SIQUEIRA, 2018, p. 389).

Nesse caso, pode-se dizer que a relação entre Toponímia e Literatura, busca explicar a motivação do autor em citar esses vocábulos, que foram outrora escolhidos por seus denominadores. Os espaços descritos num texto literário, pode ser real ou nascer da imaginação do autor, que ao criar o enredo, busca definir a paisagem que vai ilustrar sua narrativa. Para Carvalhinho (2009, p. 83), “o nome de um lugar é uma representação individualizadora do espaço utilizada pelo homem (desde tempos imemoriais), a fim de identificar, particularizar e referencializar elementos espaciais”.

A obra de Cora Coralina é uma verdadeira descrição dos espaços vilaboenses, não apenas por descrever sua arquitetura, mas por possibilitar um resgate das reminiscências de épocas passadas. Ao descrever a paisagem e o contato dessa gente com a natureza, a autora leva o leitor a vivenciar o espaço real como sua criação, ou seja, o espaço descrito pelos olhos de Cora. Isso justifica a posição de Guimarães; Siqueira (2018):

Ao marcar os lugares existentes, a narrativa mostra esses elementos como dado histórico e geográfico do ponto de vista da língua e cultura de então e passa a representá-los sob a ótica do indivíduo goiano do início do século XX. Dessa maneira, a literatura pode ser considerada um elemento de civilização, porque se constitui por meio do entrelaçamento de diversos fatores sociais, culturais e, claro, por fatores do ambiente. (GUIMARÃES; SIQUEIRA, 2018, p. 390).

Desde sua origem a Toponímia é uma ciência interdisciplinar, que busca subsídios em outras áreas para explicar seu objeto de estudo, “o topônimo”. Dessa maneira, a junção entre

essa ciência e os estudos literários é fundamental no desenvolvimento de pesquisas, que buscam identificar e analisar os nomes descritos nesse tipo de texto.

A Literatura preserva muito dos registros históricos de diferentes épocas, mesmo não sendo o seu objetivo, essa ciência preserva fósseis linguísticos que podem se transformar em objeto de estudo das ciências Onomásticas. Nesse sentido, pode-se dizer que a literatura Coralineana, é também um tesouro linguístico, por apresentar no seu léxico, exemplos de topônimos cristalizados na cultura goiana e vilaboense.

Biderman (1981, p. 134), descreve que, “o acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, obtido através da experiência humana pela interação, seja com o ambiente físico, seja com o meio cultural”. Dessa forma, os nomes atribuídos a espaços, e pessoas que vivem numa determinada sociedade são fósseis linguísticos da sua cultura e faz parte do vocabulário desse povo que carrega essa herança cultural ao longo do tempo.

De acordo com Dick (1992, p. 13), “na sua formação um topônimo recebe influências internas e externas que podem ser únicas ou combinadas (simples, composto e híbrido)”. Essas influências podem vir de diferentes “condições geográficas, históricas, culturais, sociais, etimológicas, semânticas, linguísticas ou taxonômica”. Para Ananias e Zamariano (2014, p. 333), “o estudo do topônimo evidencia ainda a interrelação homem-ambiente-língua-cultura”, pois essa relação é a base para formação de uma sociedade.

Siqueira (2011), explica que o topônimo é parte do léxico de uma língua e pode ser analisado como um signo toponímico:

Os topônimos podem ser enfocados sob o prisma da Onomástica, da Lexicologia e ainda sob o viés da Terminologia, pois um topônimo é também um termo de uma área específica da atividade humana, isto é, da atividade de nomeação. Além, é claro, de constituir-se de um nome (como qualquer outro) passível de ser descrito em termos morfológicos, semânticos e etimológicos. (SIQUEIRA, 2011, p. 191).

Dick (1990, p. 22), refere-se aos topônimos como: “verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registradas nos mais diversos momentos da vida de uma população”. Assim, o ato de nomear é também uma forma de registrar na cultura de um povo, as escolhas e descobertas que fazem parte da formação identitária dessa sociedade.

Seguindo a ideia de Isquerdo (1996, p. 443), “a denominação de lugares é resultado da atividade humana e é passível de investigação científica, pois os nomes de lugares não são apenas parte de um registro geográfico, eles revelam muito da história sociocultural de uma determinada sociedade”. Diante da afirmação, é possível propor que a Toponímia tem como

escopo explicar a origem e a motivação desses topônimos. Como pontuam Silva; Siqueira (2016):

Pautar um estudo toponímico na relação língua e cultura, pode trazer à tona a motivação toponímica (quase sempre) apagada na memória da população do lugar, mas recuperável pela análise do léxico/Toponímico (etimologia, morfologia, semântica, sintaxe, pragmática) nos nomes próprios de lugares. (SILVA; SIQUEIRA, 2016, p. 61).

Seide (2013, p. 167), reforça que: “Os topônimos (nomes de lugar) são fruto de uma escolha por parte do designador, escolha feita de acordo com seus valores e sua visão de mundo, os quais são históricos e socialmente determinados”. Partindo desse pressuposto, nota-se que os nomes presentes na poética de Cora Coralina, são topônimos que foram escolhidos pela autora para ilustrar sua história e caracterizar o lugar apresentado na sua obra. Como demonstra Guimarães; Siqueira (2018):

[...] o fato de um determinado topônimo apresentar-se numa obra literária demonstra como a descrição do espaço é dependente do nome designado a ele. [...] Nesse sentido, o topônimo assume além da função identificadora, a responsabilidade de situar o leitor no espaço da narrativa. Isto é o nome do lugar, é o ponto de conexão entre o leitor e o espaço da obra. De modo que o topônimo não é o lugar em si, mas uma de suas representações. (GUIMARÃES; SIQUEIRA, 2018, p. 388-389).

Posto isso, reitera-se a necessidade de se estudar os topônimos que estão registrados nas obras dessa autora, para, assim, entender a relevância desses designativos, no desenvolvimento social e cultural da sociedade que os atribuiu aos lugares.

A fim de conhecer o processo de escolha e os significados dos topônimos, nas obras de Cora Coralina, desenvolve-se esta pesquisa, que busca aporte teórico em estudiosos que se ocuparam em analisar e explicar os conceitos e a ligação entre Toponímia e Literatura, principalmente no que diz respeito ao ato de nomear os espaços físicos e geográficos, que compõe a paisagem e o enredo dessas obras escolhidas como fontes iniciais do objeto de estudo.

De acordo com as ideias de Araújo (2022, p. 09), “toda a obra de Cora Coralina remete, em algum momento, a Goiás”. O eu-lírico se constitui enraizado nas coisas dessa terra e dessa gente. Os lugares são mencionados não aleatoriamente, mas constituem quase que personagens físicos em que se situam não apenas os poemas e contos, mas toda a essência poética que norteia a poesia Coralineana. Os lugares têm nome.

Os topônimos registrados nos seus textos são nomes que foram por ela escolhidos para ficar registrados na história, juntamente com sua obra. Assim, ao identificar esses topônimos torna-se possível, entender e explicar a inter-relação entre a história e a cultura vilaboense, que salpicam nos versos de Cora. Dessa maneira, faz-se necessário dizer que esses designativos são parte do vocabulário, ou seja, do léxico dessa comunidade, e permanecem vivos na cultura dessa

região, a qual tem entrelaçada a sua história com a obra dessa autora, que descreve esse espaço como parte do enredo dos seus contos e poesias.

Nesse sentido, associar o estudo da Toponímia aos espaços literários, escolhidos por Cora Coralina, provavelmente pode elucidar uma série de fatores que estão na base da nomeação dos lugares e dos recursos linguísticos utilizados para designar. Carvalhinhos (2009, p. 83) esclarece que “o topônimo não é um lugar em si, mas uma de suas representações, carregando em sua estrutura sêmica elementos da língua, da cultura, da época de sua formação, enfim, do homem denominador”. A respeito dos nomes de lugares literários, essa autora ainda estabelece que na literatura os topônimos recebem uma dupla filtragem.

Se o nome de lugar sofre uma primeira filtragem no ato da denominação, [...] podemos afirmar que, no caso da literatura, essa filtragem é dupla e, ainda que seja na criação de um espaço fictício, seja na reprodução de um espaço considerado real. [...] Quando um topônimo figura uma obra ficcional pode-se afirmar que a escolha desse nome passou por crivo duplo, pois o autor cria um topônimo (ou escolhe dentro de paradigma já existente) com o objetivo deliberado de construir um determinado espaço na sua narrativa, de modo que se crie um efeito da realidade (CARVALHINHOS, 2009, p. 83-88).

Desse modo, existe uma recriação do lugar real na narrativa de Cora Coralina, pois muitos dos topônimos descritos nos seus textos ainda resistem às ações do homem e do tempo, aqueles que foram extintos ou modificados, coincidem com os registros históricos e relatos de moradores e pesquisadores. Carvalhinhos (2009), explica o conceito de espaço literário da seguinte maneira:

[...] além de ser o cenário onde se desenrola a ação é também o recurso utilizado pelo autor para criar na mente do leitor, uma representação do espaço real ali projetado, que na verdade, também é uma representação interpretada e recortada pelo homem de acordo com suas concepções e visão de mundo. (CARVALHINHOS, 2009, p. 85).

Os becos, as ruas, o rio, a serra, enfim, a cidade de Goiás são exemplos de lugares literários descritos na obra de Cora. Esses, são espaços reais descritos pelo olhar da autora, que são reproduzidos pelo leitor de acordo com a sua imaginação.

Nos Livros, **Poemas do Becos de Goiás e Estórias a Mais**, e **Villa Boa de Goyaz**, são apresentados diversos espaços que formam essa cidade. A poética Coralineana é composta por essa característica, a autora descreve a cidade como sua grande paixão, na sua lírica os espaços são como personagens da sua história.

As memórias toponímicas reveladas na obra dessa autora, remete a momentos diferentes de sua vida. Não há como ler seus poemas e não identificar o sentimento de amor retratado pelo lugar onde ela viveu boa parte da sua existência. Como está descrito na primeira estrofe do poema “Rio vermelho” que faz parte da coletânea de textos do livro “**Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais**”:

Longe do Rio Vermelho.
 Fora da Serra Dourada.
 Distante dessa Cidade,
 Não sou nada, minha gente (CORALINA, 2014, p. 81).

Nesse trecho do poema, autora descreve o espaço real, porém ela coloca na sua escrita uma carga sentimental que os transformam em lugares literários, com intuito de transmitir seu sentimento para o leitor. A autora registra na sua escrita, as reminiscências de uma vida de dificuldades, fé e muita esperança. Como está descrito no trecho do poema “O Cântico da volta”:

Menina que passa na ponte, menina que para que espia o rio. Eu me vejo em ti. Pequena, magriça, feia, despenteada, de jeito rebelde. Sou eu mesma que me reencontro em você, pequena goiana, incerta, desgraciosa, marcada pelo ferro e brasa de um destino duro (CORALINA, 2014, p. 107).

Cora Coralina, destaca na sua poética, o léxico goiano (contemporâneo de sua época), que tem muito do Catolicismo, da referência à colonização pelos bandeirantes, do modo de vida simples de contato com a natureza, e dos afazeres domésticos, destinados as mulheres que no século XX, ainda representava o papel submisso de esposa e mãe. As descrições dos espaços na Literatura Coralineana é uma forma que autora encontra de apresentar para o leitor sua preferência pela Cidade de Goiás, porque mesmo morando em lugares distintos, ela fez questão de cristalizar os fósseis linguísticos goianos nas suas principais obras.

A autora descreve nos seus versos, a paisagem, a arquitetura, os costumes e crenças, com intuito de apresentar a Cidade de Goiás como parte da sua existência. A paixão descrita pelos becos, pelas ruas, pelas igrejas, pelo rio, enfim, por toda estrutura física e natural da cidade, é uma forma que Cora encontrou de demonstrar para o leitor a importância do lugar na literatura. Desse modo, ela faz uso do léxico como um instrumento de arte, utiliza as palavras para descrever sua vida e ao mesmo tempo fortalecer a cultura e a história da sociedade vilaboense. Como está descrito no fragmento abaixo:

Os morros verdes parecem que vestiam pra mim galas vegetais; festivo o azul lavado dos ares, e no meu cansado coração, uma festa maior: - a festa da volta às Origens da Vida.
 Plena Semana Santa.
 A riqueza cromática dos sinos veste a cidade de uma velha mística religiosa, sonora e vaga, a que as procissões e andores de Dolorosas dão vida e cor.
 A cidade lendária me toma nos braços, me enlaça e prende. Euforia, levitação...
 Sinto -me renascer para o Canto Novo!
 A benção do fogo! O Canto das Profecias!
 Aleluia...Aleluia... (CORALINA, 2014, p. 107).

Nesse sentido, a Cidade de Goiás é o cenário utilizado pela poetiza na maioria dos seus textos, mesmo porque, sua lírica encontra-se entrelaçada a sua própria história de vida. Assim sua obra é baseada nas reminiscências do seu cotidiano, nas vivências do povo que fazia parte

da sua existência e nos registros dos lugares que ilustram o espaço onde viveu maior parte da vida. Dessa forma buscamos nos estudos onomásticos a explicação para identificar a motivação da autora em citar tais topônimos nas duas obras pesquisadas.

O próximo capítulo traz a descrição dos caminhos metodológicos que foram seguidos para seleção tanto das obras, como dos dados propriamente ditos (os topônimos). O capítulo ressalta que se trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa e interpretação dos dados, que foi realizada após levantamento bibliográfico dos textos teóricos e dos textos literários.

II FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

*“Nomear também é ação,
uma vez que falar
é uma espécie de ação,
com relação a certas coisas.”*
Platão (2001, p. 151)

Embasado nos dizeres de Platão, este capítulo tem como objetivo indicar que caminhos foram empreendidos na ação de pesquisar os locativos Coralineanos. Em outras palavras, o capítulo apresenta de forma sucinta, os procedimentos de pesquisa para seleção dos dados e constituição do *corpus* de pesquisa. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, com margem significativa de interpretação dos dados, ou seja, não apenas identificar os nomes de lugar que aparecem nas obras pesquisadas, mas reconhecer tais topônimos como catalisadores dos sentimentos que norteara a autora para falar de lugares específicos e não de outros.

2.1 Os caminhos da Pesquisa

Esta proposta apresenta uma metodologia de abordagem de cunho interpretativo qualitativo, para os dados obtidos por levantamento bibliográfico, ou seja, revisão da literatura proposta. Os mecanismos utilizados fundamentam-se na leitura e revisão teórica de obras que tratam dos conceitos e fundamentos dos estudos toponímicos, para assim identificar e analisar os topônimos presentes na poética de Cora Coralina, para consequente classificação dos resultados obtidos, no que diz respeito à inter-relação Toponímia e Literatura.

O propósito aqui colimado é analisar o aspecto semântico e etimológico dos topônimos identificados na poética Coralineana, especificamente, nas obras: **Poemas dos Becos de Goiás** e **Estórias a Mais e Villa Boa de Goyaz**, destacando assim, o léxico toponímico e literário que se apresenta como objeto dessa pesquisa, e buscando, explicar a relevância de tais vocábulos que se apresentam como referência dessa autora, que ao longo da sua trajetória fez questão de citar os espaços reais que compõe a Cidade de Goiás.

Paiva (2019, p. 59), estabelece que a pesquisa qualitativa se subdivide em métodos, e um deles é a pesquisa bibliográfica que é “entendida prioritariamente como revisão de literatura e parte essencial de qualquer modalidade de pesquisa”. Pois não há como iniciar um levantamento de dados sem uma devida revisão bibliográfica. Nesse sentido a autora propõe que “A pesquisa bibliográfica tem por objetivo contextualizar e mostrar o que já existe sobre o

objeto investigado”. Delineando o caminho que o investigador pretende seguir para desenvolver seu estudo. Sendo que, “fazer pesquisa é uma tarefa de investigação sistemática com a finalidade de resolver um problema ou construir conhecimento sobre determinado fenômeno”.

Para Creswell (2010, p. 209), “A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem”. E ao final, diante das conclusões alcançadas apresenta os resultados obtidos no percurso do trabalho. Segundo esse autor, “O interesse pela pesquisa qualitativa aumentou na segunda metade do século XX”. Nesse sentido ainda está exposto que:

A pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca dos significados dos dados. [...] Nesse tipo de pesquisa os investigadores usam a literatura de maneira consistente (CRESWELL, 2010, p. 26-52).

Na abordagem qualitativa, faz-se necessário identificar os fatos e ocorrências do fenômeno investigado, para que assim a análise seja confiável e os resultados alcançados, tenha coerência e consistência. Para tanto é necessário que o pesquisador faça a leitura e releitura das obras selecionadas para assim poder ter clareza dos resultados que serão apresentados.

A coleta de dados utilizadas num estudo qualitativo, pode acontecer de várias formas, através de questionários, entrevistas, observações, análise documental, entre outros. A presente pesquisa baseia-se na revisão bibliográfica para fundamentação teórica e na análise literária, para identificação e seleção do *corpus* de estudo.

Dessa maneira, os estudos dos topônimos presentes nesses textos, são obtidos de acordo com a metodologia de DICK (1990), que se baseia nas taxionomias elaboradas por essa autora, para catalogar os designativos de natureza Física e Antropocultural, que fundamenta o ato de nomear realizado pelo homem.

Após o levantamento dos topônimos realiza-se um estudo de cunho indutivo, descritos nas fixas lexicográficas, que contém informações precisas, detalhadas e específicas de cada espaço, para assim demonstrar a origem etimológica e semântica de cada lexia apresentada, buscando, evidenciar a motivação inicial de cada nomeação. Isto posto, explorar esses recursos, é compreender o uso da língua em situações discursivas criadas e materializadas no texto literário.

A memória toponímica revelada nas obras de Cora, remonta um passado entrelaçado ao presente. As descrições dos espaços, dos costumes de uma outra época, se juntam ao momento presente, encurtando a distância entre a autora e seus leitores.

Dessa maneira, ao estabelecer a interface entre Toponímia e Literatura, torna possível a identificação dos aspectos presentes no texto literário, que fornecem subsídios para os estudos toponímicos.

2.2 Os métodos

Os métodos utilizados nessa pesquisa estão ancorados no modelo qualitativo indutivo, os quais partem da observação, que nesse caso trata-se de uma revisão da literatura referente aos estudos toponímicos, para posteriormente identificar e analisar o *corpus* da pesquisa, que são os topônimos presentes na poética Coralineana. Paiva (2019) descreve o método indutivo como uma abordagem que parte da observação de dados específicos para a formulação de hipóteses gerais, enfatizando assim, a importância da coleta sistemática de dados e da análise cuidadosa para identificar padrões que possam levar a generalizações, que posteriormente devem ser testadas e verificadas por meio de novas observações e experimentos, garantindo a validade das conclusões. Essa metodologia é fundamental para a pesquisa linguística, permitindo a construção de teorias baseadas em evidências empíricas.

Partindo desse pressuposto pode-se afirmar que o método indutivo é uma abordagem fundamental na busca pelo conhecimento, pois esse preceito baseia-se, na observação de padrões e regularidades em dados específicos para fazer generalizações sobre fenômenos mais amplos. As abordagens metodológicas indutivas são frequentemente utilizadas em estudos qualitativos, dos quais a compreensão e a interpretação dos dados desempenham um papel central na formulação de teorias e na compreensão dos fenômenos sociais.

Os estudos toponímicos apresentam uma característica interdisciplinar, que envolve outras áreas do saber, principalmente as ciências humanas e sociais. Como já foi apresentado anteriormente, o objetivo desse estudo é realizar uma análise toponímica nas obras **Poemas do Becos de Goiás e Estórias a Mais**, e **Villa Boa de Goyaz**, de Cora Coralina, com intuito de encontrar a motivação desses designativos, que foram nomeados ao longo da história e registrados nessas obras como demonstração do amor da autora pela Cidade de Goiás.

O foco da análise bibliográfica é verificar nas obras selecionadas, informações que consubstanciam respostas para questões da pesquisa, pois esses textos apresentam registros que proporcionam inúmeras informações, que constituem o aporte teórico para realização do estudo.

O levantamento bibliográfico sobre Toponímia, que embasa essa pesquisa está pautado nas obras de estudiosos da área como: Ananias e Zamariano (2014a) (2014b); Andrade (2015);

Biderman (1981) (1986) (1987) (1998a) (1998b) (2001); Cabrera (2002); Carvalhinhos (2009); Castro (2018) (2020); Dick (1975) (1990) (1992); Isquendo (1996) (1997) (2012); Moreira (2010); Seide (2013) (2020); Silva (2017); Silva (2016) (2020); Siqueira (2012) (2014) (2015) (2017) (2018) (2020) (2022) (2023a) (2023b); Trapero (1994) (1999), entre outros, e para constituição do *corpus*, faz-se o levantamento dos nomes de lugares que aparecem em Coralina (2014a) (2014b). No próximo tópico, são apresentados os procedimentos de constituição do *corpus* da pesquisa juntamente com uma breve biografia da autora.

2.3 Procedimentos de constituição do *corpus*

O procedimento de constituição do *corpus* dessa pesquisa está calcado no levantamento dos topônimos citados nas obras **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais e Villa Boa de Goyaz**, de Cora Coralina. No primeiro livro, foram identificados 46 topônimos direcionados aos espaços geográficos, dentre os quais os mais recorrentes foram os designativos de becos, igrejas e do Rio Vermelho que é citado sete vezes ao longo dos textos. Já na obra Villa Boa de Goyaz, há 38 ocorrências de topônimos que compõe a Cidade de Goiás, e a reincidência dos nomes apresentados, são bem idênticos aos referidos no primeiro livro. O interesse por esse estudo partiu da necessidade de conhecer a motivação da autora em falar desses lugares. A paixão de Cora pela cidade de Goiás está explícita em toda sua obra. Assim, a autora fez questão de deixar registrado muito da história desse lugar, que ilustrou parte da sua existência e foi, provavelmente, sua maior inspiração na produção da sua literatura.

Vale ressaltar que a inquietação sobre a origem desses nomes, nasceu primeiramente durante o passeio noturno pelos Becos da cidade, realizado nos primeiros dias de curso. Esse tour noturno é um projeto apresentado pelo professor Fabio Henrique Barbalho Gomes (UFG), historiador e turismólogo que organizou o roteiro a ser percorrido, escalando paradas para recitação dos poemas da autora. Em cada parada é possível ver os diversos cantos da cidade salpicando nos poemas de Cora.

Ana Lins do Guimarães Peixoto Bretas, conhecida como Cora Coralina, foi uma grande poetisa goiana, que mesmo, escrevendo desde muito jovem, teve sua obra reconhecida somente na sua velhice. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais**, é o primeiro livro publicado por essa autora, que aos 76 anos, colecionava um tesouro literário produzido ao longo da sua vida.

Nascida na Cidade de Goiás ainda no século XIX, Cora Coralina, foi um símbolo de perseverança e otimismo. Ao longo de sua vida registrou na sua poética, passagens da sua

história que se tornaram referências e inspiração para muitas gerações. A Cidade de Goiás, sua grande paixão, é como uma personagem na sua lírica, sua obra retrata com requinte de detalhes a infraestrutura física e a paisagem natural desse lugar que resisti às ações do tempo, sendo eternizada juntamente com a sua literatura.

De acordo com sua autodescrição, Aninha foi uma criança sem graça, desprezada por seus colegas, franzina e doente, triste por natureza, por crescer sem a presença do pai, que morreu logo depois do seu nascimento. Como está descrito no poema “Minha infância”:

Quando nasci, meu velho pai agonizava,
Logo após morria.
Cresci filha sem pai,
Secundária na turma das irmãs.

Eu era triste, nervosa e feia
Amarela, de rosto empalorado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que me viam assim – diziam:
“- Essa menina é o retrato vivo
do velho pai doente”.

[...] Intimidada, diminuída. Incompreendida.
Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.
Repreensões ferinas, humilhantes.
E o medo de falar...
E a certeza de estar sempre errando...
Aprender a ficar calada.
Menina abobada, ouvindo sem responder.

[...] Sem carinho de Mãe.
Sem proteção de pai...
- Melhor fora não ter nascido (CORALINA, 2014, p. 168-172).

Aos 14 anos essa menina fraca que recebeu dos seus pais o nome de Ana, provavelmente em homenagem à padroeira que deu origem ao primeiro nome do vilarejo “Arraial de Sant’Ana”, decidiu criar um codinome que a consagrou como escritora “Cora Coralina”. Em entrevista ao canal EBC a autora descreve que a mudança do nome se deu pelo fato, de haver muitas Anas na Cidade de Goiás, dizia ela:

Quando comecei a escrever, com muita vaidade e ignorância, nessa cidade havia muitas Anas. Sant’Ana é a padroeira daqui e quando nascia uma menina numa casa, davam-lhe logo o nome de Ana, nascia outra era Ana, de modo que a cidade era cheia de Ana, Aninha, Anica, Niquinham Niquita, Nicota, Doca, Doquinha, Doquita. Tudo era Ana. Você ia procurar saber era Ana (CORALINA, n. d.).

Essa foi a justificativa da autora para a criação do pseudônimo Cora Coralina que ela corajosamente assumiu até o fim de seus dias. Mesmo vivendo boa parte da sua vida no estado de São Paulo, a devoção pelos espaços, pela cultura e pela história vilaboense, fez com que Cora voltasse a sua cidade, depois de 45 anos longe. A autora ainda destaca que, “A força da

terra, das raízes que a chamaram, eram mais fortes que sobrepôs todos os afetos familiares”. A volta de Cora em 1956, reviveu seu amor pela poesia e a Cidade de Goiás.

Diante da transformação ou em busca de seus sonhos, sua perseverança foi mais forte que suas mazelas, como está apresentado no trecho abaixo:

A imponente casa que se ergue à beira do Rio Vermelho chama a atenção de quem conhece a antiga capital do estado de Goiás. Tanto a cidade quanto a casa encantaram a menina que nasceu ali em agosto de 1889, mas não foram suficientes para a mulher em que ela se transformou. Para se livrar do conservadorismo imposto às mulheres à época, ela se desprende das raízes e deixou o lugar em que cresceu para buscar os seus sonhos. A menina Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas se transforma, por sua vida e genialidade, em Cora Coralina, a poetisa de Goiás. Apesar de passar boa parte da vida fora da cidade, Cora renasce como poetisa quando volta a Goiás, 45 anos depois, e coloca em seus versos as durezas do que viveu. “A cidade e sua gente estão presentes na poesia. Aquilo que a gente vê claramente é essa recuperação da memória, ela fala no tempo presente, mas recuperando aquilo que ela viveu, passando a limpo para que os jovens não caiam nos mesmos erros”, explica a professora de literatura da Universidade Federal de Goiás (UFG) Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo, lembrando que a jovem se sentiu pressionada a deixar aquele local. Segundo a diretora do museu Casa de Cora Coralina e amiga da poetisa, Marlene Vellasco, a menina Ana teve vida curta. “Ela cria esse pseudônimo aos 14 anos e o assume. A Ana fica esquecida no passado, a menina feia, de pouco cabelo, a bobona da casa. Ela se assume como Cora Coralina que é um nome forte que significa coração vermelho, em homenagem ao rio”, explicou Marlene (DOCUMENTÁRIO EBC, n. d.).

Cora Coralina, foi uma mulher à frente de seu tempo, que buscava a independência e a liberdade para depositar na sua escrita o seu modo de pensar e ver o mundo. No documentário realizado pelo canal EBC, sua amiga Antolinda Baia Borges, relata.

Para mim, Cora foi uma pessoa muito forte, destemida e corajosa. Quando, em Goiás, as mulheres não podiam nem assistir procissão, Cora teve coragem de montar na garupa de um homem casado e ir embora. E quando voltou também foi de repente e foi uma surpresa porque a imagem que tínhamos era daquela mulher que fugiu para se casar. A amiga conta que, quando o poeta Carlos Drummond de Andrade exaltou a poesia de Cora Coralina, em 1980, em um artigo no Jornal do Brasil, lançando a poetisa na literatura brasileira, isso não subiu à cabeça de Cora. “Ela continuou na mesma humildade, na mesma pobreza, morando na mesma casa, com as paredes escoradas com pau. Ela fazia doces para custear a vida. Ela sentiu orgulho daquilo, mas sem um pinga de vaidade.” [...] Cora pedia pouco e se doava muito para as pessoas, tinha uma personalidade forte, até autoritária, e uma força de vontade incrível. Era uma mulher forte e libertária e traduzia essas questões para os textos que escrevia. “Quando se pensava que não, ela estava ali no meio daquela balburdia ou no fundo do quintal colhendo seus mamões. Cora tinha um conhecimento nato, o grande amor da vida dela foi a poesia” (DOCUMENTÁRIO EBC, n. d.).

Nesse mesmo documentário a professora e diretora do campus da UFG da cidade de Goiás, Maria Meire de Carvalho, descreve: “Cora Coralina é um exemplo de emancipação para as mulheres. Falta às mulheres essa ousadia, essa coragem. Cora fez autodenúncia na poesia. Isso é o que precisamos fazer, sem ficar preocupadas com rótulos. 'Não tenham medo das pedras que te jogarão', Cora dizia isso”.

Pesquisar sobre a vida de Cora é enveredar pela história da Cidade de Goiás, pois as duas se fundem nas reminiscências registradas por essa autora.

2.4 Sobre as obras estudadas

A leitura preliminar das obras de Cora Coralina, realizada para constituição do corpus dessa pesquisa, ou seja, para identificação dos topônimos descritos por ela, nos levou à escolha de duas das suas obras, são elas: **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais**, e **Villa Boa de Goyaz**. Essa escolha não foi aleatória, mas sim voltada para as obras onde se encontra a maior ocorrência de topônimos registrados pela autora.

Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais é o primeiro livro publicado por Cora Coralina, sua primeira edição foi apresentada ao público em 1965. Nessa época a autora já completava 76 anos de vida, e mesmo assim persistia no seu sonho de ser reconhecida como escritora, sonho esse que se eternizou na Literatura Nacional. Considerado o carro chefe das suas publicações, esse livro é dividido em duas partes: a primeira é composta por 25 textos distintos, trata-se de poemas, contos e notas, que retratam na maioria das vezes, passagens relacionadas a vida da autora e a Cidade de Goiás. Segundo o professor Cleber Juliano Pertel, numa entrevista apresentada no canal Youtube em setembro de 2021, “**Poemas dos Becos de Goiás** é um aperto de mão a Cora Coralina”, pois ela consegue colocar na sua lírica as alegrias e as dores do “Ser”. Como está descrito no Poema “Todas as vidas”:

Vive dentro de mim
Uma cabocla velha
de mau-olhado,
acorada ao pé do borralho,

[...] Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio vermelho.
Seu cheiro gostoso
D'água e sabão.

[...] Vive dentro de mim
A mulher cozinheira.

[...] Vive dentro de mim
A mulher do povo.

[...] Vive dentro de mim
A mulher roceira.

[...] vive dentro de mim
A mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...

fingindo alegre seu triste fado.
 Todas as vidas dentro de mim:
 Na minha vida-
 A vida mera das obscuras (CORALINA, 2014, p.31-33).

A segunda parte do livro é composta por 11 textos, entre eles, poemas, contos e orações. Na qual a autora descreve sua proximidade com a natureza, sua devoção pela terra, por sua gente, sua história, ao mesmo tempo, em que retrata as mazelas sociais que assolam sua comunidade.

O livro não apresenta um enredo fixo, como nos romances, os temas apresentados não seguem uma simetria. Porém, o encanto e sensibilidade são características presentes em toda a obra. O sentimentalismo exposto pela autora, revela sua intimidade e afeto com a Cidade de Goiás.

Cora Coralina é uma poetiza nata, que através da sua lírica descreveu o cotidiano de sua existência de uma forma que encantou e encanta várias gerações. Em **Poema dos Becos de Goiás e Estórias a Mais**, ela faz referência ao povo e ao lugar, reproduzindo estórias ouvidas e vividas. De uma forma pitoresca, ela descreve o rio, a serra, os sobrados, enfim, toda a paisagem que seus olhos puderam alcançar.

Na reprodução de estórias ouvidas, e descritas nessa obra, a que mais se destaca, certamente é aquela que sua bisavó contava, sobre um certo aparelho de jantar com 92 peças que se perderam no tempo, restando apenas uma peça, que também virou estória. “O prato azul Pombinho”. Esses dois relatos dão sequência a uma nota de como se extinguiu o castigo dos cacos em Goiás, mas essa já é outra estória.

Os causos de boiadas, também têm destaque nessa obra, percebe-se que a autora quis homenagear o homem do campo, a lavoura, a terra e tudo que ela nos oferece. No poema “O cântico da Terra”, fica evidente essa exaltação.

Eu sou a terra, eu sou a vida.
 Do meu barro primeiro veio o homem.
 De mim veio a mulher e veio o amor.
 Veio a árvore, veio a flor.

Eu sou a fonte original de toda a vida.
 Sou o chão que se prende à tua casa.
 Sou a telha da coberta de teu lar.
 A mina constante de teu poço.
 Sou a espiga generosa do seu gado
 E certeza tranquila do seu esforço.
 Sou a razão de tua vida.
 De mim vieste pela mão do Criador,
 E a mim tu voltarás no fim da lida.
 Só em mim acharás descanso e paz.
 Eu sou a grande mãe universal.
 Tua filha, tua noiva desposada.
 A mulher e o ventre que fecundas.

Sou a Gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino do teu filho.
O algodão de tua veste
E o pão de tua casa.

E um dia bem distante
A mim tu voltarás.
E no canteiro materno do meu seio
Tranquilo dormirás (CORALINA, 2014, p. 210-211).

Pertel (2021, n. p.), relata que “**Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais** foi considerado um dos vinte livros mais importantes do século XX”. Segundo o professor, “essa foi a obra de Cora Coralina, que encantou o escritor Carlos Drumond de Andrade e o fez considerar essa autora um diamante bruto da Literatura brasileira”.

Os 46 Topônimos identificados nessa obra estão relacionados no quadro abaixo, e serão analisados no terceiro capítulo desse texto.

Quadro 1: Topônimos Presentes na Obra Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais

Ruas	Becos	Poços e Pontes	Outras categorias
Rua do Sabão	Beco do Sócrates	Ponte da Lapa	Rio Vermelho
Rua da Abadia	Beco do Cotovelo	Ponte Nova do mercado	Goiás
Rua do Carmo	Beco Antônio Gomes	Poço da Carioca	Clube Literário Goiano
Rua Monsenhor Azevedo	Beco das Taquaras	Ponte do Carmo	Cruz do Anhanguera
Rua Direita	Beco do Mingu	Pinguelona destemidos	Chafariz da Boa Morte
	Bequinho da Escola	Poço da Mandobeira	Museu de Arte Sacra
	Beco do Ouro Fino	Poço do Bispo	Ordem de São Domingos
	Beco do Seminário		Escola da Mestra Silvina
	Beco do Calabrote		Serra Dourada
	Beco da Vila Rica		Largo do Chafariz
	Beco do Cisco		Morro do Zé Mole
	Beco C. Grande		Casa Velha da Ponte
			Igreja de N. S. da Boa Morte
			Chupa-osso
			Palácio do Conde dos Arcos
			Igreja de Santa Bárbara
			Milharal
			Igreja de N. S. da Abadia
			Centro de Kardec
			Casa de Mulheres
			Casa da Câmara e Cadeia pública
			Museu das Bandeiras

Fonte: Dados da presente pesquisa Elaborado por: Leênny Araújo (2024)

Ao contrário do primeiro livro apresentado, **Villa Boa de Goyaz** é uma obra póstuma dessa autora, publicado pela primeira vez em 2001, esse livro transcreve em forma de poemas e prosas as características da cidade, da população e da cultura da sociedade vilaboense.

Na obra, **Villa Boa de Goyaz**, a autora descreve cenários urbanos da cidade, como referências de uma sociedade marcada por traços culturais, históricos, políticos e sociais. Os lugares descritos pela autora são topônimos que permanecem vivos como testemunhas da formação desse espaço que sobreviveu ao tempo e as ações do homem. O próprio título do livro é um topônimo, **Villa Boa de Goyaz**, referência ao nome da cidade, que de acordo com a autora, em outra época era escrito com Y e Z.

Assim proponho com reverência ao passado que nesta cidade de Goiás seja emanado de quem de direito um Decreto a favor do nome de Goiás ser ajustado à cidade na sua grafia antiga de Goyaz com Z e com Y e mais que o beco volte a ser beco na placa indicativa e largo deixe de ser praça e volte aos seus nomes de tradição no gosto do povo (CORALINA, 2014, p. 41).

Boa parte dessa narrativa, está calcada no espaço geográfico e na cultura do povo da Cidade de Goiás. Como demonstração da sua fé, Cora Coralina, cita as igrejas católicas que são testemunhas da cultura religiosa que acompanha o desenvolvimento dessa comunidade, pois as tradições sacras como a “Procissão do Fogaréu” e o badalar do sino a cada hora na igreja do Rosário, são representações culturais que permanecem vivas na cultura desse povo.

Nessa obra, Cora Coralina fala dos becos pobres, ou seja, a parte marginalizada da cidade, o que nos leva a entender que tudo tem a sua representatividade. Cita as lavadeiras, os moleques de rua que se aventuram pelos pontos mais sombrios, da serra, e do rio. No poema “Mutações”, a autora lamenta as mudanças de nomes dos espaços que formam a cidade, ela acredita que essas transformações podem destruir a memória afetiva que os moradores produzem acerca do lugar nomeado.

Muita rua da cidade
Mudou de nome.
Ritintin – mudou de nome
Chafariz – mudou de nome.
Rua Nova - mudou de nome.
Detraz da Abadia também.
Beco virou travessa.
Outras nem nome tem. Rua do Fogo se apagou,
Nas vielas não se toca.
Beco da Morte é pecado.
Do cotovelo é suspeito. [...] não sei onde vai parar tanta mudança de nome
(CORALINA, 2014, p. 19).

Nesse poema está explícito, a preocupação da autora em registrar na sua escrita a história da cidade, para que assim ela não se perca no tempo e na memória do seu povo. Os topônimos vêm assim, cumprir o papel de catalisador de tantos aspectos circunscritos à linguagem, ao lugar nomeado, às memórias de outras épocas goiana.

Assim, os lugares nomeados na Cidade de Goiás são referências, da formação geográfica, histórica e cultural dos primeiros colonizadores que ali chegaram. Para Cora Coralina, mudar esses designativos é agredir a memória do lugar e do povo vilaboense.

É possível notar que a autora faz uso da sua poética, muitas vezes, para denunciar o descaso com o patrimônio cultural, principalmente, depois da mudança da capital para Goiânia. O texto, “No Gosto do Povo”, que também compõe a obra **Villa Boa de Goyaz**, é uma alerta para a questão estrutural e de preservação dos objetos que descrevem a história da cidade.

Em Goiás tudo é velho: as casas, os telhados, as igrejas, os muros, as ruas e becos, O calçamento das ruas, o velho chafariz, esse então é o monstro sagrado. Dito pitorescamente, Chafariz de Cauda. O Museu criado com cem anos de atraso, quando os de fora, compradores de antiguidade tinham já vasculhado as casas e levado para longe seu melhor conteúdo em peça e mobília, santos e oratórios, almofadas de portas e uns famigerados cabidos mancebos. [...] Passaram pela cede do governo, presidentes e governadores, políticos e militares, homens cultos, formados e viajados. Oligarcas e demoradas oligarquias e nenhum se lembrou, jamais de criar um Museu para proteger e resguardar o acervo valioso da cidade. Este que está aí dito Museu das bandeiras, não consta de nenhum decreto de sua fundação, batizado pelo povo sem chancela oficial. Adaptada à antiga cadeia para resguardar o acervo valioso do estado que estava amontoado e se perdendo sem proteção como muito se perdeu e uma parte se salvou. Hoje Museu das Bandeiras na voz popular, sem verbas para aquisição de peças, pobre, mas valioso pelo documentário secular do que ficou (CORALINA, 2014, p. 74).

Desse modo, é possível constatar que a história, a cultura e a identidade de um povo só são preservadas com registros escritos, pois a narrativa sem objetos concretos passa a ser fatos abstratos que se perdem no tempo. Com isso, pode-se dizer que a escrita dessa autora é a descrição de uma época que vai ficar registrada por muitas gerações, como objeto histórico que descreve muito da sociedade vilaboense.

Na obra, **Villa Boa de Goyaz**, foi possível identificar 38 topônimos de natureza física e cultural, que estão distribuídos no quadro abaixo, de acordo com a categoria apresentada, alguns desses designativos também foram citados no livro **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais**. No entanto, esses designativos sofrerão uma segunda filtragem no momento da análise.

Quadro 2: Topônimos identificados na obra Villa Boa de Goyaz

Ruas	Becos	Igrejas	Outras categorias
Rua do Ritintin	Beco do Cotovelo	Igreja da Boa Morte	Villa Boa de Goyaz
Rua Nova	Beco da Boa Morte	Igreja do Rosário	Casa Velha da Ponte
Rua do Fogo	Beco da Vila Rica	Igreja do Carmo	Colégio de Sant’Ana
Rua Joaquim Rodrigues		Igreja da Abadia	Chafariz de cauda
Rua Joaquim Bastos		Matriz de Sant’Ana	Praça Pinheiro Machado
Rua 13 de Maio		Igreja de São Francisco	Museu da Bandeira
		Igreja de Ap. de Areias	Larguinho do Retemtem
		Igreja de Santa Barbara	Goiás
		Catedral de Goiás	Goyaz
			Goiás Velho
			Poço do Bispo

Pinguelona
Ponte da Lapa
Carioca
Fazenda Paraíso
Mata
Barro Preto
Serra Dourada
Rio Vermelho
Hotel Municipal

Fonte: Dados da presente pesquisa Elaborado por: Leênny Araújo (2024)

No terceiro capítulo desta dissertação, são realizadas as análises semântica, etimológica e taxionômica dos designativos identificados nas obras de acordo com os conceitos discutidos no primeiro capítulo e, em consonância com o que foi verificado na poética Coralineana.

III ANÁLISE DOS TOPÔNIMOS CORALINEANOS

*Língua e cultura não
“correm” paralelamente,
mas se interpenetram
(continuamente).
Siqueira (2022).*

Seguindo o pensamento de Siqueira (2022), de que língua e cultura caminham junto no desenvolvimento de uma sociedade, esse capítulo, é iniciado por um breve histórico da Cidade de Goiás, pois como já foi citado, a história do lugar está entrelaçada a vida da autora e a cultura do povo vilaboense. Desse modo, não há como descrever a poesia de Cora sem falar da cidade, da sua história e da relação intercultural que habita o lugar. Por fim, baseado nesses pilares, serão descritos os resultados da análise proposta na pesquisa, que terá como base a formação etimológica, semântica e morfológica dos topônimos coletados, relacionados a Taxionomia de Natureza Física e Antropocultural classificadas por Dick (1975) (1992), e Carvalho (2010).

3.1 A velha Goiás de Cora Coralina

A Cidade de Goiás reconhecida mundialmente, pela preservação do seu conjunto arquitetônico é um exemplo vivo de como a cultura está ligada a história de um povo. Fundada na primeira metade do século XVIII, mais precisamente em 1727, pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva (o filho), essa cidade resiste ao tempo.

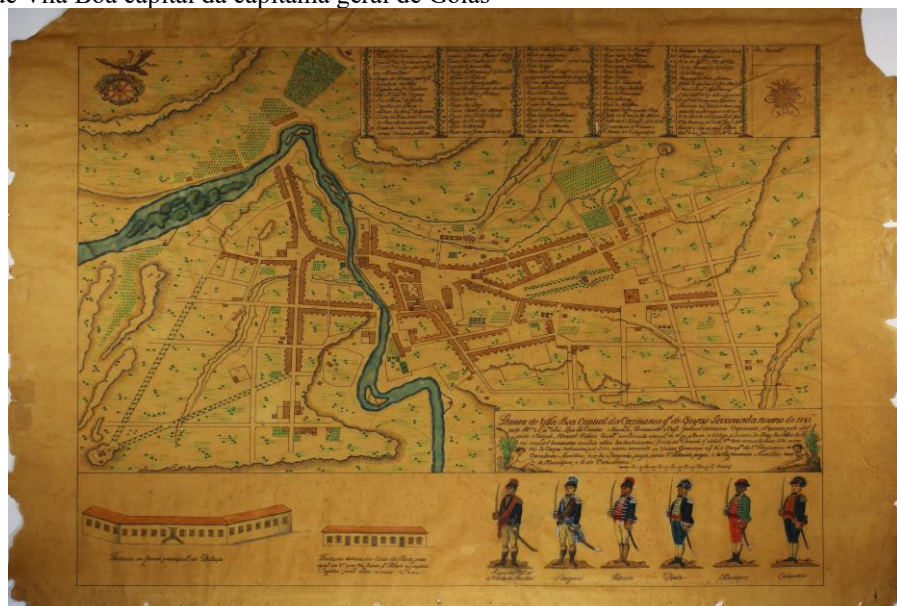
Ao chegar em terras Goianas e encontrar ouro em abundância, a bandeira comandada por Bartolomeu Bueno da Silva Filho, já deu início a formação do vilarejo que recebeu primeiramente o nome de Arraial de Sant’Ana, porém por se tratar de minas que se destacaram junto a coroa portuguesa, em pouco mais de uma década, o local foi elevado à condição de vila administrativa, recebendo assim o nome de Villa Boa de Goyaz, em homenagem a lendária tribo indígena Goyá, que tem sua existência pautadas em relatos orais, sem evidências registradas. Em 1748 foi criada a Capitania de Goiás, desmembrando essa região da capitania de São Paulo. Com a elevação do status, Dom Marcos de Noronha o “Conde dos Arcos”, foi instituído o administrador da capitania. Com sua chegada, instalou-se o “Estado mínimo” e logo a vila passa a ser capital da comarca, e o novo governador dá início a construção da cidade, sendo então o responsável pela edificação de boa parte do atual centro histórico da cidade, como a casa de fundição e o palácio que hoje leva seu nome. Em 1818 Villa Boa de Goyaz passa a ser

denominada Goyaz, que em 1950 teve a grafia alterada por decreto do governador Jeronymo Coimbra Bueno, passando a ser escrita com a vogal (I) e a consoante (S), como é grafada até os dias atuais, cidade e estado homônimo ambos denominados Goiás. Diante das evoluções nominativas sofridas por essa cidade é possível evidenciar que o homem cria e recria seu vocabulário de acordo com suas necessidades, modificando o léxico e sua linguagem ao longo do tempo. Com o esgotamento do ouro no final do século XVIII, Villa Boa teve sua população reduzida e precisou reorientar suas atividades econômicas para a agropecuária, mesmo assim social e culturalmente esteve sintonizada com as modas do Rio de Janeiro, então capital do Império. É importante ressaltar que Goiás possui uma manifestação cultural religiosa única que acompanha a história da cidade, “A Procissão do Fogaréu” que acontece na semana Santa.

No entanto, a grande mudança que transformou a história da cidade, foi a transferência da capital para a cidade de Goiânia em 1937, pelo então interventor Pedro Ludovico Teixeira. Talvez, tenha sido essa atitude a grande responsável pela preservação da arquitetura colonial da Cidade de Goiás. Mesmo diante das mudanças de nomes que ocorreram ao longo tempo, é importante destacar que o gentílico ainda permanece o mesmo, pois quem nasce ou nasceu nessa cidade é denominado vilaboense.

A Cidade de Goiás carrega na sua história um tesouro cultural representado nos topônimos, que são verdadeiros fósseis linguísticos, muitos deles presentes na literatura de Cora Coralina. Na planta abaixo podemos identificar essas referências que já faziam parte da arquitetura da cidade desde sua fundação.

Mapa 01: Planta de Vila Boa capital da capitania geral de Goiás



Fonte: Arquivo Histórico ultramarino (1772)

Essa imagem transcreve o retrato da Cidade de Goiás na época em que muitos de seus topônimos foram criados, representando a preservação da cultura e dos nomes escolhidos para efetivar a formação social dessa comunidade. Como aparece no relatório expedido pelo arquivo de memórias do atual Museu das Bandeiras:

Elaborada pelo soldado, dragão do Regimento da Cavalaria, Manuel Ribeiro Guimarães de ordem do Governador Luís da Cunha Menezes, governador de Goiás no período de outubro de 1778 até março de 1783, quando foi mandado para Minas Gerais, a fim de assumir o governo daquela capitania. A planta, “primoroso”, apresentava o levantamento do que existia na Vila em 1782 e a proposta de ordenação do seu crescimento, caso o crescimento da população assim exigisse. Acompanhado de um Código de Posturas Urbanas, esse foi o primeiro documento iconográfico da capital goiana elaborado com a pretensão de dar uma ordem urbana ou um planejamento ao crescimento – e somente ao crescimento – da história de Goiás. [...] Por meio da planta ficamos a par “da situação de vila Boa, quase cinquenta anos após a sua fundação. [...] Desenhado a nanquim. Apresenta uma extensa legenda que indica, por meio de números, letras e símbolos: chácaras, edifícios públicos, igrejas, hospício, câmara, palácio da residência do governo, cadeia, ruas, travessas, becos etc. Escala gráfica de 140 braças [=6,6cm]. Inclui rosa dos ventos, decorada em estilo neoclássico. Meridiano de origem: Ilha do Ferro (MUSEU DAS BANDEIRAS, Arquivo Histórico Ultramarino, 1772).

A planta da cidade, está acompanhada de uma legenda que indica os nomes de lugares que são representados no desenho, como explica a leitura paleográfica que completa o documento:

Na parte inferior, são representados os uniformes da guarnição militar da vila, com suas respectivas graduações: Cavalaria auxiliar, Dragões pagos, Pedestres, Infantaria, Auxiliar, Henriques e Ordenança. [...] Na parte esquerda possui dois desenhos técnicos com as seguintes legendas: Fachada ou frente principal de Palácio – Fachada de um dos lados da praça principal da V. A que fas frente para Palácio, e prospecto regular, p. A todas as mais ruas (MUSEU DAS BANDEIRAS, Arquivo Histórico Ultramarino, 1772).

Os topônimos estão listados na parte superior direita da planta, estão grafados com letra cursiva bem elaboradas, como era comum na época. Ao analisar o desenho é possível perceber que muitos dos nomes atribuídos aos lugares vilaboenses resistiram ao tempo, fortalecendo a preservação cultural do período de formação dessa cidade.

Desse modo, nesse capítulo será apresentado o resultado da análise toponímica dos vocábulos Coralíneos quanto a sua origem etimológica, semântica e morfológica. O aporte teórico para realização do estudo está pautado principalmente, na taxionomia e nas fichas lexicográficas elaboradas por Dick (1975) (1992).

Buscando um modelo taxionômico para o conjunto de topônimos existentes, Dick (1975) (1992), elaborou uma sequência classificatória que permite aos estudiosos da toponímia agrupar esses designativos em categorias distintas que podem ser definidas de acordo com sua

natureza, Física ou Antropocultural. Nessa vertente pode -se concluir que existe um vínculo enraizado entre o objeto denominado e seu denominador.

Quanto a taxionomia de Natureza Física elaboradas por Dick (1975) (1992), os topônimos se apresentam em onze grupos distintos, que são apresentados no quadro abaixo. Vale ressaltar que uma última categoria (Ignotopônimos), não está apresentada no quadro, pois, foi acrescentada por Carvalho (2010), sob a orientação da professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick.

Quadro 03: Taxionomias de Natureza Física

Taxionomias de Natureza Física	
Astrotopônimos	Topônimos relativos aos corpos celestes em geral
Cardinotopônimos	Topônimos relativos às posições geográficas dos acidentes
Cromotopônimos	Topônimos referentes à escala Cromática.
Dimensiotopônimos	Topônimos referentes às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, espessura, altura, profundidade.
Fitotopônimos	Topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade
Geomorfotopônimos	Topônimos relativos às formas topográficas.
Hidrotopônimos	Topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral.
Litotopônimos	Topônimos de índole mineral, relativos também a constituição do solo, representados por indivíduos.
Meteorotopônimos	Topônimos relativos a fenômenos atmosféricos.
Morfotopônimos	Topônimos que refletem o sentido de forma geométrica.
Zootopônimos	Topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos.

Dados extraídos de Dick (1975) (1992), Adaptado por Leênny Araújo (2024)

Quanto a natureza antropocultural os topônimos estão divididos em 16 categorias que estão expostas na tabela a seguir:

Quadro 04: Taxionomias de Natureza Antropocultural

Taxionomias de Natureza Antropocultural	
Animotopônimos ou Nootopônimos	Topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence a cultura física.

Antropotopônimos	Topônimos relativos aos nomes próprios individuais.
Axiotopônimos	Topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais.
Corotopônimos	Topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
Cronotopônimos	Topônimos relativos a épocas e a datas históricas.
Ecotopônimos	Topônimos que fazem referência a habitação de um modo geral.
Ergotopônimos	Topônimos relativos aos elementos da cultura material.
Etnotopônimos	Topônimos relativos aos agrupamentos étnicos e as cidades, países, regiões, continentes.
Dirrematopônimos	Topônimos construídos por meio de frases ou enunciados linguísticos.
Hierotopônimos	Topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças. Apresentam duas subdivisões: 1-hagiotopônimos : referente aos santos e santas do hagiolégio romano; 2- mitotopônimos : referentes a entidades mitológicas.
Historiotopônimos	Topônimos que se referem a movimentos de cunho histórico-social, aos seus membros ou ainda as datas correspondentes
Hodotopônimos	Topônimos relacionados às vias de comunicação
Numerotopônimos	Topônimos relativos aos adjetivos numerais.
Poliotopônimo	Topônimos construídos pelos vocábulos, vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.
Sociotopônimos	Topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontros dos membros de uma comunidade.
Somatopônimos	Topônimos em relação metafórica com parte do corpo humano ou animal.

Dados extraídos de Dick (1975) (1992), Adaptado por Araújo (2024)

De acordo com Dick (1990, p. 24), esse ‘modelo taxionômico deve ser interpretado como um instrumento de trabalho que possibilitará, provavelmente, a aferição objetiva das causas motivadoras dos designativos’, pois a partir dessa classificação torna-se possível identificar a origem linguística de cada topônimo. No entanto, há de se considerar que o número de taxes não é exaustivo, haja vista uma série de nomes cuja classificação foge dessa categorização, como exemplo “Rua do Fogo⁶”, que foi descrito como “igneotopônimo”. Pois segundo Carvalho (2010), essas lexias devem ser enquadrar às taxionomias de Natureza Física já estabelecidas por Dick (1975) (1992).

⁶ Em muitos municípios goianos, há uma rua do “fogo”, a motivação tem explicações variadas, desde a presença de pessoas advindas da área rural de madrugada, ainda no escuro trazendo tochas para clarear a rua; ou ainda há a explicação de rua onde havia casas de “luz vermelha”. Em relação à cidade de Goiás, não foram encontradas informações a respeito.

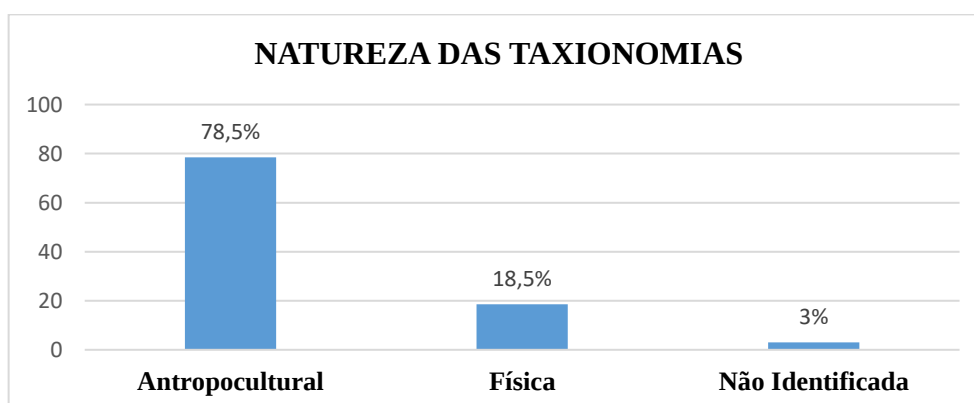
Nas duas obras estudadas, foram identificados 84 topônimos, que filtrados somaram 70 vocábulos, pois 14 deles se repetiam nas duas obras. Esses designativos estão distribuídos entre as duas categorias cósmicas apresentadas, com exceção dos Topônimos: “Larguinho do Retemtem” e “Poço da Mandobeira”, que não se enquadrou em nenhuma das taxes apresentadas, justamente por não apresentar uma estrutura semântica e origem etimológica precisa. A maior ocorrência das taxes são de natureza Antropocultural, constituindo 55 topônimos. Quanto à natureza física, foram identificadas 13 referências.

3.2 Taxionomias coletadas nas obras consultadas.

O gráfico abaixo mostra em base quantitativa a Natureza das Taxionomias Física e Antropocultural identificadas para realização da análise. Os dados mostram em porcentagens que as taxes estão assim distribuídas: Os topônimos de Origem Antropocultural representam 78,5% dos designativos identificados. As taxes de Natureza Física somam 18,5% dos nomes que passaram pela segunda filtragem para análise. Enquanto as taxes de Natureza não identificada representam 3% do total de vocábulos registrados.

Deve-se salientar que, quando o topônimo tem origem em outra língua, por exemplo, uma língua indígena, o tupi, a classificação recai, para este estudo, no significado do termo, na língua origem: “Poço da Carioca”, não se classifica pelo sentido de “carioca” como gentílico, aquele que nasce na cidade do Rio, mas recorre-se ao sentido na língua indígena. Alguns topônimos também não se encaixam em nenhuma das taxes proposta por Dick (1975) (1992), tais como “Poço da Mandobeira” e “Larguinho Retemtem” (sic). Em relação aos hierotopônimo, optou-se por adotar a taxe geral, seguida das duas “subtaxes”, hagiotopônimo, para santos e santas; mitotopônimos para entidades de origem mitológica lendária.

Gráfico 01: Natureza das Taxionomias

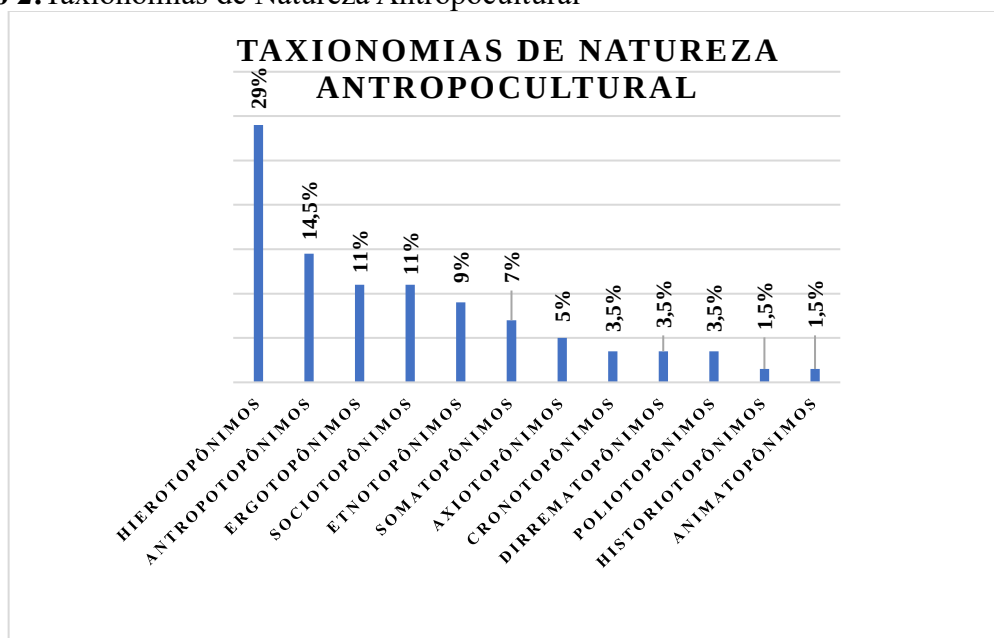


Silva (2017, p. 87), explica que essas “taxionomias nos permitem analisar e interpretar os designativos de lugares com maior precisão e segurança, do ponto de vista semântico, sendo estudado enquanto forma de língua e de acordo com a causa de seu emprego”. Nesse sentido os topônimos presentes na poética Coralineana representam um caráter motivador, pois reflete o desejo da autora em representar na sua poesia os lugares que fizeram parte da sua história.

Nos topônimos pesquisados, houve predominância das taxes de natureza Antropocultural, pois por se tratar de uma leitura que visa demonstrar nomes de ruas, becos, igrejas, repartições públicas e espaços geográficos, é natural que essa ocorrência seja maior, sendo que, esses estão relacionados a natureza humana, pois, muitas vezes o lugar nomeado é reflexo de homenagens feitas a nomes de pessoas ou entidades religiosas, como é o caso da Cidade de Goiás.

Dentre as taxionomias de origem Antropocultural, estão demonstradas no gráfico abaixo as subdivisões das taxes identificadas na análise. A distribuição dos topônimos segue uma ordem decrescente, ou seja, começaremos a análise pela taxionomia com maior ocorrência nas obras consultadas.

Gráfico 2: Taxionomias de Natureza Antropocultural



Os Hierotopônimos (Hagiotopônimos), ocupam uma quantidade representativa nas taxes encontradas, confirmando a religiosidade e a fé da sociedade vilaboense, bem como da autora que faz questão de expressar na sua lírica sua fé e devoção nos santos representantes do

Catolicismo. No mapa abaixo disponibilizado pela Prefeitura Municipal da Cidade de Goiás, são apresentados algumas das referências toponímicas analisadas nessa pesquisa.

Mapa 02 - Mapa da Cidade de Goiás



Fonte: Prefeitura Municipal da Cidade de Goiás.

3.3 Análises dos topônimos de Origem Antropocultural

3.3.1 Hierotopônimos (Hagiotopônimos e Mitotopônimos)

Os Hierotopônimos são os designativos referentes aos nomes sagrados e estão subdivididos em dois grupos: Hagiotopônimos: referentes aos santos e santas do hagiológico romano e Mitotopônimos: referentes às entidades mitológicas. Nessa pesquisa os topônimos dessa natureza representam aproximadamente 29% das taxas de Natureza Antropocultural identificadas. São eles: Rua da Abadia, Rua do Carmo, Beco da Boa Morte, Ponte do Carmo, Chafariz da Boa Morte, Ordem de São Domingos, Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, Igreja de Santa Barbara, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Igreja de Nossa Senhora da Abadia, Igreja

do Rosário, Igreja de São Francisco, Matriz de Sant’Ana, Colégio de Sant’Ana, Fazenda Paraíso e Cruz do Anhanguera.

Julga-se que essas citações não são aleatórias, pois a autora reflete na sua escrita exemplos do seu cotidiano, desse modo, esses espaços expressam a sua fé e religiosidade na escolha dos nomes que são como personagens em suas reminiscências, tem um significado especial para ela e para toda comunidade. Como descreve Dick (1990):

O elemento linguístico comum, revestido, aqui, da função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada. (DICK, 1990, p. 34).

Nas fichas lexicográficas estarão representadas as análises dos Hierotopônimos identificados nas duas obras apresentadas, demonstrando a motivação que provavelmente levou a autora a citar tais topônimos na sua literatura. A fé e a religiosidade são uma marca representativa nos costumes desse povo, e em épocas passadas essa devoção devia ser ainda maior, pois nota-se que a autora faz questão de demonstrar em muitos dos seus poemas. A análise semântica, morfológica e etimológica, estão apresentadas nas fichas lexicográficas que seguem a imagem dos topônimos identificados e serão expostas de acordo com o número decrescente, ou seja, a ordem segue as taxes que apresentam maior recorrência, para aquelas que se apresentam em quantidade menor.

Figura 1 - Rua da Abadia



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 01	
Topônimo: Rua da Abadia	Localização: Cidade de Goiás-GO

Taxionomia: Hierotopônimo ⁷	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Abadia do Latim: <i>abbatia</i> ; derivado do Aramaico <i>abba</i> , "pai").	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição <i>Aba</i> + <i>dia</i> , (Substantivo Feminino).	
Informações enciclopédicas: Rua da Abadia, à esquerda a Igreja de Nossa Senhora da Abadia, no Centro histórico da Cidade de Goiás.	
Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 2 - Rua do Carmo



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

N� de ordem: 02	
Topônimo: Rua do Carmo	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Carmo é um nome neutro de origem latina derivado do termo “Carmel” que significa “jardim de Deus”.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (Substantivo masculino, singular).	
Informações enciclopédicas: Rua do Carmo, Atual Rua Couto Magalhães, faz parte do Centro Histórico da Cidade de Goiás-GO.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

⁷ Pode ser visto como antropotop nimo “Abadia”, nome feminino de pessoa; “Abadia” edificação, igreja, ou (mas não aparece a palavra “santa”) relativo a Nossa Senhora D’Abadia.

Figura 3 - Beco da Boa Morte

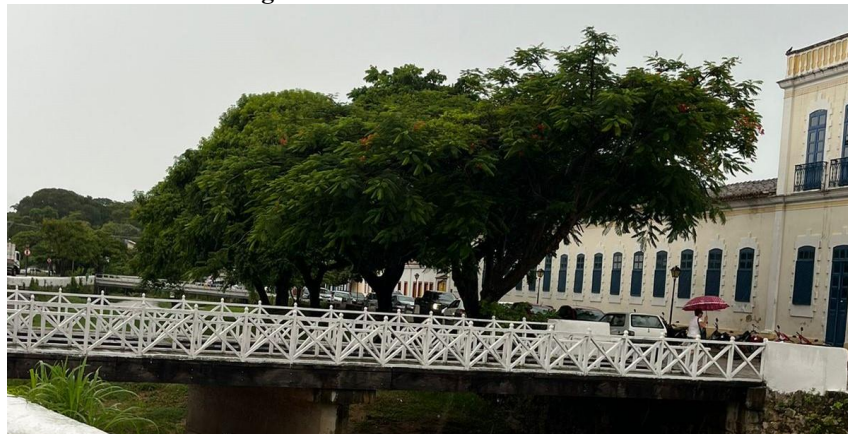


Fonte: Sherol Vinhas (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 3	
Topônimo: Beco da Boa Morte	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Boa Morte é um dos títulos atribuídos a Nossa Senhora pela tradição católica, por ela ter feito a passagem da vida terrena para a vida celestial.	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição, entre o adjetivo Boa+ o substantivo Morte, (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: O Beco da Boa Morte é atual Beco Alcides Jubé.	
Referências: Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionáriodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 4 - Ponte do Carmo



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 4

Topônimo: Ponte do Carmo	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Carmo é um nome neutro de origem latina que derivado do termo “ <i>carmel</i> ”, significa “Jardim de deus”.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Ponte em madeira sobre o Rio Vermelho, que liga as duas partes da cidade de Goiás, situada próxima ao Hospital Municipal e o Banco do Brasil.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionáriodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Dez. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 5 - Chafariz da Boa Morte



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 5	
Topônimo: Chafariz da Boa Morte	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Boa Morte é um dos títulos atribuídos a Nossa Senhora pela tradição católica, por ela ter feito a passagem da vida terrena para a vida celestial.	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição, entre o adjetivo Boa + preposição de + o substantivo Morte, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Este Chafariz se encontra em frente à Igreja da Boa Morte, hoje Museu de arte Sacra, foi construído em 1779, está situado na Praça do Coreto ou praça da Matriz.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionáriodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	

Figura 6 - Ordem de São Domingos

Fonte: Janiel Divino de Sousa (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 6	
Topônimo: Ordem de São Domingos	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo (Hagiotopônimo)	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Criada em 1215 por Domingos de Gusmão, a Ordem dos Pregadores, assim intitulada a Ordem dos Dominicanos tinha como objetivo principal a pregação do Evangelho e, aos poucos, espalharam-se por várias partes do mundo, chegaram à cidade de Goiás em 1883.	
Estrutura morfológica: Locução substantiva formada pelo substantivo São + preposição de + substantivo próprio Domingos.	
Informações enciclopédicas: A Ordem de São Domingos, também intitulada Ordem dos Dominicanos Chegou na cidade de Goiás no ano de 1883, a convite do bispo Dom Claudio Ponce de Leon e permanecem até os dias atuais.	
Referências: Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br; opopular.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 7 - Igreja de N. S. da Boa Morte

Fonte: Castro (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 7	
Topônimo: Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo (Hagiotopônimo) ⁸	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Boa Morte é um dos títulos atribuídos a Nossa Senhora pela tradição católica, por ela ter feito a passagem da vida terrena para a vida celestial.	
Estrutura morfológica: Locução substantiva composta pelo pronome possessivo Nossa + Pronome de tratamento senhora + preposição da + adjetivo Boa + substantivo Morte.	
Informações enciclopédicas: A Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte foi construída em 1779, no local onde estava a casa do descobridor de Goiás. Foi tombada como patrimônio mundial em 2001 “Nossa Senhora da Boa Morte”, é um dos títulos atribuídos a Nossa Senhora pela tradição católica, seu dia é comemorado em 15 de agosto, pois essa é a data da assunção de Maria ao céu no final de sua vida terrestre.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br; trajetara.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 8 - Igreja de N. S. da Abadia



Fonte: Portal Goiás Velho (2018).

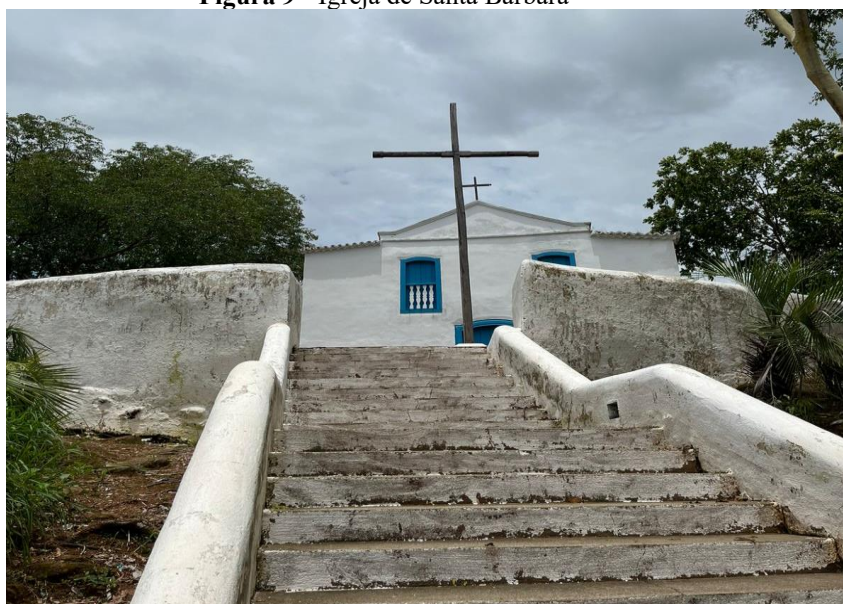
Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 8	
Topônimo: Igreja de Nossa Senhora da Abadia	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo (Hagiotopônimo)	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Abadia do Latim: <i>abbatia</i> ; derivado do Aramaico <i>abba</i> , "pai").	
Estrutura morfológica: Locução substantiva formada pelo Pronome possessivo nossa + pronome de tratamento senhora + mais substantivo próprio Abadia.	
Informações enciclopédicas: Em Goiás a igreja de Nossa Senhora da Abadia, foi Construída por Salvador dos Santos em 1970, com esmolas do povo. “Nossa Senhora da Abadia”, é um dos títulos da Virgem Maria.	

⁸ Tem preferência sobre a taxa “dirrematotopônimo”.

Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Figura 9 - Igreja de Santa Bárbara



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 9	
Topônimo: Igreja de Santa Bárbara	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo (Hagiotopônimo)	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Origem grega, Santa Barbara de Nicomédia, mártir do início do século III.	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição, (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Iniciada em 1775 por Cristóvão José Ferreira, foi concluída cinco anos depois, com uma fachada simples, essa igreja foi construída em blocos de pedra sabão e adobe. Sua escadaria possui 52 degraus que inicialmente foi construída em pedra sabão, mas refeita posteriormente em concreto. A igreja oferece uma das mais belas vistas da Cidade de Goiás.	
Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 10 - Igreja de N. S. do Carmo

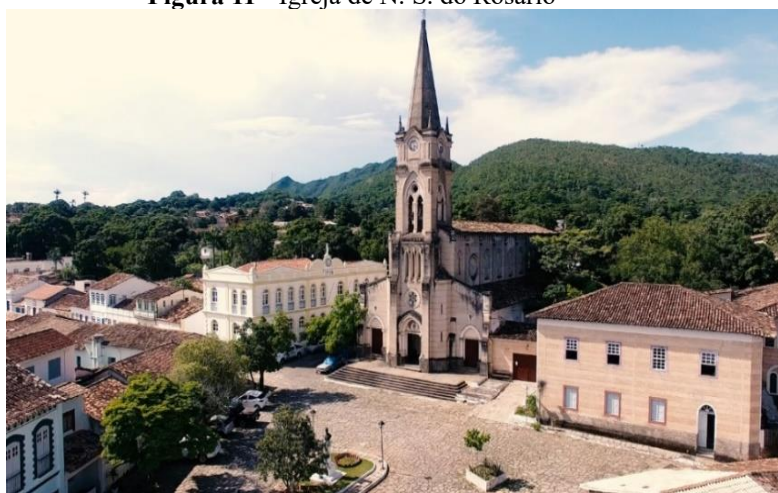


Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 10	
Topônimo: Igreja de Nossa Senhora do Carmo	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo (Hagiotopônimo)	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Carmo é um nome neutro de origem latina derivado do termo “ <i>Carmel</i> ” que significa “jardim de Deus”.	
Estrutura morfológica: Locução Substantiva formada pelo pronome possessivo nossa + substantivo senhora + preposição da + substantivo Carmo.	
Informações enciclopédicas: Edifício de arquitetura religiosa situado no Centro Histórico da cidade de Goiás, em 1786 foi repassada à confraria de São Benedito dos Homens Pretos e Mulatos. Construção em taipa de pilão e telhado em telha de barro canal, fazendo meia parede com outras construções, de um lado e de outro. Tem fachada plana e sem torre sineira. Possui forro de madeira em nave e capela mor.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br; ipatrimonios.org.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 11 - Igreja de N. S. do Rosário



Fonte: Janiel Divino de Sousa (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 11	
Topônimo: Igreja do Rosário	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo (Hagiotopônimo)	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Vem do latim <i>rosarium</i> , 1- “campo de rosas”, alusão a uma “coroa de rosas”. 2- “correntinha de contas para orações”, objeto composto por 165 contas, unidas por um fio ou cordão, cada qual representando uma oração.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: A antiga Igreja do Rosários dos Pretos foi erguida em 1734, reconstruída em 1934, em estilo gótico pelos padres Dominicanos.	
Referências: Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 12 - Igreja de São Francisco de Paula



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 12	
Topônimo: Igreja de São Francisco	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo (Hagiotopônimo)	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Vem do latim <i>Franciscus</i> .	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição, entre o substantivo são + o substantivo Francisco, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Datada de 1761, a Igreja de São Francisco abriga a irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos.	
Referências: Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 13 - Matriz de Sant'Ana



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 13	
Topônimo: Matriz de Sant'Ana	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo (Hagiotopônimo)	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Santana Palavra formada pelos termos 'santa' e 'Ana'. O termo 'santa' é feminino de 'santo', termo que se origina do latim ' <i>sanctus</i> ', mulher canonizada, virtuosa, digna de veneração, a que vive conforme os preceitos da lei divina, segundo a tradição judaico-cristã. O termo 'Ana' vem do hebraico ' <i>hannah</i> '.	
Estrutura morfológica: Nome composto por aglutinação, Santa+ Ana (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Considerada a Catedral da cidade construída em 1727, sua arquitetura apresenta três períodos históricos.	
Referências: Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 14 - Colégio de Sant'Ana



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 14	
Topônimo: Colégio de Sant'Ana	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo (Hagiotopônimo)	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Palavra formada pelos termos Santa e Ana. Santa é o feminino de santo que se origina do Latim <i>sanctus</i> , mulher virtuosa digna de veneração, a que vive conforme os preceitos da lei divina, segundo a tradição judaico-cristã. O termo Ana vem do Hebraico <i>Hanaah</i> .	
Estrutura morfológica: Nome composto por aglutinação, (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Colégio centenário que está situado ao lado do museu da Bandeira na Praça do Chafariz de Cauda.	
Referências: Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); www.vaticannews.com	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 15 - Fazenda Paraíso

Fonte: Britto; Santos (2009)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 15	
Topônimo: Fazenda Paraíso	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Vem do Latim, <i>Paradisus.i-</i> jardim	
Estrutura morfológica: Nome simples (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: A Fazenda Paraíso é onde viveu a família de Cora coralina, como consta nos poemas e contos da autora.	
Referências: Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradacidadedegoiás.com.br ; dicionariodenomespróprios.com.br .	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 16 - Cruz do Anhanguera



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 16	
Topônimo: Cruz do Anhanguera	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hierotopônimo (Mitotopônimo)	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: vem do Tupi, de ‘ <i>anhanga</i> ’, diabo, + <i>puêra</i> : aquilo que se foi ou velho. Foi o nome dado a Bartolomeu Bueno da Silva, um aventureiro português, nascido na capitania de São Paulo.	
Estrutura morfológica: Nome composto por aglutinação entre o substantivo diabo e o adjetivo velho, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: monumento que homenageia a passagem do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Filho “o Anhanguera”, pelo sertão goiano, já que a cruz antes pertencia ao município de Catalão, que doou a relíquia a então capital do estado na época.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; https://ricardonagy.wordpress.com/ ; DICK (1975) (1992), CUNHA (2010); CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Após a identificação e análise dos Hierotopônimos (Hagiotopônimos e Mitotopônimos), presentes nos textos, pode-se dizer que as motivações que influenciaram o nomeador tem associação com a escolha da autora em citar tais topônimos, pois a cultura vilaboense desde os tempos de sua fundação denota uma grande fé aos santos e referências do Catolicismo, o que nos leva a concluir que, esse foi o motivo da presença de tantos topônimos de origem religiosa na formação da Cidade de Goiás e consequentemente na poética Coralineana. Vale ressaltar que essa exaltação também é atribuída ao apelido mitológico que faz referência ao fundador da cidade de Goiás, Bartolomeu Bueno da Silva (o filho), pois o

topônimo Anhanguera denomina diversos espaços não só na Cidade de Goiás, mas também no estado que denota muito respeito ao bandeirante que desbravou essa terra.

3.3.2 Antropotopônimos

Os Antropotopônimos são topônimos relativos aos nomes próprios individuais, o que contribui para presença significativa na obra de Cora Coralina. Por se tratar de referências a nomes próprios, essa taxa representa 14,5%, dos nomes identificados na pesquisa. Goiás é uma cidade centenária, o que nos leva a refletir que as nomenclaturas designadas aos espaços físicos, muitas vezes são homenagens aos seus fundadores ou munícipes que de alguma forma se destacaram no desenvolvimento da cidade. Os 8 Antropotopônimos presentes nas obras estudadas são: Beco Antônio Gomes, Beco do Sócrates, Centro de Cardek, Escola da Mestra Silvina, Morro do Zé Mole, Praça Pinheiro Machado, Rua Joaquim Rodrigues e Rua Joaquim bastos.

Figura 17 - Beco Antônio Gomes



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 17	
Topônimo: Beco Antônio Gomes	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Antropotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Antônio: Do Latim <i>Antonius</i> , significa inestimável ou valioso. Gomes: Vem de <i>Gomo</i> ou <i>Gome</i> , palavra que teria origem do Latim. Outra provável teoria para a origem do nome vem do visigótico <i>Guma</i> , que também significa "homem".	
Estrutura morfológica: Antônio: Nome composto por justaposição entre o primeiro nome e sobrenome de família, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Não encontradas	

Referências: Dicionário de Nomes próprios Digital; Dicionário Caldas Aulete; DICK (1975) (1992). CORALINA (2014);
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Figura 18 - Beco do Sócrates



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 18	
Topônimo: Beco do Sócrates	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Antropotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: <i>Sócrates</i> : De origem Grega, o nome <i>Sócrates</i> significa: “poder interino”, “Poder seguro”.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (Substantivo Masculino).	
Informações enciclopédicas: Beco do Sócrates liga a praça do chafariz ao Largo da Igreja de São Francisco, no Centro Histórico da Cidade de Goiás.	
Referências: Dicionário dos nomes próprios; Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br .	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 19 - Centro de Kardec



Fonte: Jornalopção.com.br (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 19	
Topônimo: Centro de Kardec	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Antropotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: surgiu do céltico- <i>alla</i> , que significa harmonioso, lindo.	
Estrutura morfológica: sobrenome simples, (adjetivo masculino).	
Informações enciclopédicas: A Doutrina Espírita teve suas raízes plantadas na cidade de Goiás ainda no século XIX. Jacyntho do Couto Brandão, tio avô de Cora Coralina foi o primeiro estudioso das obras de Kardec em Villa Boa de Goyaz. Portanto o Centro de Kardec intitulado na época por “Amigo dos Sofredores” acompanhou o desenvolvimento da cidade.	
Referências: Dicionário dos nomes próprios; Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992). CORALINA (2014); Jornalopção.com.br	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 20 - Escola da Mestra Silvina



Fonte: Marlette Menezes (1986)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 20	
Topônimo: Escola da Mestra Silvina	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Antropotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: <i>mestra</i> vem do latim- magister, o que comanda ou dirige, chefe, professor. <i>Silvina</i> - também de origem latina, vem de Silva ou selva.	

Estrutura morfológica: nome composto por justaposição entre um pronome de tratamento + substantivo próprio feminino.
Informações enciclopédicas: Antiga escola primária onde Cora Coralina foi alfabetizada.
Referências: Dicionário dos nomes próprios; Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014).
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Figura 21 - Morro do Zé Mole



Fonte: Camaradegoiás.gov.br

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 21	
Topônimo: Morro do Zé Mole	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Antropotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Expressão comum no interior do Brasil, para expressar Moleza em alguém, provavelmente alcunha de alguém (Zé).	
Estrutura morfológica: Nome composto pelo substantivo Zé (abreviação de José) e do adjetivo mole. (substantivo masculino)	
Informações enciclopédicas: Morro que fica atrás da igreja de Santa Barbara, no Bairro Chupa Osso, também conhecido por alto de Santana.	
Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992). CORALINA (2014); Dicionário online de nomes próprios.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 22 - Rua Joaquim Bastos



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 22	
Topônimo: Rua Joaquim Bastos	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Antropotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Joaquim tem origem hebraica, significa “aquele que Deus levou”; Bastos vem do latim <i>Vastus</i> , que significa lugar despovoado.	
Estrutura morfológica: Nome composto pelo primeiro nome e sobrenome de família, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Primeira rua a direita da Cruz do Anhanguera, sentido a Praça do Coreto.	
Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992). CORALINA (2014); Dicionário online de nomes próprios.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 23 - Rua Joaquim Rodrigues

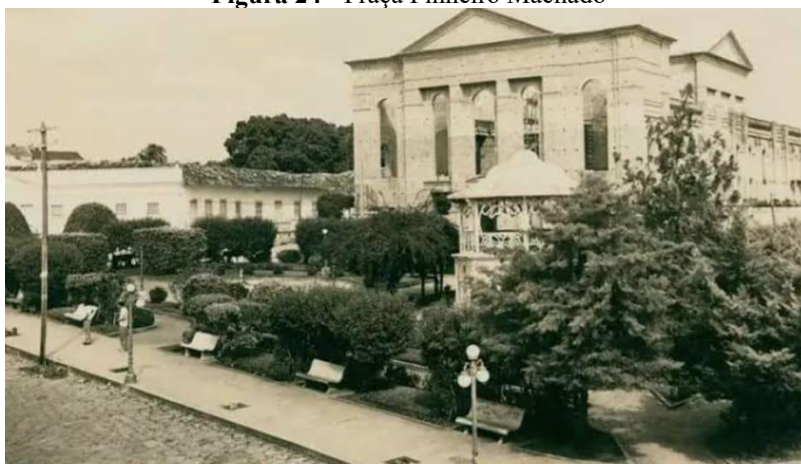


Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 23	
Topônimo: Rua Joaquim Rodrigues	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Antropotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Joaquim tem origem hebraica, significa “aquele que Deus levou”; Rodrigues tem origem germânica, é muito comum como sobrenome nos países que usam a Língua Portuguesa, como Portugal e Brasil.	
Estrutura morfológica: Nome composto, formado pelo primeiro nome e sobrenome de família, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Rua que liga a rua Dr. Neto e a rua Americano do Brasil. Nesta rua está localizada a escola Lar São José.	
Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); Dicionário online de nomes próprios.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 24 - Praça Pinheiro Machado



Fonte: IBGE (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 24	
Topônimo: Praça Pinheiro Machado	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Antropotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Não encontrada	
Estrutura morfológica: Nome composto, formado por dois sobrenomes de família, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Praça Pinheiro Machado é também conhecida como praça do coreto, ou Praça Castelo Branco. Está situada no Centro Histórico da cidade de Goiás, em frente a Matriz de Sant'Ana, o Museu de Arte Sacra e o Palácio do Conde dos Arcos. Já foi denominada no passado por Larguinho do Retemtem.	
Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); Dicionário online de nomes próprios.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

As ocorrências dessa taxa são muito comuns não só na Cidade de Goiás, mas em todo Brasil, pois todo aglomerado humano tende a homenagear com nomes próprios seus espaços geográficos. Os Antrotopônimos presentes na cidade de Goiás são escolhas que fazem referência a pessoas importantes, que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento social, político e cultural dessa sociedade.

Por considerar que a motivação para nomear o que existe, reflete o momento vivido por seu denominador, é possível afirmar que esses nomes são referências a personalidades vilaboenses que fizeram parte da história desse lugar. A poética de Cora Coralina, a todo momento faz referência os espaços urbanos que compõem a Cidade de Goiás, pois esses locativos são quase que personagens de suas memórias que entrecruza poesia, cultura e a história vilaboenses.

3.3.3 Ergotopônimos

Os nomes relacionados a cultura material são classificados como Ergotopônimos. Na coletânea de contos, poesias e poemas analisados foi possível identificar 6 referências a essa taxionomia. Esse número representa 11% dos topônimos de Natureza Antropocultural e descreve um espaço que tem uma representatividade ímpar para a Cidade de Goiás. Esse espaço acompanha a cidade desde sua formação, ilustrando a história e a cultura da sociedade vilaboense, o Largo do Chafariz encanta com sua altivez e beleza. Esse topônimo juntamente com o Beco do Seminário, o Beco do Calabrote, o Beco da Escola, Rua do Sabão e Rua do Ritintin são as representações dos Ergotopônimos presentes nos textos analisados. Assim, a motivação da autora em citar tais topônimos é explicada pela importância cultural que os mesmos denotam ao lugar. Cora Coralina é a responsável por eternizar esses espaços, pois de acordo com a reportagem do quadro “Só Goiás que tem” do programa Balanço Geral da Rede Record, disponível no Youtube. A cidade esteve esquecida depois da transferência da capital para Goiânia e o que reviveu sua economia foi a volta de Cora e o reconhecimento nacional da autora como poetisa.

Figura 25 - Beco do Seminário



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 25	
Topônimo: Beco do Seminário	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Ergotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Do latim <i>Seminarium</i> , viveiros de plantas, de <i>sēmen</i> semente, pois se trata de um local ou atividades em que são semeadas ideias.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Um dos Becos existentes na Cidade de Goiás que ainda permanece com o nome original, inclusive com o termo genérico “Beco”, pois, muitos agora são denominados por travessas.	
Referências: Dicionário Caldas Aulete digital; Dicionário online de Português; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionáriodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 26 - Largo do Chafariz



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 26	
Topônimo: Largo do Chafariz	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Ergotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: A palavra chafariz deriva do árabe "ṣīḥrīdj", com sentido de cisterna, tanque.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Praça Central onde foi construído o Chafariz de cauda, símbolo histórico da cidade de Goiás.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br; dicionário online de Português.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 27 - Beco do Calabrote



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 27	
Topônimo: Beco do Calabrote	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Ergotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Origem incerta	
Estrutura morfológica: Nome simples formado pelo radical calabre + o sufixo ote, cabre é “amarra de cabo”; do antigo português <i>caabre</i> , derivado do francês <i>caable</i> , por sua vez derivado latim tardio <i>capulum</i> “corda”. (CUNHA, 1998, p. 138).	
Informações enciclopédicas: Um dos becos que fica na parte oeste da cidade de Goiás próximo à Rua Carmo.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 28 - Bequinho da Escola



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 28	
Topônimo: Bequinho da Escola	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Ergotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Do Grego <i>scholé</i> , através do termo latino <i>schola</i> .	
Estrutura morfológica: Nome simples, (Substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Beco antigo situado próximo a escola da mestra Silvina, conhecido hoje como Travessa do Carmo.	
Referências: Dicionário Caldas Aulete digital; Dicionário online de Português; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 29 - Rua do Sabão



Fonte: camarago.go.gov.br

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 29	
Topônimo: Rua do Sabão	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Ergotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Do Latim. <i>Săpiēns</i> .	
Estrutura morfológica: Sa-bão: Nome simples, (Substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: A rua do sabão é o antigo nome da atual rua XV de Novembro, onde se instalou a primeira loja de ferragens da Cidade de Goiás.	
Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; Dicionário Houaiss Online; CUNHA (2010); DICK (1975) (1992); CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 30 - Rua do Ritintin



Fonte: jornalhoraextra.com.br (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

N� de ordem: 30	
Topônimo: Rua do Ritintin	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Ergotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: (provável) nome dado a bonequinhos de boa sorte usados por soldados franceses durante a Segunda Guerra; ou nome tirado das roupas de l� feitas pelas namoradas dos soldados franceses. (SIQUEIRA, 2015).	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo masculino)	
Informações enciclopédicas: Mesmo tendo a grafia alterada, julga-se que essa é uma homenagem ao famoso c�o que estrelava filmes e seriados nas primeiras décadas do século XX, Rintintin. Essa via hoje é denominada por Rua Monsenhor Azevedo e está situada do lado esquerdo da Igreja do Rosário.	
Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); Dicionário online de nomes próprios.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Dos seis Ergotopônimos identificados, um é bem relevante para a história de Goiás, pois remontam um passado vivo na cultura vilaboense, é o Largo do Chafariz, está situado na praça principal do centro Histórico da Cidade de Goiás e causa nostalgia por sua imponência. A Casa Velha da Ponte, também é uma referência importante, pois remete a moradora mais ilustre do lugar. Os becos citados ilustram a cidade, e principalmente a poesia de Cora Coralina, mas   perceptível a relação de poder denotada aos dois primeiros espaços citados. Vale ressaltar que os becos, são considerados muitas vezes, a parte marginalizada da cidade, dessa maneira pode se dizer que a motivação da autora em citar esses designativos está pautada na intenção de denunciar os descasos com a comunidade menos privilegiada da cidade.

3.3.4 Sociotopônimos

Os topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade são denominados Sociotopônimos. Nas obras pesquisadas, essa taxa é representada por 6 topônimos que ilustram a poesia Coralínea. Esse número de ocorrências corresponde a 11% dos topônimos de Natureza Antropocultural analisados. Os nomes que compõem essa taxa são representados pelos espaços a seguir: Museu de Arte Sacra, Clube Literário Goiano, Ponte Nova do Mercado, Casa de Mulheres, Casa de Câmara e cadeia pública e Hotel Municipal. Dentre os 6 topônimos, há um com denominação espontânea que é o caso da “Casa de Mulheres”, Nome que identificava provavelmente um prostíbulo, espaço que notadamente devia ser excluído, rejeitado e marginalizado.

Figura 31- Museu de Arte Sacra



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 31	
Topônimo: Museu de Arte Sacra	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Sociotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: O nome Arte Sacra é uma forma de manifestação artística que está intimamente relacionada com religiosidade e o sagrado.	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição, (Substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: O Museu de Arte Sacra da Boa Morte está localizado no centro histórico de Goiás. Seu acervo é de propriedade da Diocese de Goiás e gerido pelo Instituto Brasileiro de Museus desde 2009. No seu passado, o edifício, inicialmente, foi construído para abrigar uma Igreja para Santo Antônio de Pádua em 1762. Devido a	

proibição real de edificações religiosas pertencentes a militares, foi doada à Confraria dos Homens Pardos da Boa Morte que em 1779 concluiu a edificação em homenagem a Nossa Senhora da Boa Morte.

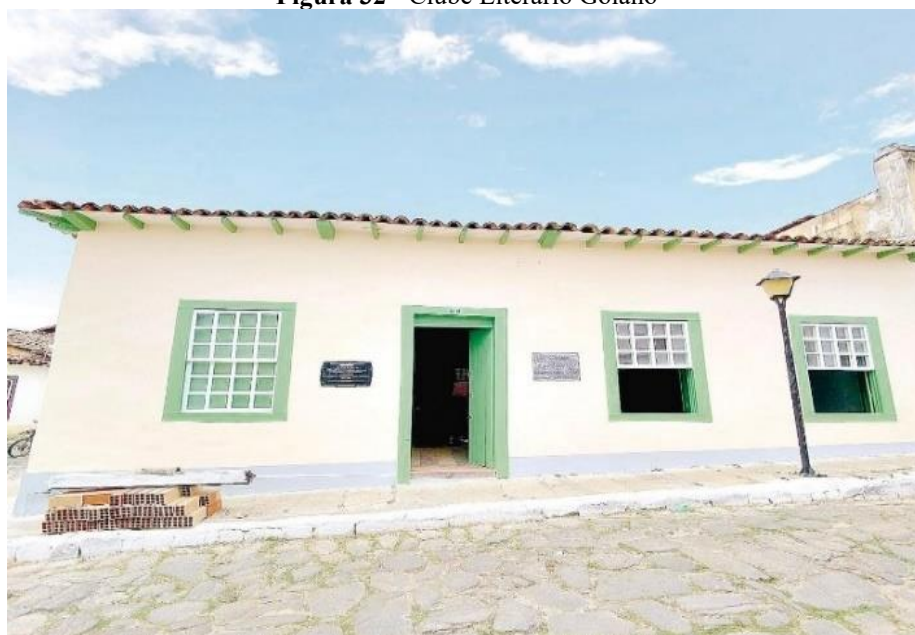
Referências: Dicionário de Nomes Próprios, Dicionário online Caldas Aulete; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradacidadedegoias.com.br; trajetar.com.br.

Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023

Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo

Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Figura 32 - Clube Literário Goiano



Fonte: Jornal O popular (2021)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 32	
Topônimo: Clube Literário Goiano	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Sociotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Homenagem ao gentílico do Estado de Goiás, “goiano”.	
Estrutura morfológica: Nome composto por dois adjetivos, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Hoje conhecido como Gabinete Literário foi criado em 1864, atualmente sua sede está situada na Rua Couto Magalhães esquina com rua 13 de Maio. No seu acervo destacam-se jornais e livros dos séculos XIX e XX.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br .	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 33 - Ponte Nova do Mercado



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 33	
Topônimo: Ponte Nova do Mercado	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Sociotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Do latim <i>Novus</i> e <i>Mercatu</i> , lugar onde se comercializa produtos alimentícios e outras mercadorias.	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição, entre o adjetivo nova + preposição do + substantivo masculino, (Substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Uma das cinco pontes que unem as duas partes da cidade de Goiás, fica próxima ao Mercado Municipal no Centro histórico da cidade de Goiás.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); grupounieduk.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Dez. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 34 - Casa de Mulheres



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 34	
Topônimo: Casa de Mulheres	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Sociotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: origem associada a palavra cabaré- tem origem francesa- casa de diversões noturnas.	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição entre dois substantivos femininos unidos pela preposição de, (Substantivo Feminino).	
Informações enciclopédicas: Casa de prostituição, onde mulheres vendiam o corpo.	
Referências: DICK (1975(1992)); CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 35 - Casa de Câmara e Cadeia Pública



Fonte: Fernando Arkanjo (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 35	
Topônimo: Casa da Câmara e Cadeia Pública	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Sociotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: origina do latim- <i>casae</i> , com sentido de cabana; Câmara- Do latim- <i>camera</i> ; cadeia- Do latim <i>catenam</i> ; Publica- do latim <i>publicus</i> , relativo ao povo.	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição entre três substantivos femininos e um adjetivo.	
Informações enciclopédicas: A antiga casa de Câmara e cadeia, foi iniciado em 1761 e concluída em 1766. Em 1950 foi transformada no Museu das Bandeiras, desde então faz parte da política patrimonial nacional.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br ; trajetar.com.br .	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 36 - Hotel Municipal



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 36	
Topônimo: Hotel Municipal	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Sociotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Vem do latim <i>Municipalis</i> .	
Estrutura morfológica: Nome composto, (substantivo masculino)	
Informações enciclopédicas: localizado em frente à Casa de Cora Coralina, às margens do Rio Vermelho e ao lado do Cine Teatro São Joaquim, situa-se o antigo Hotel Municipal, hoje Casa da Ponte Hotel, que recepcionou tantas pessoas ilustres, palco de muitas histórias em um passado não muito distante.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); curtacidadede goias.com.br	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

A categoria dos Sociotopônimos, apresenta um topônimo identificado na análise com outra denominação, que é a Casa de Câmara e Cadeia Pública, que no passado apresentava outra função social. Esse espaço hoje é conhecido como Museu das Bandeiras e abriga um acervo histórico que remonta os tempos antigos da sociedade vilaboense. A Casa de Mulheres é um topônimo espontâneo, provavelmente denominado pela própria autora, que fez questão de descrever o papel da mulher marginalizada numa sociedade machista e preconceituosa. Não foi possível encontrar qualquer registro de imagem que pudesse ter ligação com tal topônimo. Os demais vocábulos também são espaços relevantes para a história da cidade e da autora que incorpora suas reminiscências a sua poética.

3.3.5 Etnotopônimos

Os Etnotopônimos são topônimos relativos aos elementos étnicos, tribos, isoladas ou não. O próprio nome da cidade faz referência a essa taxa, pois, o nome de Goiás tem origem na lendária tribo indígena denominada Goyá (Goyazes), etnia essa que não tem sua existência comprovada, pois se um dia existiu foi totalmente extinta pelas bandeiras que exploraram o sertão goiano. Como cita Quintela (2003):

Constitui um tradicional tópico, geralmente aceito, afirmar que o topônimo “Goiás” tem sua origem no gentílico de uma presumível tribo ou nação aborígine formada por silvícolas de simbólica nomenclatura para o estado de Goiás denominados “goyazes”, “guayazes”, “guaiás”, “guoyá”, “goyá” ou “goiá”. Estes indígenas teriam tido seu principal assentamento no Mato Grosso goiano, concretamente às margens da nascente do Rio vermelho nas vizinhanças da Serra Dourada, região escolhida como a parada ideal para a fundação do Arraial ou povoado de Sant’Anna por Bartolomeu Bueno da Silva, o filho. [...] Os índios, ter-se-iam misteriosamente extinguido, sem deixar o menor rasto, pouco tempo após a chegada do anhanguera II. [...] Se essa “gente semelhante”, isto é, se os índios Goyá, existiram ou não no coração do Brasil continua a ser uma “verdade de fé”. (QUINTELA, 2003, p. 170).

O número de Etnotopônimos presentes nas obras analisadas correspondem a 4 lexias, 3 delas são as variantes nominativas da Cidade Goiás, que tem uma representatividade singular na poesia de Cora Coralina, por ser retratada como uma das grandes paixões da autora. Goiás, Goyaz, Goiás Velho e Catedral de Goiás, são os exemplos de Etnotopônimos presentes nos textos e correspondem a 9% do total de topônimos identificados.

Figura 37 - Goiás



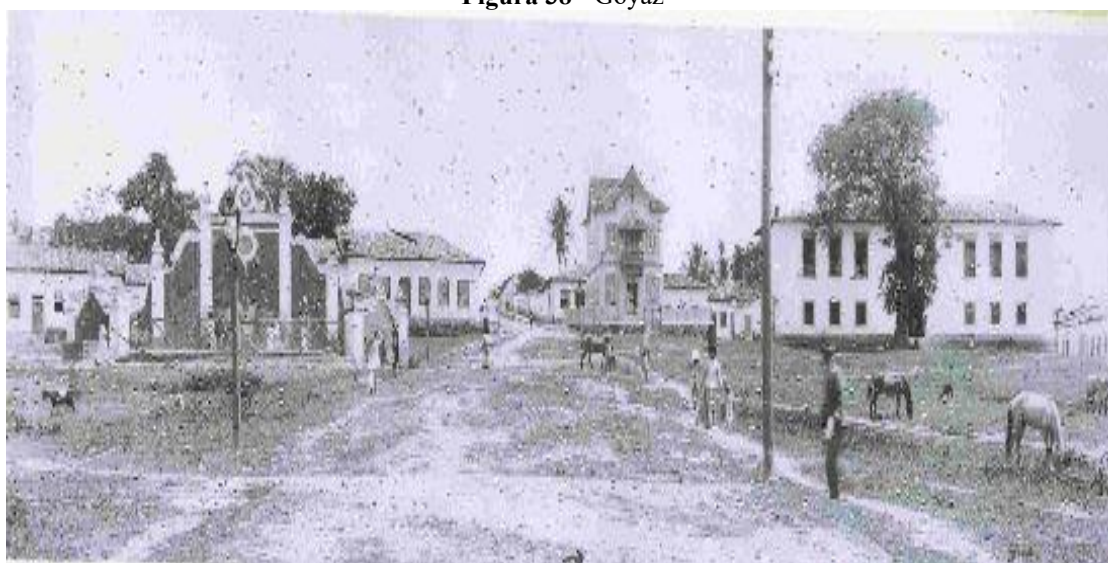
Fonte: nastrilhasdobrasil.com

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 37	
Topônimo: Goiás	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Etnotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Do tupi corr. <i>Guayá</i> , c. <i>guá-yá</i> ‘o indivíduo semelhante’.	
Estrutura morfológica: Nome Simples, (substantivo de dois gêneros).	

Informações enciclopédicas: Cidade fundada no século XVII, por Bartolomeu Bueno da Silva Filho. Foi por mais de 200 anos, a capital do estado cujo nome é homônimo. Devido a preservação da cultura e do seu conjunto arquitetônico, foi tombada como patrimônio histórico da humanidade em 2001.
Referências: Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); prefeituradegoias.com.br. QUINTELA (2003); CORALINA (2014).
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Figura 38 - Goyaz



Fonte: vilaboadeagoias.com.br

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 38	
Topônimo: Goyaz	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Etnotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: O nome Goyaz origina-se da denominação da tribo indígena Guaiás, que quer dizer indivíduo igual, gente semelhante da mesma raça. Goyaz é a primeira variante desse vocábulo.	
Estrutura morfológica: Nome Simples (substantivo de dois gêneros que pode tanto se referir a cidade de Goiás como ao estado de Goiás).	
Informações enciclopédicas: Uma das variantes do nome atribuído a cidade de Goiás, que permaneceu até a metade do século XX, quando teve sua grafia alterada por decreto do governador.	
Referências: Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); prefeituradegoias.com.br. QUINTELA (2003); CORALINA (2014);	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 39 - Goiás Velho

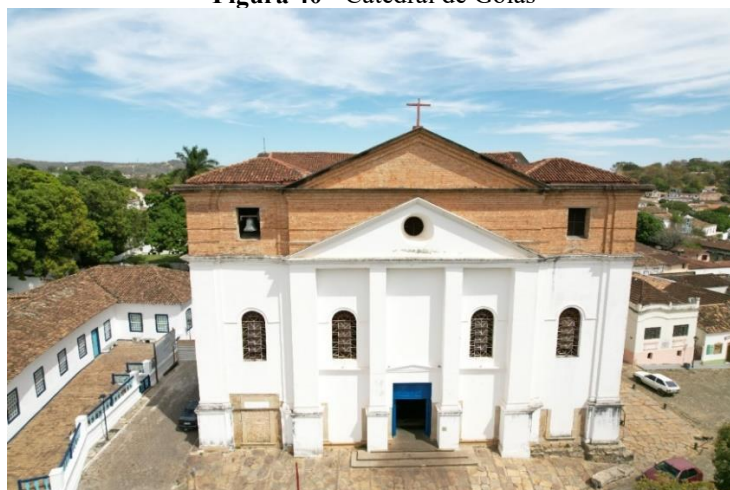


Fonte: Jornal opção

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 39	
Topônimo: Goiás Velho	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Etnotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: O nome Goiás origina-se da denominação da tribo indígena Guaiás, que quer dizer indivíduo igual, gente semelhante da mesma raça. Goiás Velho é uma forma carinhosa referente ao nome de Goiás.	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição entre o substantivo Goiás e o adjetivo Velho, (substantivo de dois gêneros, mesmo apresentando um adjetivo masculino)	
Informações enciclopédicas: Cidade goiana fundada em 1727, que foi capital do estado por mais de dois séculos. Hoje é tombada como patrimônio cultural da humanidade por resistir ao tempo e as ações do homem.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); QUINTELA (2003); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 40 - Catedral de Goiás



Fonte: Secult Goiás (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 40	
Topônimo: Catedral de Goiás	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Etnotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: variante do nome atribuído a Matriz de Sant’Ana, igreja localizada no centro histórico da cidade de Goiás.	
Estrutura morfológica: Nome composto por um substantivo feminino+ preposição de+ substantivo de dois gêneros.	
Informações enciclopédicas: Catedral da cidade construída em 1727, sua arquitetura apresenta três períodos históricos.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Durante o levantamento bibliográfico para constituição do corpus da pesquisa, foi possível perceber que a poética Coralineana, a todo tempo faz referências a Cidade de Goiás, a autora descreve nos seus poemas a paixão por esse lugar, escolhido para fazer parte do enredo que compõe a sua vida. Em todas as obras oportunizadas para leitura, encontra-se referências ao nome da cidade, no poema “No gosto do povo” a autora demonstra sua preferência pela antiga grafia, a variante onde Goiás se escreve com y e z. A motivação da autora em citar tais topônimos é evidenciada no carinho que a mesma denota ao lugar, Cora descreve a cidade como parte da sua existência, Goiás é uma personagem na poesia dessa autora que eternizou sua lírica, juntamente com o espaço em que viveu intensamente cada etapa da sua existência.

3.3.6 Somatopônimos

Os designativos conceituados como Somatopônimos, são aqueles que tem relação metafórica com as partes do corpo humano ou do animal. Nas obras consultadas há quatro ocorrências dessa natureza, três delas são citadas diversas vezes, por se tratar de lugares muito evidentes na história da Cidade de Goiás. O Chafariz de Cauda por exemplo, é uma referência muito presente na cultura dos vilaboenses, pois acompanha a formação da cidade desde os tempos de sua fundação. Está localizado em uma das praças centrais, e de certa forma denota imponência pela sua estatura e beleza. O Beco do Cotovelo e o Poço da Carioca, também são espaços simbólicos, e são citados por diversas vezes na poesia Coralineana. O bairro Chupa-Osso é citado somente uma vez, mas tem uma representatividade cultural muito importante para

a história da cidade e provavelmente para a autora que incorporou a sua lírica referências da sua comunidade como parte da sua história de vida.

Figura 41 - Poço da Carioca



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 41	
Topônimo: Poço da Carioca	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Somatotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Do tupi <i>karana'iva</i> (< <i>kara'na</i> De uma forma tupi <i>kari'oka</i> (< <i>kara'iya</i> 'homem.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Nesse local além do Rio vermelho encontra-se a Fonte da Carioca e Museu Histórico e Arqueológico a céu aberto.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br .	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 42 - Beco do Cotovelo



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 42	
Topônimo: Beco do Cotovelo	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Somatopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Do Latim <i>Cubitus</i> , forma corrupta de <i>Cubitellum</i> , diminutivo de <i>Cubitum</i> , coto, cotovelo. <i>Cubitus</i> era o nome antigo do osso Ulna que também designava todo o antebraço.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (Substantivo masculino, próprio, singular).	
Informações enciclopédicas: Beco afastado que fica próximo à rua 15 de Novembro, bem curto e estreito.	
Referências: Dicionário Etimológico médico online, Dicionário Caldas Aulete Digital. DICK (1975) (1992); CUNHA (2010); CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 43 – Chupa-osso



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 43	
Topônimo: Chupa-osso	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Somatopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Chupa do Árabe (<i>jubba</i>) <i>aljuba</i> +osso que vem do latim <i>ossum</i> .	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição entre o verbo chupar no presente e o substantivo osso, (Substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: É um bairro periférico da cidade de Goiás, também conhecido como “Alto de Santana”, fica no alto da cidade próximo a igreja de santa Bárbara.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	

Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Figura 44 - Chafariz de Cauda



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 44	
Topônimo: Chafariz de Cauda	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Somatopônimo	Natureza: Antropo - Cultural
Origem/Etimologia: Chafariz do Árabe <i>ṣīhrīdj</i> que tem sentido de cisterna, tanque; cauda do Latim <i>cauda</i> .	
Estrutura morfológica: Nome composto, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Construído em 1778, é organizado em quatro corpos, apresentando espaço central para bicas, além de dois tanques na parte externa, destinado aos animais, uma grade de proteção frontal, criando um pátio externo com bancos.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); ipatrimonio.org	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Essas quatro referências são espaços que também resistiram ao tempo na Cidade de Goiás. O Chafariz de Cauda com o mesmo nome desde sua criação, contempla quase três séculos de existência, encanta com sua beleza e perfeição. O Beco do Cotovelo é um dos becos que ainda permanece com o mesmo nome, inclusive com o termo “Beco”, pois muitos se transformaram em Travessa. O Poço da Carioca também preserva o nome de sua criação. Já o Bairro do Chupa-Osso, foi substituído pelo nome Alto de Santana, pois o antigo nome não agradava aos moradores dessa região. Tanto que durante a visita in loco, foi possível identificar uma placa com cobertura de tinta, para esconder tal designativo. Apenas o Beco ainda recebe o nome “Chupa Osso”

3.3.7 Axiotopônimos

Essa taxa se refere aos títulos e a dignidades que acompanham os nomes próprios individuais. Na Cidade de Goiás, essas ocorrências são muito presentes nos espaços públicos, por constituir uma história que completa quase 3 séculos. No entanto, nas obras consultadas foi possível identificar três exemplos, que são: O Palácio do Conde dos Arcos, construído a partir da primeira década de existências do vilarejo, para abrigar o primeiro governador da Capitania Goyaz. Esse prédio é um exemplo vivo de como o conjunto arquitetônico da cidade foi preservado. A rua Monsenhor Azevedo, foi batizada com esse designativo em homenagem ao primeiro Bispo da cidade D. Francisco Ferreira de Azevedo e o Poço do Bispo é o designativo escolhido para denominar um poço existente no Rio Vermelho, mais precisamente no Parque da Carioca, um museu a céu aberto que encanta pelas belezas naturais da região.

Figura 45 - Palácio do Conde dos Arcos



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 45	
Topônimo: Palácio do Conde dos Arcos	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Axiotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: palácio: do Latim <i>palatium</i> ; conde: do Latim comes; Arcos: do Latim <i>arcus</i> .	
Estrutura morfológica: Locução substantiva formada pelo substantivo palácio + preposição do + substantivo Conde + preposição dos + substantivo arcos, (substantivo masculino)	
Informações enciclopédicas: Foi uma adaptação de quatro residências para abrigar os governadores da Capitania, transformada em Museu no ano de 1961. O Museu possui	

exposição permanente da história dos governadores de Goiás. Em Julho por três dias a cidade de Goiás volta a ser capital do estado.
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br ; trajetar.com.br .
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Figura 46 - Rua Monsenhor Azevedo



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 46	
Topônimo: Rua Monsenhor Azevedo	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Axiotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: (origem da palavra <i>monsenhor</i>). Do Italiano <i>monsignore</i> . <i>Azevedo</i> origina-se do Português Arcaico, 'terreno onde crescem <i>azevos</i> ', ou seja, azevinhos (<i>aquifolium</i> em latim). É topônimo comum em Portugal e na Galiza, onde aparece sob as formas <i>Acebedo</i> e <i>Acevedo</i> .	
Estrutura morfológica: Nome Composto por aglutinação meu + senhor. (Substantivo masculino). + Sobrenome, (Substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: O nome Monsenhor Azevedo substituiu o antigo nome da rua do Rintintin. É uma homenagem a Dom Francisco Ferreira de Azevedo, primeiro bispo que morou na cidade de Goiás.	
Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); Dicionário online de nomes próprios.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 47 - Poço do Bispo



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 47	
Topônimo: Poço do Bispo	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Axiotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Vem do latim <i>Episcopus</i> , “bispo”, do grego <i>Episkopos</i> , “supervisor”.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo masculino)	
Informações enciclopédicas: O poço do Bispo faz parte do parque da Carioca, é muito frequentado por moradores e turistas que gostam de prestigiar o Rio vermelho.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Mesmo sendo uma categoria de topônimos muito presente na Cidade de Goiás, não contava com tanta frequência nas obras pesquisadas. Isso talvez, porque a autora quisesse demonstrar na sua poética, a parte mais pobre da sua comunidade, escolhendo os becos como fonte de referências para ilustrar sua lírica. Sabe-se bem, que os Axiotopônimos descrevem os títulos atribuídos a determinados moradores ilustres que provavelmente não denotava tanta importância para autora. Um fato curioso que apareceu durante a pesquisa, foi a descoberta feita numa conversa informal, onde uma moradora relatou que a Cidade de Goiás era dividida em duas zonas. A zona de Sant’Ana e a zona do Carmo, ou seja, do lado da matriz a zona 1 e do lado das igrejas de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Rosário, zona 2. Nesse momento ficou claro a divisão Social e econômica verbalizada por essa senhora. O lado 1 se refere a elite e o lado 2 a parte menos favorecida da população.

3.3.8 Cronotopônimos

Essa taxionomia, descreve os topônimos que encerram indicadores cronológicos de um modo geral. Nesse caso já foi citado anteriormente um topônimo que se encaixa nessa descrição, o nome “Goiás Velho”, desse modo, como já foi descrito, será apresentado somente a Rua Nova e a rua 13 de Maio, que também se enquadram na classificação de Cronotopônimos, e compõe 3,5% dos topônimos identificados. A Rua Nova antecede a rua da Abadia e completa a rua Eugênio Jardim que tem início no Largo do Rosário, já a rua 13 de Maio está paralela à Av. Beira Rio que acompanha a margem esquerda no sentido desague do Rio Vermelho.

Figura 48 - Rua Nova



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 48	
Topônimo: Rua Nova	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Cronotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Do Latim, <i>novus</i> .	
Estrutura morfológica: Nome simples, (Adjetivo feminino).	
Informações enciclopédica: Rua que compõe o primeiro quarteirão que sai da Igreja do Rosário sentido a rua da Abadia, também conhecida por Rua Eugênio Jardim.	
Referências: Dicionário Priberan.org; Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 49 - Rua 13 de Maio



Fonte: IBGE (1983)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 49	
Topônimo: Rua 13 de Maio	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Cronotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Data que marca a assinatura da Lei Áurea que aboliu a escravidão no Brasil.	
Estrutura morfológica: Nome composto formado por um numeral e um substantivo.	
Informações enciclopédicas: Essa rua também recebe o nome de Rua Joaquim Bastos.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); cidades.ibge.gov.br	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Esses designativos estão situados bem próximos da casa de Cora, o que nos leva a pensar que essa seria a motivação da autora em citar tais topônimos, pois os mesmos estiveram diretamente ligados ao cotidiano da autora.

3.3.9 Dirrematopônimos

Os topônimos construídos por meio de frases ou enunciados linguísticos são denominados Dirrematopônimos. Desse modo a Igreja de Nossa Senhora Aparecida de Areias e a Casa Velha da Ponte estão classificadas nesse grupo, pois o nome só apresenta o significado original, quando pronunciado por inteiro, sem suprimir alguns dos vocábulos que formam o enunciado. Esses dois topônimos correspondem também a 3,5% dos vocábulos analisados.

Figura 50 - Igreja de N. S. Ap. de Areias

Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 50	
Topônimo: Igreja de Nossa Senhora Aparecida de Areias	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Dirrematotopônimo e hagiopotônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Aparecida é o particípio passado do verbo aparecer, que vem do latim <i>apparere</i> . Areias se refere ao lugar (vilarejo próximo a cidade de Goiás) onde foi encontrada tal santa e edificada a igreja.	
Estrutura morfológica: Locução substantiva formada, pelo pronome possessivo nossa + substantivo senhora + preposição de + substantivo Aparecida + preposição de + substantivo Areias, (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Localizada no Distrito de Areias, foi construída em 1910, no 12 de outubro acontece a Romaria em louvor a Nossa Senhora de Aparecida.	
Referências: Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); cruzterrasanta.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 51 - Casa Velha da Ponte

Fonte: Nayara Vieira (2006)

Ficha lexicográfica-toponímica

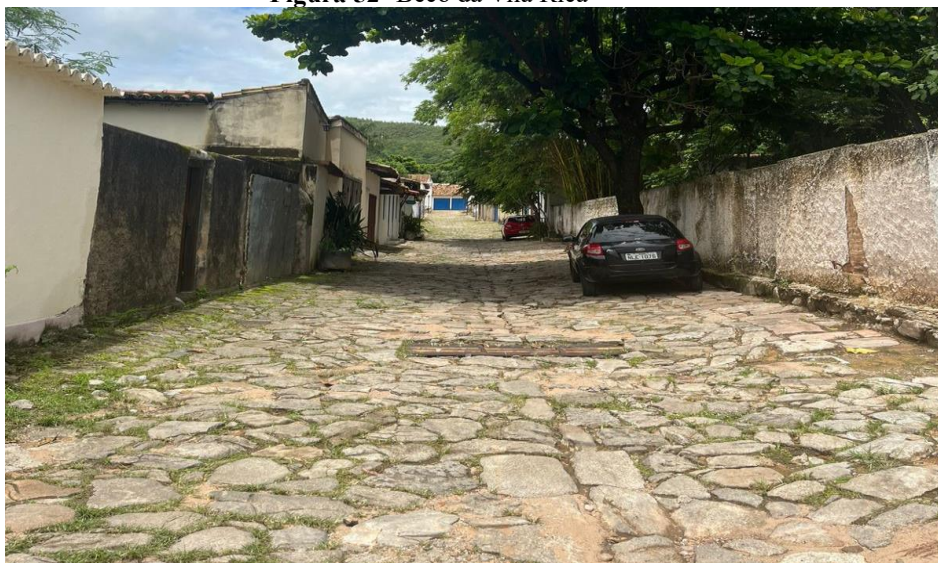
Nº de ordem: 51	
Topônimo: Casa Velha da Ponte	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Dirrematopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Topônimo criado para nominar a casa da Escritora Cora Coralina na cidade de Goiás.	
Estrutura morfológica: locução substantiva formada pelo substantivo casa + adjetivo velha + preposição da + substantivo ponte. (substantivo feminino)	
Informações enciclopédicas: Esta casa é conhecida por ter abrigado a mais famosa moradora da cidade, foi construída na segunda metade do século XVIII, sendo uma das primeiras construções edificadas na antiga Villa Boa de Goyaz. Foi comprada pela família da escritora no início do século XIX, ainda na infância do seu avô. A construção apresenta características típicas da arquitetura residencial desenvolvida no Brasil colônia. Composta por duas residências unidas por um único telhado, a construção de madeira tem paredes de pau-a-pique e adobe, criando assim uma muralha de proteção contra as águas do Rio Vermelho. A Fundação Cora Colina montou em uma parte da casa um Museu dedicado à memória da escritora. Lá funciona também um miniauditório e a sede regional do Pró ler.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; prefeituradegoias.com.br; trajetar.com.br. DICK (1975) (1992); CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

As igrejas de Goiás estão muito presentes na poética Coralineana, acredita-se que a autora quis citar tais topônimos como forma de representação da sua fé. A Casa Velha da Ponte também é uma referência recorrente nessa lírica, pois esse espaço compõe boa parte da vida dessa poetisa, que deu nome à sua morada para eternizar o lugar em que nasceu e viveu boa parte da sua existência.

3.3.10 Poliotopônimos

Os topônimos constituídos pelos vocábulos Vila, aldeia, cidade, povoação, arraial, são denominados Poliotopônimos. Nessa análise, identificamos dois designativos que se enquadram nessa classificação, são eles Beco da Vila Rica e Villa Boa de Goyaz. O segundo também se enquadra na categoria dos Etnotopônimos, por ter o nome Goyaz, porém como o termo Villa aparece no início da locução optamos por denominá-lo como Poliotopônimo.

Figura 52- Beco da Vila Rica



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 52	
Topônimo: Beco da Vila Rica	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Poliotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Do baixo latim <i>vallarica</i> .	
Estrutura morfológica: Nome composto formado por justaposição pelo substantivo Vila + adjetivo Rica. (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Beco situado aos fundos da casa de Cora Coralina.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; Dicionário Infopédia de Toponímia; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br; trajetar.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 53 - Villa Boa de Goyaz



Fonte: vilaboadegoias.com.br

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 53	
Topônimo: Villa Boa de Goyaz	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Poliotopônimo e Etnotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: Villa: do Latim <i>villa</i> ; Boa: do Latim <i>bônus</i> ; enquanto Goyaz tem origem no Tupi.	
Estrutura morfológica: Nome composto por aglutinação, (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: segundo nome atribuído a capital goiana, antes denominada Arraial de Sant'Ana.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); QUINTELA (2003); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

O Beco da Vila Rica é uma referência de lugar muito presente na literatura de Cora, pois ele se situa aos fundos da casa da autora, que o utilizava sempre como passagem para ir à escola da Mestra Silvina. Desse modo esse espaço também foi parte da sua história. Já o Nome Villa Boa de Goyaz é notadamente a variante preferida pela autora para denominar a cidade, tanto, que umas de suas obras recebeu esse título e é um dos livros escolhidos como fonte de dados para elaboração dessa pesquisa.

3.3.11 Historiotopônimos

Topônimos que se referem a movimentos de cunho histórico-social, aos seus membros ou ainda a datas correspondentes, são denominados Historiotopônimos. Na presente pesquisa foi possível identificar uma taxa que se enquadra nessa classificação, trata-se do Museu das Bandeiras que no passado era denominado Casa de Câmara e Cadeia Pública e exercia outra função social. Esse monumento arquitetônico está presente na história da Cidade de Goiás desde o século XVIII, e resiste ao tempo testemunhando o desenvolvimento histórico, social e cultural da comunidade Vilaboense. Dessa forma, é impossível descrever a história da cidade sem citar tal exemplo. Acreditamos que Cora Coralina ao citar esse topônimo teve a intenção de mostrar para o público (seus leitores), um espaço importante que marcou sua vida e a história da Cidade de Goiás.

Figura 54- Museu das Bandeiras

Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 54	
Topônimo: Museu das Bandeiras	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Historiotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: bandeira deriva do espanhol <i>bandera</i> ; pelo castelhano banda, com sentido de estandarte + o sufixo eira.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: A antiga casa de Câmara e cadeia, foi iniciado em 1761 e concluída em 1766. Em 1950 foi transformada no Museu das Bandeiras, desde então faz parte da política patrimonial nacional.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br; trajetara.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

3.3.12 Animotopônimos

Os Animotopônimos ou Nootopônimos, são topônimos relativos à vida psíquica e a cultura espiritual. Desse modo, há apenas um topônimo que representa essa taxionomia. A Pinguelona dos Destemidos faz parte do conjunto de cinco pontes construídas sobre o Rio Vermelho para ligar a cidade. Assim o topônimo Destemidos é um nome carregado desses valores, pois está relacionado com a coragem, a valentia e o destemor.

Figura 55 - Pinguelona dos Destemidos

Fonte: Fernando Arkanjo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 55	
Topônimo: Pinguelona dos Destemidos	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Animotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: pinguela: do Latim <i>tabula</i> ; destemidos: particípio do Latim <i>intrepidus</i>	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição entre o substantivo Pinguelona + preposição do + Adjetivo Destemidos, (Substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Uma das cinco pontes que ligam as duas partes da cidade de Goiás, esta fica bem próxima do Largo da Carioca, no alto Rio Vermelho.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

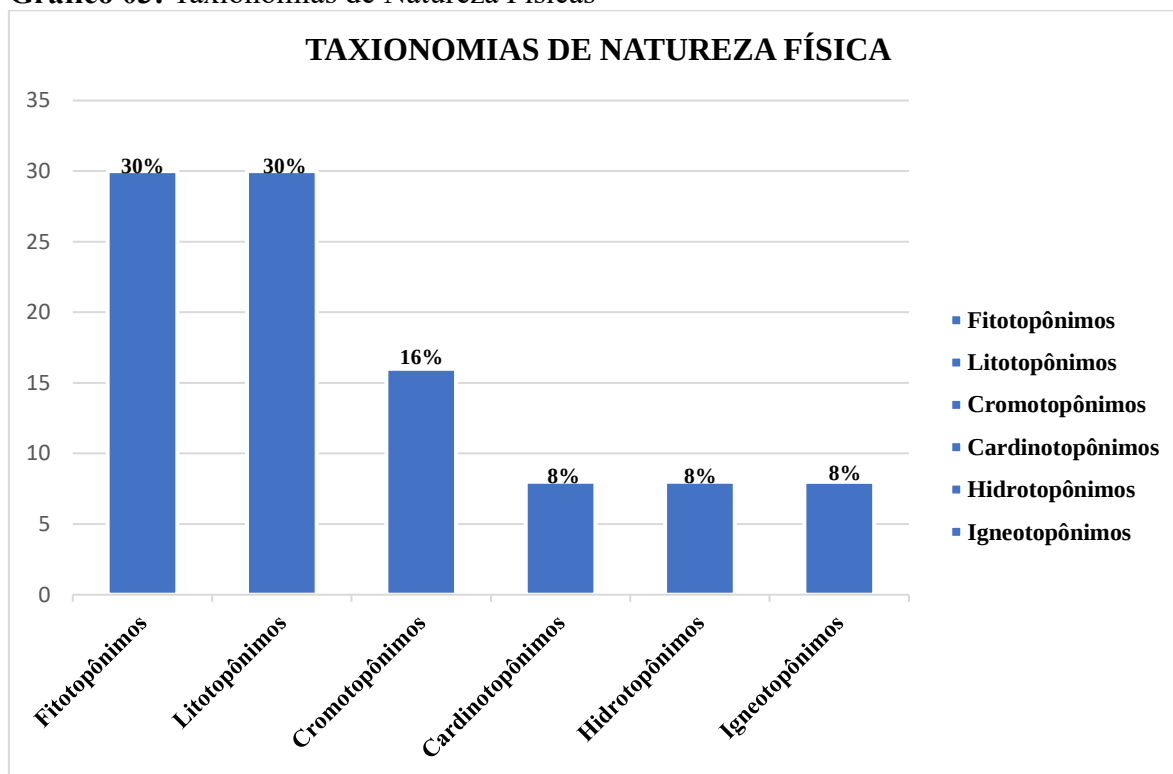
Ao finalizar a análise dos 55 topônimos de origem antropocultural, percebemos que o nome dado a determinados espaços reflete no desenvolvimento social, cultural e político do grupo humano que os denominaram, reforçando a ideia de Dick (1990) que descreve a toponímia de um determinado lugar como parte da sua identidade. Assim, são elementos fundamentais nos registros históricos e na perpetuação da cultura de uma sociedade.

A seguir será registrado o resultado da análise realizada acerca das taxionomias de Natureza Física que foram identificadas nos livros **Poemas dos Becos de Goiás** e **Estórias a Mais e Villa Boa de Goyaz** de Cora Coralina.

3.4 Análise dos Topônimos de Natureza Física

No gráfico abaixo estão apresentadas as taxionomias de Natureza Física identificadas nas obras: **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a mais** e **Villa Boa de Goyaz**.

Gráfico 03: Taxionomias de Natureza Físicas



3.4.1 Fitotopônimos

Os Fitotopônimos descrevem os vocábulos que tem índole vegetal, espontânea em sua individualidade. Nesse caso, se referem muitas vezes a natureza que compõe a região nomeada. Nessa categoria foram identificados quatro topônimos, que são: Beco das Taquaras, Beco do Mingu, Milharal e Mata, que representam 30% dos designativos de Natureza Física, identificados nas obras pesquisadas. Dois deles: Milharal e Mata, não fazem parte da composição urbana da Cidade de Goiás, eram espaços existentes na fazenda Paraíso, na qual Cora Coralina vivenciou muitas experiências no seu tempo de criança. Como não foi possível registrar uma imagem do lugar denominado como Mata, fizemos uma referência com a imagem do quadro de Octo Marques, que faz referência a Fazenda Paraíso.

Figura 56 - Becos das Taquaras

Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 56	
Topônimo: Beco das Taquaras	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Fitotopônimo	Natureza: Física
Origem/Etimologia: "Taquara" é um vocábulo originário do termo Tupi <i>ta'kwar</i> .	
Estrutura morfológica: Nome simples, (Substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Beco que liga a Rua Dr. Neto a Rua 15 de Novembro.	
Referências: Dicionário Caldas Aulete digital; Dicionário Houaiss online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoidas.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 57 - Beco do Mingü

Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 57	
Topônimo: Beco do Mingu	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Fitotopônimo	Natureza: Física
Origem/Etimologia: árvore da flora brasileira, cuja madeira é usada nas obras de marchetaria.	
Estrutura morfológica: Nomes simples, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Beco que liga a Rua Corumbá à Rua Joaquim Bastos ou 13 de Maio. Fica bem próximo da Praça do Coreto. Esse Beco atualmente recebe o nome de Dep. João Coutinho.	
Referências: Dicionário online Priberam de Português; Dicionário Caldas Aulete digital. DICK (1975) (1992) CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 58 - Milharal



Fonte: Stockfoto (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 58	
Topônimo: Milharal	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Fitotopônimo	Natureza: Física
Origem/Etimologia: Terreno onde cresce o milho.	
Estrutura morfológica: nome simples, (substantivo masculino, coletivo de milho).	
Informações enciclopédicas: O milharal é citado por Cora Coralina no Poema do milho, como exemplo de devoção a terra e ao que ela nos fornece.	
Referências: Dicionário online Priberam de Português; Dicionário Caldas Aulete digital. DICK (1975) (1992); CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 59 - Mata



Fonte: Octo Marques (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 59	
Topônimo: Mata	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Fitotopônimo	Natureza: Física
Origem/Etimologia: Vem do Latim <i>matta</i> “esteira de junco, bosque, floresta”.	
Estrutura morfológica: Nome simples (Substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Parte da Fazenda Paraíso, onde morava Sinhá Matilde que está sempre presente nas reminiscências de Cora.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); origemdapalavra.com.br	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Esses designativos representam muito da devoção de Cora Coralina pela terra, pela natureza, que nos oferece o suficiente para sobrevivência. Em muitos de seus poemas a autora declara esse amor por tudo que é natural, pela simplicidade, pelo cotidiano na roça. Enfim pelo clima interiorano existente na Cidade de Goiás.

3.4.2 Litotopônimos

Os Litotopônimos são designativos que se originam dos nomes de minerais e de nomes relativos a constituição do solo. Nessa pesquisa foi possível identificar quatro taxes dessa natureza que são: Ponte da Lapa; Beco do Ouro Fino, Barro preto e Beco do Cisco, que

correspondem a 30% das taxas de Natureza Física. O Beco do Ouro Fino e a Ponte da Lapa, são citados por diversas vezes nos versos de Cora, isso pode ser explicado pelo fato da localidade, pois esses espaços ficam bem próximo à casa da autora, a ponte está situada na frente da sua residência (a Casa velha da Ponte), enquanto o Beco do Ouro Fino fica nos fundos da Igreja do Rosário. Já os topônimos Barro Preto e Beco do Cisco, estão numa localidade mais afastada, Barro Preto, fazia parte da Fazenda Paraíso, onde Cora ia a passeio durante sua infância e adolescência e o Beco do Cisco está situado na zona de Sant’Ana, o lado oposto da cidade em relação a casa da autora.

Figura 60 - Ponte da Lapa



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 60	
Topônimo: Ponte da Lapa	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Litotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: de origem celta, significa pequena gruta ou cavidade aberta na rocha. Do latim lapa, derivado do pré-céltico, “pedra”. (CUNHA, 1998, p. 465)	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Uma das cinco pontes que unem as duas partes da cidade de Goiás, feita toda em madeira é ponto de encontro e referência na Cidade de Goiás.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); dicionariodenomespróprios.com.br; prefeituradacidadedegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 61 - Beco do Ouro Fino



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 61	
Topônimo: Beco do Ouro Fino	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Litotopônimo	Natureza: Física
Origem/Etimologia: Ouro: Do Latim <i>aurum</i> ; Fino: Do Latim <i>Finis</i> .	
Estrutura morfológica: Nome Composto por justaposição entre o substantivo ouro + o adjetivo fino, (Substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Conhecida como Ouro Fino, essa via esteve associada à marginalidade e à comunidade de negros de passado escravo que ocupa o bairro até hoje. Assim como descreveu Cora, os becos da velha Goiás eram o local “onde família de conceito não passava”.	
Referências: Dicionário online de Português; Dicionário caldas Aulete digital; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeitura.degoias.com.br .	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 62	
Topônimo: Barro Preto	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Litotopônimo e Cromotopônimo	Natureza: Física
Origem/Etimologia: Barro: de origem Ibérica <i>lama</i> ; preto: do Latim <i>pressus</i> .	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição entre o substantivo Barro + o adjetivo Preto, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Local que fazia parte da Fazenda Paraíso, do avô de Cora Coralina.	
Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 62 - Beco do Cisco



Fonte: prefeituradegoias.com.br.

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 63	
Topônimo: Beco do Cisco	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Litotopônimo	Natureza: Antropocultural
Origem/Etimologia: De origem duvidosa, talvez do latim <i>cinisculus</i> . Pequena porção de cinza.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Um dos Becos da cidade de Goiás, situado na região do Mercado Municipal, sentido a rodoviária.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br .	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Como já foi apresentado anteriormente o topônimo “Barro Preto”, se enquadra em duas taxionomias, porém como a composição do solo antecede o adjetivo preta (cor), decidimos apresentá-lo na categoria dos Litotopônimos.

3.4.3 Cromotopônimos

Os topônimos relativos à escala cromática recebem o nome de Cromotopônimos. Na poética Coralineana essa taxa é representada por dois espaços que são referência na Cidade de Goiás, o Rio Vermelho e a Serra Dourada. Esses nomes representam 16% dos topônimos de Natureza Física analisados. O Rio Vermelho está presente na história de vida da autora desde o seu nascimento, ela o descreve como parte da família, como um amigo, como um avô e como

uma fonte de inspiração. Até a referência para mudança de nome tem indícios da influência do rio, pois o nome Cora Coralina remete, a coração vermelho. Diante de tanta devoção, pode-se dizer, que o Rio Vermelho é uma das personagens principais na poesia dessa autora, que em diferentes oportunidades ovacionou a existência dessas águas correntes, que embalaram sua infância, adolescência e velhice. A Serra Dourada cerca a cidade com a sua magnitude e beleza, refletindo a cor dourada com a luz do sol em dias claros.

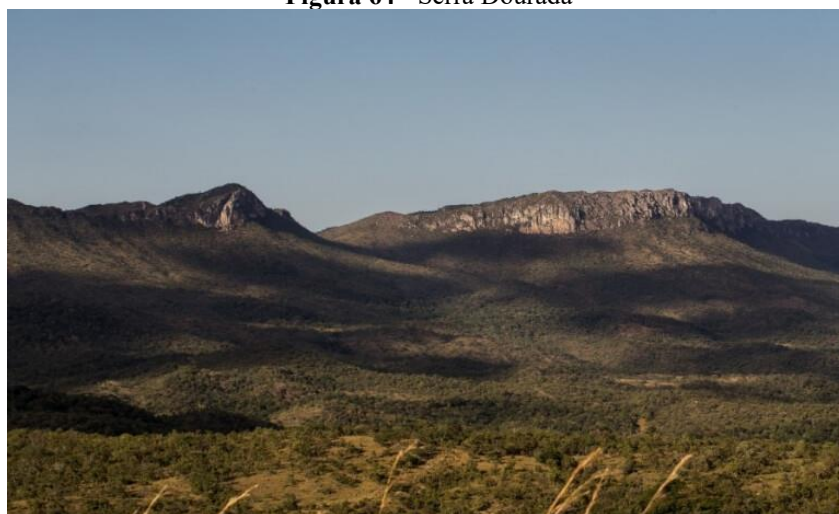
Figura 63 - Rio Vermelho



Fonte: Fernando Arkanjo (2023)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 64	
Topônimo: Rio Vermelho	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Cromotopônimo	Natureza: Física
Origem/Etimologia: Vermelho tem origem no latim <i>Vermicullus</i> “da cor do sangue”.	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: O Rio Vermelho nasce a 17 km da Cidade de Goiás, nos contrafortes da Serra Dourada, na região onde primeiro foi encontrado o ouro em Goiás. É um símbolo da cultura dessa cidade, pois foi devido a existência do Rio que Bartolomeu Bueno da Silva fundou o Arraial de Santana, hoje a cidade de Goiás.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; blogdacidadedegoias.blogspot.com; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); cidades. Ibge.gov.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Figura 64 - Serra Dourada

Fonte: Eliane de Castro (2021)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 65	
Topônimo: Serra Dourada	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Cromotopônimo	Natureza: Física
Origem/Etimologia: Referente a cor do ouro.	
Estrutura morfológica: Nome Simples, (substantivo feminino)	
Informações enciclopédicas: A Serra Dourada, patrimônio goiano, circula a cidade de Goiás. Localizada entre os municípios de Goiás e a cidade de Mossâmedes, recebeu esse nome por refletir a luz do sol, fato que provoca um efeito dourado, que também lembra ouro, responsável pelo processo de colonização da região.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br ; www.revista.ueg.br .	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Esses Cromotopônimos são parte da cidade e da história de Cora, duas referências naturais conhecidas mundialmente devido a poesia dessa autora, que nos seus versos descreveu a paisagem e os lugares vilaboenses que cercaram sua vida. Há ainda um terceiro topônimo que também se enquadra nessa categoria, que é o nome “Barro Preto”, porém por iniciar com o elemento Terra, foi classificado como Litotopônimos, obedecendo a sequência estrutural, na qual Barro antecede o adjetivo preta.

3.4.4 Cardinotopônimos

Os Cardinotopônimos são topônimos referentes às posições geográficas e na poética Coralineana essa referência é representada pelo nome Rua Direita, que representa 8% dos

topônimos de Natureza Física identificados nas obras analisadas. O designativo Rua Direita era comum nos centros comerciais, no período da colonização, havia sempre uma rua à direita do comércio e da principal igreja da cidade, pois, os católicos sempre pregam que Jesus está à direita do pai. Na Cidade de Goiás não é diferente a Rua Direita fica à frente da Matriz de Sant'Ana e a direita da Igreja do Rosário.

Figura 65 - Rua Direita



Fonte: Veiga, Alencastro (1909)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 66	
Topônimo: Rua Direita	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Cardinotopônimo	Natureza: Física
Origem/Etimologia: Do Latim Directus	
Estrutura morfológica: Nome simples, (Substantivo feminino, Próprio, singular).	
Informações enciclopédicas: Rua situada em frente a Matriz de Sant'Ana, ligando a praça do Coreto a Igreja do Rosário.	
Referências: Dicionário Caldas-Aulete digital; Dicionário Houaiss Online; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Na atualidade essa rua é denominada Moretti Foggia, o antigo nome já não é mais lembrado por maior parte da população que passa por essa via. Esse é um dos motivos que levou a autora a descrever na sua poética os topônimos que ilustram sua cidade, para eternizá-los juntamente com sua literatura.

3.4.5 Hidrotopônimos

Os topônimos originados de acidentes hidrográficos, são classificados como Hidrotopônimos. Na poética Coralineana foi possível identificar alguns designativos genéricos dessa taxa, como: Rio, poço e cachoeira, porém nessa pesquisa nos apegamos ao topônimo propriamente dito (o nome). Assim o que nos remete a tal informação é o vocábulo Cachoeira Grande, que denomina um beco, próximo ao cemitério, na Cidade de Goiás, “Beco Cachoeira Grande”. Esse designativo representa 8% das taxas de Natureza Física encontrados nas obras **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais e Villa Boa de Goyaz** de Cora Coralina.

Figura 66 - Beco da Cachoeira Grande



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 67	
Topônimo: Beco Cachoeira Grande	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Hidrotopônimo e Cardinotopônimo	Natureza: Física
Origem/Etimologia: Cachoeira: do Latim <i>capulu</i> que significa punhado; Grande: Do Latim <i>Grandis</i> .	
Estrutura morfológica: Nome composto por justaposição: pelo substantivo cachoeira+ adjetivo grande, (substantivo feminino).	
Informações enciclopédicas: Um dos becos que formam o centro histórico da Cidade de Goiás, próximo ao cemitério municipal.	
Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); CORALINA (2014); prefeituradegoias.com.br.	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

3.4.6 Igneotopônimo

Os Igneotopônimos não estão classificados nas taxionomias elaboradas por Dick (1975) (1992). No entanto são categorizados por Carvalho (2010, p. 149), sob a orientação da Professora Dick, que contribuiu com a elaboração do Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso – Mesorregião Sudeste Mato-grossense como tese de Dissertação do curso de Doutorado, no ano de 2010. Desse modo a autora classifica os Igneotopônimos como: “As unidades lexicais que se referem ao fogo, abrangendo todos os produtos resultantes da sua ação direta, quando usadas para denominar acidentes físicos e acidentes antrópicos”.

Figura 67 - Rua do Fogo



Fonte: Araújo (2024)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 68	
Topônimo: Rua do Fogo	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Igneotopônimo	Natureza: Física
Origem/Etimologia: Do latim <i>focus</i> .	
Estrutura morfológica: Nome simples, (substantivo masculino).	
Informações enciclopédicas: Continuação da Rua da Abadia.	
Referências: Referências: Dicionário online Caldas Aulete; DICK (1975) (1992); prefeituradegoias.com.br . CUNHA (2010); CORALINA (2014).	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

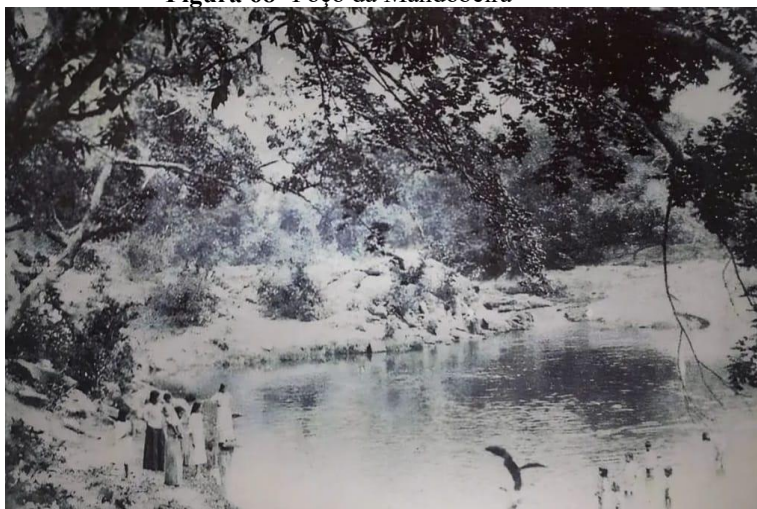
Os topônimos de Natureza Física, se apresentam em números bem menores em relação aos Topônimos de Natureza Antropocultural, mas isso se explica pelo fato da relação social, cultural e histórica que a nomeação de lugares apresenta numa sociedade. Na maioria das vezes

ao nomear os espaços o homem se espelha no que já conhece, no que tem relação com seu meio, assim ele se vale do vocabulário existente para registrar e catalogar novas descobertas.

3.5 Topônimos de Natureza não identificada

Identificar os topônimos presente na literatura Coralínea foi uma experiência nova e muita válida no decorrer desse último ano, porém não imaginava que fosse uma tarefa tão complicada verificar in loco esses espaços. Como a autora mesmo cita no poema Mutações, “muita coisa na cidade mudou de nome”, e muitas vezes não há registros dos antigos designativos de tais espaços. Os dois últimos topônimos são citados pela autora justamente para não caírem no esquecimento, pois ao fazer parte da sua lírica esses espaços se eternizaram, juntamente com a sua história. Infelizmente não foi possível identificar a origem etimológica e Semântica dos Topônimos citados, mas por outro lado sabemos que a autora ao registrar tais designativos teve a intenção primeira, de perpetuar junto a sua poesia os nomes que a ilustraram.

Figura 68- Poço da Mandobeira



Fonte: Joaquim Craveiros (1911), por Fernando Arkanjo (2023)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 69	
Topônimo: Poço da Mandobeira	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Não identificada	Natureza: Não identificada
Origem/Etimologia: Não identificada	
Estrutura morfológica: Não identificada	
Informações enciclopédicas: referência a um poço no Rio Vermelho, citado na poesia de Cora Coralina.	
Referências: CORALINA (2014)	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	

Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

Figura 69 - Largo do Retemtem



Fonte: IBGE (n. d.)

Ficha lexicográfica-toponímica

Nº de ordem: 70	
Topônimo: Larginho do Retemtem	Localização: Cidade de Goiás-GO
Taxionomia: Não identificada	Natureza: Não identificada
Origem/Etimologia: Não identificada	
Estrutura morfológica: Não identificada	
Informações enciclopédicas: Nome atribuído no passado à praça do Coreto na cidade de Goiás.	
Referências: CORALINA (2014)	
Data da Coleta: Ago. 2023 a Nov. 2023	
Pesquisador: Leênny Teixeira de Araújo	
Revisor: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira	

Ao finalizar a análise dos topônimos presentes nas obras de Cora Coralina, foi possível reconhecer as especificidades da nomeação como característica cultural de uma determinada sociedade. Os nomes dos lugares escolhidos em diferentes épocas, traz à tona as reminiscências do povo que habita tal lugar. Ao citar os topônimos que compõe a Cidade de Goiás, a autora transfere para sua poética o valor sentimental que cada lugar representa na sua memória. E ao percorrer os becos e ruas da centenária Cidade de Goiás, vê-se entre as paredes, a poesia de Cora sendo representada. A descrição da autora é tão precisa, que leva o leitor-pesquisador a entender a importância de cada espaço na história dessa mulher, que ao longo da vida registrou nos seus caderninhos espirais, a beleza da Cidade de Goiás vista através de seus olhos.

Cora Coralina não exagerou quando atribuiu tantas qualidades a sua terra, a sua casa e a sua história. Certamente os poemas descritos na sua poética foram apenas relatos do seu

cotidiano, para ela a vida era uma poesia, Cora transformou os dias amargos em doces. Desistir ou fraquejar são palavras desconhecidas no vocabulário dessa mulher que ao longo da vida superou infinitos obstáculos. A frente de seu tempo ela reviveu sua cidade e sua história e se tornou imortal nas lembranças de homens e mulheres de várias gerações.

Em relação à Toponímia, é possível dizer, embora não haja dados para tal, que os lugares vilaboenses foram sendo nomeados sob influência (ou em decorrência de) fatores históricos e culturais que eram percebidos durante cada período, tanto da antiga Villa Boa, quanto da antiga Goiás (Goyaz). Em outras palavras, os dados mostram que, provavelmente, os lugares inicialmente, foram nomeados espontaneamente pelos então moradores vilaboenses, seja à época da colonização ou em períodos subsequente, do século XVII ao século XIX, ou até já no século XX (Ritintin, por exemplo). O que revela a intrínseca relação entre língua e cultura e outros fatores adicionais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao concluir essa pesquisa, faz-se necessário apresentar novamente o objetivo principal do estudo, que buscou analisar os lugares presentes na obra de Cora Coralina (prosa ou poesia), pois reconhece que vinculados aos topônimos, subjazem as percepções do nomeador acerca do lugar nomeado. E diante de tal reflexão elencar os resultados alcançados no percurso desse trabalho que mesmo apresentando inúmeras dificuldades foi concluído com êxito. A principal dificuldade encontrada, foi identificar os lugares que tiveram suas denominações alteradas ao longo da história e não apresentavam registros sobre essas mudanças, mas através de conversas informais com moradores do entorno desses espaços conseguimos respostas satisfatórias para conclusão dos resultados almejados. Após a identificação dos topônimos nas obras, foram realizadas visitas *in loco*, em cada lugar designado, para que não houvesse dúvida acerca da existência desses espaços.

A revisão bibliográfica para realização da pesquisa, bem como as análises linguísticas acerca dos nomes em questão, possibilitou a confirmação de que há de fato uma interface entre Toponímia e Literatura, pois, o texto literário apresenta o espaço (lugar nomeado) como parte da narrativa, e os nomes escolhidos para designar esses lugares são topônimos, ou seja, objeto de estudo da Toponímia. Esmeraldo (2020l), narra que:

O caráter espacial dos poemas [...] de Cora Coralina, não traduz somente as peculiaridades físicas e humanas do espaço e da Cidade de Goiás, mas, sobretudo, transfiguram o espaço local, em um espaço reconhecido nacionalmente, como forma autêntica e válida entre as diversas manifestações literárias. (ESMERALDO, 2020, p. 109).

O ato de nomear os espaços e tudo mais que existe, é uma atividade antiga, realizada desde os primórdios da existência humana. Dessa maneira, analisar os nomes dos lugares, físicos ou culturais, nos textos Coralineanos é uma forma de desvendar as motivações que levaram essa poetisa a citar tais topônimos e ainda identificar a motivação que subjaz à escolha desses nomes para esses lugares em tempos não contemporâneos.

Desse modo, ao elencar os locativos presentes na poética Coralineana, com objetivo de realizar uma análise toponímica, elucida a necessidade de um levantamento dos lugares literários que ilustram essa narrativa. Após a análise das obras, conclui-se que Cora Coralina é uma autora que descreve a paisagem natural e a arquitetura da Cidade de Goiás com uma precisão tão intensa, que leva o leitor a viajar pelos Becos, pelas Praças, pelas igrejas, pela Serra Dourada, pelo Rio Vermelho, por sua casa, “A casa Velha da Ponte” e por tantos outros lugares que ilustram esse espaço centenário.

Os topônimos descritos pela autora, provavelmente, podem ser vistos como personagens, já que em muitas narrativas parecem compor e atuar no sentido de dar uma paisagem à cena. O fato ocorreu ali, não em outro lugar. Muitos deles, são citados em várias obras, como é o caso do Rio vermelho, que também aparece como sua inspiração para criação do seu pseudônimo “Cora Coralina (Coração Vermelho)”, como cita Pertel (2021, n. p.).

Diante, das inúmeras declarações de afeto e paixão descritas sobre o lugar nas obras citadas, Cora Coralina comprova que teve inicialmente, a intenção de eternizar esses lugares. Utilizando-se do léxico goiano, que é tipicamente interiorano, essa autora apresenta ao mundo o espaço que a criou, que deixou esquecida a menina “Aninha”, dando origem a “Cora”, uma mulher forte, que encantou e encanta leitores de várias gerações.

A revisão teórica acerca dos estudos do léxico constitui aparato essencial na preservação da cultura de um povo e foi o eixo norteador desse estudo, que busca no nome, a explicação para a escolha de tais termos, para compor o repertório lírico das obras analisadas.

É oportuno ainda ressaltar que diante do caráter interdisciplinar (ou multidisciplinar) da Toponímia, a relação entre os estudos toponímicos e a Literatura para realização da pesquisa, mostrou-se efetiva, descortinando a interface entre essas ciências que, ao longo da história tem sido objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas.

Vale reiterar ainda, que a contribuição dessa pesquisa se pauta, sobretudo, na relevância da Toponímia para organização social e cultural de um lugar. Linguisticamente, constitui um acervo lexical, pois remonta a um léxico vilaboense bem específico que, às vezes, até perdeu seu sentido primeiro.

Nesse sentido, analisar os topônimos que aparecem na Literatura Coralineana é uma maneira de reconhecer a importância dessa provável nomeação espontânea (inicialmente espontânea) na cultura vilaboense e nas diversidades goianas que compõem as diferentes regiões e épocas da constituição deste território.

Conhecer e pesquisar a obra de Cora Coralina é viajar pela história da Cidade de Goiás. A autora mostra através da sua lírica os encantos desse lugar que é referência em preservação e manutenção da história e cultura de uma sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Marcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoas: Introdução a Antroponímia Brasileira**. São Paulo, Blucher, 2020.
- ANANIAS, Ana Carolina Chiarotti dos Santos; ZAMARIANO, Marcia. **Construção da Identidade Toponímica: Os Nomes do Municípios Paranaense**. Rio de Janeiro, Diadorim. v. 16, p. 185-208, dezembro de 2014. Disponível em <https://revista.ufrj.br>, acesso em 13 de abril de 2023.
- ANANIAS, Ana Carolina Chiarotti dos Santos; ZAMARIANO, Marcia. **Interface dos Estudos Toponímicos com a Literatura em Iracema de José de Alencar**. Natal-RN, Revista GELNE, V. 16, N]1/2, P. 319/344, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br>, acesso em 14 de maio, de 2023.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos; NUNES, Verônica Ramalho. **Cultura e Identidade no estudo dos nomes de lugares**. Uberlândia, GTlex, v.1, nº 1, Jul/dez, 2015. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org>, acesso em 12 de junho, de 2023.
- ARAÚJO, Leênny Teixeira de. **Os Topônimos em Villa Boa de Goyaz de Cora Coralina. Goiás**. III SIELLI- Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade e Encontro de Letras. V. 03, 2023. Disponível em: <https://anais.ueg.br/>
- ARAÚJO, Leênny Teixeira; SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. **A cor como elemento ecológico para motivação de Topônimos**. Brasília, ECO-Rebel- Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 09, nº 02, p. 131-146, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br>, acesso em 12 de junho de 2023.
- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa on line**. Disponível em: <https://aulete.com.br/>, acesso em: 11 de novembro de 2023.
- BARBOSA, Lucia Maria de Assunção. **O conceito de Lexicultura e suas Implicações para o Ensino-aprendizagem de Português Língua Estrangeira**. Filologia e Linguística Portuguesa. P. 31-41, 2009. Disponível em: <https://www.revista.usp.br>, acesso em 10 de julho, de 2023.
- BÍBLIA. **Antigo e Novo testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo. Junta de Educação Religiosa Imprensa Bíblica Brasileira. 2006.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A estrutura mental do léxico**. In: F. S. Borba. (org.) Estudos de Filologia e Linguística em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo, TAQ/EDUSP, p.131-145, 1981. Disponível em: <https://pt.scribd.com>, acesso em 02 de maio de 2023.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A Estruturação do Léxico e a Organização do Conhecimento**. Porto Alegre- RS, PUCRS, v. 22, nº 4, p. 81-96, 1987. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br>, acesso em, 18 de abril de 2023.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e Vocabulário Fundamental**. Alfa (ILCSE/UNESP). São Paulo, v. 40, p. 26-47, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br>, acesso em, 21 de setembro de 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A face quantitativa da linguagem: Um Dicionário de Frequência do Português**. Alfa (ILCSE/UNESP). São Paulo, v. 42, p. 157-181, 1998. <https://periodicos.fclar.unesp.br>, acesso em, 21 de fevereiro de 2023.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dimensões da Palavra**. Filologia e Linguística Portuguesa. n. 02, p. 1998, p. 81 -118. Disponível em: <https://dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998>. Acesso em: 06 de março de 2023.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CABRERA, Genoveva Torres. **Sobre Toponomástica**. 2002. Disponível em: <http://www.canatlantico.ulpgc.es/pdf/8/7/Sobre_toponomastica.pdf>. Capturado em 28 de junho de 2022.

CARVALHO, Maria Aparecida de. **Contribuições para o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso – Mesorregião Sudeste Mato-grossense**. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP- Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06102010-100017/publico/2010_MariaAparecidaCarvalho.pdf. Acesso em: 04 de maio de 2024.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Interface Onomástica/Literatura: **A Toponímia, o Espaço e o Resgate de Memória na Obra Memórias da Rua do Ouvidor, de Joaquim Manuel de Macedo**. Rio de Janeiro, Cadernos do CNLF, v. XII, nº 10, p. 83-99, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu>, acesso em, 10 de janeiro de 2023.

CASTRO, Maria Célia Dias de.; CARDEIRA, E. **Um Nome em Movimento: percurso linguístico-histórico do topônimo Maranhão**. Papeis. Campo Grande, MS. Vol. 24, nº especial, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br>, acesso em. 19 de junho de 2023.

CASTRO, Maria Célia Dias de. **Revisitação aos graus de motivação na toponímia maranhense**. In: AGUIAR, M. S. De; CASTRO, M. C. D. De; DIAS, M. L. C. Onomástica e a identidade do homem. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2018. p. 39-66. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br>, acesso em, 11 de maio de 2023.

CASTRO, Maria Célia Dias de. **A Ecolinguística e os Estudos Toponímicos**. Brasília, ECO-Rebel- Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, p. 153-172, 2017.

CORALINA, Cora. **Villa Boa de Goyaz**. 3ª ed. São Paulo, Global, 2014.

CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e estórias a mais**. 1ª ed. Digital. São Paulo, 2012.

CRESWELL, Jhon W. **Projetos de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. Tradução Magda Lopes; consultoria supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. 3ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2010.

CRUZ, Maria Fernandes da; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. **Onomástica Literária: Análise dos Antropônimos e dos Topônimos em Cacao**. GEADEL, V. 03, Nº 04, P. 20-32, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br>, acesso em: 12 de julho de 2023.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4ª ed. Revisada e atualizada. Lexikon editora LTDA. Rio de Janeiro, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi**. 4ª ed. São Paulo. Companhia Melhoramentos, Brasília- Universidade de Brasília, 1998.

DAVID, Nismária Alves; SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. **A nomeação do ser no processo narrativo: Uma leitura do conto “JoãoBoi” de Bernardo Élis**.

GUAVIRALETRAS, nº 18, p.36-52, jan. - jul. 2014. Disponível em: <http://websensors.net.br/>, acesso em: 10 de julho de 2023.

Dicionário de nomes próprios. Significado dos nomes. s/d. Disponível em: www.dicionariodenomespropios.com.br/sampaio. Acesso em 10 de outubro de 2023.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>, acesso em 11 de novembro de 2023.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **O Problema das Taxionomias Toponímicas, uma contribuição metodológica**. São Paulo. Revista Língua e literatura, v. 4, p. 372-380, 1975. Disponível em: <https://www.revista.usp.br>, acesso em, 24 de maio de 2022.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação Toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivos do Estado de São Paulo, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de estudos**. 2ª ed. FFLCH/USP. 1992.

ESMERALDO, Moema de Souza. **José Décio Filho e Cora Coralina: Poéticas da Cidade**. Rio de Janeiro, Revista Virtual de Letras, v. 06, nº 02, p. 208-220, ago./dez. 2014. Disponível em: <http://www.revlet.com.br>, acesso em: 24 de abril de 2023.

FLEURY, Bento. **As raízes profundas da Doutrina Espírita em Goiás**. Jornal Opção. 20 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/>, acesso em: 02 de janeiro de 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo, Atlas, 2010.

GOIÁS, Governo do Estado. **O Topônimo Goiás: Decreto Estadual nº 1.174/ Governo do estado de Goiás**. Goiânia UFG, 2016.

GUIMARÃES, Lidiane Silva Araújo; SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas Siqueira. Toponímia e Litertura: **O nome do Rio Como Referência no Conto Gente da Gleba**. Palimpsesto. V. 25, p. 42-68, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicações.uerj.br>, acesso em 02 de Março de 2023.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo, Moderna, 2011.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br , acesso em 12 de novembro de 2023.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **A Toponímia como signo de representação de uma realidade**. Campo Grande-MS, revista História UFMS, p. 27-46, Jul/dez, 1997. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br>, acesso em 14 de junho de 2023.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Léxico Regional: Análise de alguns marcos de conservadorismo linguístico**. Estudos linguísticos. São Paulo, v. 25, p.568-574,1996. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/>, acesso em, 20 de julho de 2023.

ISQUERDO, Aparecida Negri. SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande -MS, UFMS, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/>, acesso em, 12 de julho de 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5^a ed. São paulo, Atlas, 2003.

MATOS, Heloísa Reis Curvelo. **Estudo Toponímico Dos Nomes De Bairros De São Luís/Ma**. Rio de Janeiro, Matruga, v. 25, nº 43, p. 32-49, jan./ abr., 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br>, acesso em, 24 de junho de 2023.

MELO, Pedro Antonio. **Léxico Toponímico: Nomes De Motivações De Natureza Antropocultural Na Toponímia De Alagoas**. Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, v. 10, nº 01, p. 45-61, 2017. Disponível em:<https://periodicos.unemat.br>, acesso em. 25 de março de 2023.

MOREIRA, Thami Amarilis Straiotto. **O ato de nomear- da construção de categorias de Gênero até objeção**. Caderno do CNLF, vol. XIV, nº 4, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/>, acesso em, 14 de abril de 2023.

ORANGES, Caio Santilli. **O Texto Literário como Corpus para Análise Lexical: O Púcaro Búlgaro, de Campos de Carvalho**. São Paulo, Estudos Linguísticos, p. 213-225, 2017. Disponível em: <https://revista.gel.org.br>, acesso em: 02 de julho de 2023.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. 1^a ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PERTEL, Cleber Juliano. **Mulheres na Literatura - Cora Coralina**. Litteraria 2021. Disponível em: <http://interesses-sutis.blogspot.com>, acesso em: 08 de julho de 2023.

PLATÃO (Sócrates). **Teeteto Crátilo**. Belém: Editora Universitária, 2001.

Prefeitura Municipal de Goiás. **Guia de turismo privativo e compartilhado**. Disponível em: <http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/>, acesso em: 10 de dezembro de 2023.

SAPIR, Edward. **Linguística como Ciência**. Ensaios. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SARMENTO, Simone. **Ensino de Cultura na aula de Língua Estrangeira**. Revista Virtual dos Estudos da Linguagem-ReVEL, v. 02, n. 02, 2004. Disponível em: <http://www.revel.inf.br>, acesso em, 15 de abril de 2023.

SEIDE, Marcia Sipavicius. **Toponomástica e Antroponomástica: Paradigmas e métodos**. Confluência, v.44/45, p. 165-184, 2013. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br>, acesso em. 15 de novembro de 2022.

SEIDE, Marcia Sipavicius **Método de Pesquisa em Antroponomástica. Domínios da linguagem.** v. 10, p. 1146-1171, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br>, acesso em, 12 de janeiro de 2023.

SEIDE, Marcia Sipavicius. **Aspectos psicológicos da nomeação de lugares.** Uberlândia. Revista GTlex, v. 06, p.129-146, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br>, acesso em, 17 de julho de 2023.

SILVA, Eduardo Batista. **Léxico, cultura e formação crítica na aula de língua inglesa,** In: LUTERMAN, L. A.; POZZOBON, M. M.; SILVA, V. R; THEREZA JUNIOR, A. H. (org.). Educação linguística e formação docente: diferentes olhares epistemológicos. Campinas: Pontes. p. 231-243, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net>, acesso em 17 de novembro de 2022.

SILVA, Cleber Cezar da. **A Relação entre Língua e Meio Ambiente nos Hidrônimos do Estado de Goiás.** Tese de Doutorado em Linguística pela Universidade e Brasília. Brasília, 214 p. 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br>, acesso em 12 de abril de 2023.

SILVA, Cleber Cezar da. **Os Cursos D'água de Pires do Rio: Análise das Motivações Toponímicas.** Tese de Mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás- regional Catalão. Catalão, 122 f. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/>, acesso em 02 de outubro de 2023.

SILVA, Cleber Cezar; SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. **Os estudos Toponímicos: Considerações acerca darelação, língua, cultura e identidade.** Multi - Science Journal, v.01, nº 4, p. 56-61, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ifgoiano.edu.br/>, Acesso em, 02 de novembro de 2022.

SIMÕES, Darcília Mirandir. **Slides apresentados nas aulas on-line da disciplina Léxico e Cultura.** Rio de janeiro, 2022.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. **Nos Trilhos da Estrada de Ferro: Reminiscências de Motivação Toponímicas.** Pires do Rio, Revista ANPOLL (online), v.01, p.147-170, 2012. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br>, acesso em: 22 de março de 2023.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. **Toponímia Kalunga: aspectos da inter-relação língua, povo e território.** Anápolis, v. 7, n. 1, p.61-75, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/> Acesso em 15 de maio de 2023.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. **A Relação Língua/cultura.** Verbetes apresentados na disciplina Tópicos em Língua e Cultura. Goiás, 2022.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. **Toponímia na poesia: a memória inquieta dos lugares.** In: PAULA, Maria Helena de; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Estudos da linguagem em abordagens multiculturais. São Paulo: Mercado das Letras, p. 157-184, 2020.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. **Estudo toponímico: âmbitos e perspectivas de análises.** ReVEL, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: www.revel.inf.br, acesso em: 13 de julho de 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL de Ana Paula Tribesse Patrício. **Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick.** Uberlândia, GTLex, v. 06, nº 01, jul. /dez 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br> ,acesso em 25 de julho de 2023.

TRAPERO, Maximiniano, **Un Nuevo Método De Estudio Del Léxico Toponímico: Las Estructuras Semánticas**. Contextos, XII/23-24, p. 41-69, 1994. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es>, acesso em. 15 de março de 2022.

TRAPERO, Maximiniano. **La perspectiva semântica em los estudios de Toponomástica**, 1999. Disponível em: <http://canatlantico.ulpgc.es/pdf/8/7/ART_Perspectiva.pdf>. Acesso em, 20 de março de 2023.

VERDÉLIO, Andreia. **Especial Cora Coralina**. Canal EBC. S. d. Disponível em: <https://conteudo.ebc.com.br>, acesso em: 25 de julho de 2023.